

*Os Crimes*  
*Christie*

OS  
CRIMES

LTPM Pocket

A B C

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

.

.

—

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

.

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

.

.

—

-

.

-

.

..

.

-

.

.

.

-

.

.

.

.

.

.

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

.

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

-

Agatha Christie

Os Crimes

ABC

The ABC murders (1936)

### **Tradução de Rocha Filho**

INTRODUÇÃO DO CAPITÃO HASTINGS, O. B. E. (OFICIAL  
DA ORDEM DO IMPÉRIO BRITÂNICO)

Para esta narrativa usei meu método habitual de relatar somente incidentes e cenas por mim presenciadas. Certos capítulos, portanto, foram escritos na terceira pessoa.

Devo assegurar a meus leitores que atesto a veracidade das ocorrências relatadas nesses capítulos. O fato de ter usado uma certa licença

poética ao descrever pensamentos e sentimentos de diversas pessoas corre

por conta de meu desejo de dar-lhes uma dose razoável de exatidão. Devo

acrescentar que tais descrições haviam sido “podadas” pelo próprio Hercule

Poirot, meu bom amigo.

Concluindo, devo dizer que se me estendi bastante na descrição do

relacionamento de personagens secundários, surgidos em decorrência daquela

estranha série de crimes ABC, é porque o elemento humano nunca pode ser

ignorado. Certa vez, Hercule Poirot me ensinou, de maneira bem expressiva,

que o romance pode ser um subproduto do crime.

Quanto ao elucidamento do mistério ABC, posso dizer que, na minha

opinião, Poirot demonstrou enorme talento no modo como abordou um

problema diferente de todos com que já lidara.

## CAPÍTULO I - A CARTA

Foi em junho de 1935 que retornei à Inglaterra de volta da minha

fazenda na América do Sul para uma estada de uns seis meses. Fora uma fase

difícil para nós ali. Como todos então, tínhamos sofrido as conseqüências da

depressão mundial. Eu tinha vários assuntos para resolver no meu país que

dependiam de uma intervenção pessoal. Assim, deixei minha esposa cuidando

da fazenda e embarquei.

Não é necessário dizer que uma das primeiras coisas que fiz, ao

chegar a Londres, foi visitar meu velho amigo Hercule Poirot.

Fui encontra-lo instalado num dos mais novos apartamentos com serviço de hotel londrinos. Eu o critiquei (e ele reconheceu) por ter escolhido

2

aquele tipo de edifício simplesmente por causa de sua aparência e proporções

estritamente geométricas.

- Assim é, meu amigo, ele tem uma simetria mais agradável, não concorda?

Respondi que a coisa toda ali, me parecia muito na base do quadrado

e, apelando para uma velha blague, indaguei se naquela supermoderna

hospedaria já tinham conseguido induzir as galinhas a porem ovos quadrados.

Poirot riu com muita disposição.

- Ah, você ainda se lembra dessa história? Infelizmente a ciência não

conseguiu ainda fazer as galinhas se adaptarem aos gostos modernos, elas

continuam a botar ovos de diferentes tamanhos e cores!

Observei a figura de meu velho amigo com um olhar cordial. Ele estava

com uma excelente aparência, eu diria que nem um dia mais velho do que

quando o vira pela última vez.

- Está com ótimo aspecto, Poirot. Dificilmente aparenta a idade que tem. E, se isto fosse possível, diria que você está com menos fios de cabelo

branco do que da última vez em que nos vimos.

Sorrindo com certa sutileza, Poirot retrucou:

- E por que não seria possível? É, inteiramente exequível.

- Mas como? Quer dizer que seu cabelo em vez de tornar-se normalmente grisalho ficou preto de novo?

- Exatamente.

Eis o que considero uma impossibilidade científica!

- Mas não é, acredite.

- O que não deixa de ser extraordinário, meu amigo. E contraria uma

lei natural.

- Como sempre, Hastings, você demonstra seu admirável espírito confiante. Os anos não lhe roubaram essa maneira de ser! Você percebe um

fato e menciona a solução para o mesmo a um só tempo, sem notar que está

fazendo tal coisa!

Fiquei olhando-o, com ar embaraçado, curioso.

Sem dizer mais nada, Poirot foi ao seu quarto e de lá voltou com um

frasco que me entregou sem comentários. E eu pude ler o rótulo:

*REVIVIT: Para devolver a cor natural aos seus cabelos.*

3

*REVIVIT NÃO é tintura. Em cinco tonalidades: Cinza, Castanho-natural, Castanho-avermelhado, Castanho-escuro e Preto.*

- Poirot – exclamei – Você pintou o cabelo!

- Ah, por fim a compreensão voltou à sua mente!

- Eis aí então, por que seu cabelo dá a impressão de estar muito mais

negro do que da última vez em que aqui estive.

- Exatamente.

- Meu caro – disse, recuperando-me da surpresa inicial. – Suponho que

da próxima vez eu venha encontrá-lo usando um falso bigode... ou já está

acontecendo isso agora?

Poirot estremeceu como se lhe tivesse dito uma ofensa. Afinal, o bigode que cultivava há anos sempre fora seu ponto sensível. Orgulhava-se

dele, na verdade. Assim, minhas palavras o melindraram.

- Não, meu amigo, isso não. E rogo ao bom Deus que tal dia esteja bem distante. Um falso bigode! *Quel horreur!* – E o repuxou com força, como

se pretendesse assegurar-me de sua autenticidade.

- Bem, ele ainda está bem exuberante – comentei por fim.

- *N'est pas?* Nunca, em toda Londres, cheguei a ver um bigode igual ao meu.

Um bom disfarce também, pensei. Mas por nada deste mundo iria magoar Poirot dizendo isso. Daí que mudei de assunto, perguntando se ele

ainda estava exercendo sua profissão no momento.

- Sei que se aposentou há alguns anos...

- *C'est vrai.* Para cultivar abóboras! E aí logo ocorre um crime.. e eu mando as abóboras para o diabo. E desde então, sei muito bem o que está

pensando, eu me acho na situação de uma grande estrela que anuncia sua

retirada do palco! Um espetáculo de despedida, que ela repete um sem-

número de vezes...

Não pude deixar de rir da comparação.

- Na verdade, tem sido assim. Cada caso que acontece eu me digo:

este é o último. Mas não, algo sempre acaba acontecendo. É preciso admitir,

meu amigo, a aposentadoria que eu planejei de nada valeu. E afinal se as

células cinzentas não são exercitadas por nós, criam ferrugem, meu caro.

- Entendo. Você as utiliza com moderação.

4

Precisamente. Agora escolho os casos. Para o Hercule Poirot de hoje

somente a nata do crime.

- E tem havido muito crime deste tipo?

- *Pas mal*. Não faz muito tempo eu escapei por um triz.

Refere-se a um fracasso?

- Não, não. – Poirot pareceu chocado – Mas eu, eu, *Hercule Poirot*, quase fui eliminado.

Dei um leve assovio e arrisquei:

- Um assassino arrojado.

- Não tanto audacioso quanto despreocupado – retrucou Poirot – O termo é exatamente este. Mas não falemos mais nisso. Você sabe, Hastings,

em muitos aspectos, encaro você como minha mascote.

- É mesmo? E de que maneira?

Poirot não respondeu diretamente a minha pergunta. Fez um rodeio:

- Logo que soube de seu regresso, disse comigo mesmo: algo vai acontecer. Como nos velhos tempos iremos à caça juntos, nós dois. Mas esse

caso não será comum. Deverá ser algo – ele moveu as mãos com animação,

como se caçasse as palavras no ar – algo *recherché*... delicado, *fine*... – Poirot

conferiu à derradeira palavra intraduzível seu inteiro sabor.

- Na minha opinião, Poirot – observei – qualquer um que o ouvisse agora pensaria que você está encomendando um jantar no Ritz.

- E como ninguém pode encomendar um crime especial, não é mesmo? – Poirot suspirou fundo. – Mas eu acredito na sorte, no destino, se

você preferir. Pois seu destino é ficar a meu lado e me impedir de cometer o

erro imperdoável.

- E o que chama de erro imperdoável?

- Não perceber o óbvio.

Fiquei pensando e repensando sem apreender o sentido da observação. Por fim, disse, sorrindo de leve:

- Bem, já terá acontecido então esse supercrime?

- *Pas encore*. Pelo menos, é o que parece...

Poirot fez uma pausa. Em sua testa acentuou-se uma ruga de perplexidade. Num gesto automático, suas mãos repuseram em seus lugares

costumeiros dois objetos que, inadvertidamente, eu movera.

5

Não tenho certeza – disse então, em tom pausado.

Havia algo tão inusitado em sua entonação de voz que o contemplei,

surpreso. Aquele rictus de preocupação ainda era visível nele.

De repente, com um rápido e incisivo gesto de cabeça, Poirot deu alguns passos, acercando-se da escrivaninha perto da janela. Tudo ali estava

tão bem arrumado e distribuído pelo pequeno compartimento, coisa comum a

Poirot, que lhe era fácil encontrar de imediato o que desejava.

Então aproximou-se de mim, com uma carta na mão. Releu-a de passagem e depois, entregando-a para mim, disse:

- Leia, *mon ami*. Depois me diga o que pensa a respeito.

Com certa curiosidade, fiz o que me era pedido.

A carta fora escrita em papel de boa qualidade, espesso, com letras de

imprensa:

*Sr. HERCULE POIROT. Não é fato que supõe solucionar mistérios que desafiam a capacidade intelectual reduzida de nossa pobre polícia britânica?*

*Pois vejamos, Sr. Sagaz Poirot, até que ponto é inteligente. Talvez não*

*considere o assunto difícil de desvendar. Fique de olho em Andover, no dia 21*

*deste mês.*

*Seu, etc,*

*ABC.*

Olhei o envelope. O endereço também fora escrito com letra de imprensa.

- Veio de W.C.I. – disse Poirot, quando voltei minha atenção para o

carimbo postal. – Bem, qual a sua opinião?

Dei de ombros ao lhe devolver a carta e retruquei:

- É coisa de algum louco ou algo parecido, suponho.

- É tudo que tem a dizer?

- Bem... não acha que se trata de um demente?

- Sim, meu amigo, deve ser.

Ele falara em tom grave e o olhei meio intrigado, comentando:

- Está levando esse assunto muito a sério, Poirot.

- Um louco, *mon ami*, é para ser tomado a sério. Um tipo assim é realmente perigoso.

6

- Sim, é verdade... Eu não considerei devidamente esse aspecto... Mas

quis dizer que a coisa toda parece mais uma espécie de burla idiota. Talvez

produto da imaginação de algum brincalhão que foi além da conta...

- *Comment?* De que conta está falando?

- Foi apenas uma expressão comum. Quis dizer que o sujeito estava alto quando escreveu essa carta. Errou na dose do uísque.

- *Merci*, Hastings. Com a expressão "alto" eu já estou familiarizado.

Então, segundo você, a coisa não passa disso...

- E há mais alguma coisa? – indaguei, impressionado com a insatisfação que seu tom de voz denotava.

Poirot moveu a cabeça com ar duvidoso, mas não retrucou.

- O que você já fez a respeito dessa carta? – perguntei então.

- O que poderia fazer de saída? Mostrei-a ao Japp. Ele disse o mesmo

que você: “uma brincadeira tola”- foi a expressão que usou. Eles topam com

coisas desse tipo, diariamente, lá na Scotland Yard. E eu, também, tenho tido

minha cota...

- Mas você continua a encarar seriamente mais essa, não?

Poirot replicou pausadamente:

- Há algo nessa carta que eu não gosto, Hastings.

A despeito do que eu pensava sobre o caso, a expressão de Poirot voltou a me impressionar. E indaguei:

- Você pensa o que afinal?

Ele balançou a cabeça, guardou a carta no envelope e voltou a coloca-

la na escrivaninha.

- Se realmente leva a sério isso, por que não faz alguma coisa a

respeito? – insisti.

- Como sempre, falou o homem de ação! Mas o que há para fazer?  
A

polícia do condado também viu essa carta, mas igualmente não a levou a sério.

Não há impressões digitais nela. Não há indício algum sobre seu possível

autor.

- Resumindo: há somente seu instinto pessoal.

- Instinto, não, Hastings. É uma palavra mal escolhida. É meu

*conhecimento*, minha *experiência*, que me dizem haver alguma coisa que não

soa bem nessa carta...

7

Ele gesticulava quando as palavras exatas lhe escapavam. Então balançou de novo a cabeça, observando:

- Posso estar fazendo uma tempestade num simples copo d'água.  
De

qualquer maneira não há a fazer senão esperar.

- Bem, 21 deste mês cai numa sexta-feira. Se um roubo desses de chamar atenção ocorrer perto de Andover, aí então...

- Ah, que alívio seria!...

- *Alívio?* – exclamei. O termo me pareceu fora de propósito. – Um roubo dificilmente pode ser tido como um alívio.

Poirot moveu a cabeça com veemência, replicando:

- Está enganado, meu amigo. Você não entendeu o que eu quis significar. Um roubo poderá ser motivo de alívio se afasta da minha mente o

receio de algo mais.

- Refere-se a que em especial?

- Um *assassinato* – respondeu Poirot.

CAPÍTULO 2 - (NÃO FAZ PARTE DA NARRATIVA PESSOAL

DO CAP. HASTINGS)

O Sr. ALEXANDER BONAPARTE CUST levantou-se da cadeira e

olhou o que o rodeava em seu quarto acanhado. Tinha as costas doloridas

após estar sentado em posição incômoda e agora, de pé, qualquer um veria

que se tratava de um homem realmente alto. Sua figura meio encurvada e o

fato de ser míope causavam uma impressão enganosa.

Acercando-se de um cabide preso atrás da porta, ele remexeu no bolso

de um sobretudo bastante usado, retirando um maço de cigarros baratos e uma

caixa de fósforos. Acendeu o cigarro e então voltou a sentar-se à mesa. Pegou

um guia de trens e o consultou, passando a seguir ao exame meticoloso de

uma lista de nomes de pessoas batidas a máquina. Com a caneta, assinalou

então um dos primeiros nomes da lista.

Era sexta-feira, 20 de junho.

8

### CAPÍTULO 3 - ANDOVER

Na ocasião fiquei impressionado com os pressentimentos de Poirot a

propósito da tal carta anônima, mas devo confessar que o assunto já deixara

de me preocupar quando chegou o dia 21 e aí a situação mudou com a visita

feita a meu amigo Poirot pelo Inspetor-Chefe Japp da Scotland Yard. Esse

membro do Departamento de Investigação Criminal era nosso conhecido há

muitos anos e me dirigiu um cumprimento muito cordial.

- Ora, vejam! – exclamou Japp. – Mas se não é o Capitão Hastings de

volta das selvas ou do que queiram chamar! Faz lembrar os velhos tempos, vê-

lo aqui com *Monsieur* Poirot. Está com bom aspecto, também. Apenas com o

alto da cabeça um pouco deserto, hem? Bem, isso é o que acaba acontecendo

a todos nós. Comigo dá-se o mesmo.

Eu protestei ligeiramente. Tinha a impressão de que, devido à maneira

cuidadosa com que alisara o cabelo no alto da cabeça, a leve calvície

insinuada por Japp era praticamente imperceptível. Contudo, Japp nunca se

fizera notar por um razoável tato pelo que já pudera observar, assim passei por

alto o comentário e admiti que nenhum de nós parecia mais remoçado.

- Com exceção de *Monsieur* Poirot – observou Japp. – Ele serve como

um bom anúncio de propaganda para um tônico capilar, não há dúvida. Os fios

de cabelo brotando mais finos do que antes. E continua em forma e evidência,

mesmo com a sua idade. Está associado a todos os casos importantes do dia.

Mistérios ocorridos em trens, em aviões, mortes de pessoas da alta sociedade... sim, ele está sempre presente, aqui e ali. Nunca foi tão falado

desde que se aposentou...

- Eu já disse ao Hastings que sou como uma grande estrela que faz sempre uma apresentação a mais de despedida – disse Poirot sorrindo.

- Não seria de admirar que terminasse investigando sua própria morte

– comentou Japp, rindo gostosamente. – Eis uma boa idéia, sim senhores.

Devia ser tema de um livro.

- Hastings é que poderá fazer isso – observou Poirot, piscando o olho

para mim.

- Seria realmente divertido – e Japp riu de novo.

9

Não cheguei a entender por que tal idéia parecia diverti-lo tanto; para

mim soava como uma piada de mau gosto. Poirot, bom e velho companheiro, já

se foi. Brincadeiras sobre a sua morte próxima dificilmente lhe agradariam.

Talvez minha atitude traísse meus sentimentos, porque Japp resolveu

mudar de assunto:

- Já soube da carta anônima endereçada a *Monsieur* Poirot?

- Eu a dei para Hastings ler outro dia – respondeu meu amigo.

- Naturalmente – exclamei – Já tinha até me esquecido. Espere um pouco, qual foi mesmo a data mencionada na carta?

- Dia 21 – disse Japp. – Por isso mesmo que toquei no assunto. Ontem

foi dia 21 e, apenas por curiosidade, me comuniqui com Andover à noite.

Nada feito. Pura brincadeira, como pensei. Uma vidraça de loja quebrada por

uma pedra atirada por algum moleque e dois casos de embriaguez e

desordem. Assim nosso amigo belga embarcou em canoa furada.

- Devo admitir que estou aliviado com essa notícia – observou Poirot.

- Você se preocupou um bocado com essa carta, hem? – disse Japp,

em tom amável. – Você ainda está com sorte, imagine que nós recebemos

dúzias de cartas desse tipo, diariamente, na Yard! Gente que não tem nada

melhor para fazer e escritores fracassados sentam a uma mesa e escrevem

coisas desse gênero. Eles não pretendem causar nenhuma perturbação.

Apenas uma certa excitação.

- Na verdade fui muito tolo em levar a questão tão a sério – disse

Poirot. – Fui meter meu nariz onde não era chamado.

- Bem, estou de saída – disse Japp. – Tenho um pequeno assunto a resolver na próxima rua, um receptor roubado de uma joalheria. Como tinha

que passar por aqui resolvi deixa-lo com o espírito mais despreocupado. Pena

que tenha gasto sua massa cinzenta sem necessidade, Poirot.

E com essas palavras e uma risada jovial, Japp retirou-se.

- O bom Japp não mudou muito, hem? – observou Poirot.

- Ele parece bem mais velho – retruquei. E acrescentei em tom meio

vingativo: - E está ficando tão encanecido como um texugo.

Poirot pigarreou antes de comentar:

- Não sei se você sabe, Hastings, mas há uma pequena peça – meu

cabeleireiro é um homem engenhoso – que uma pessoa apõe ao couro

10

cabeludo, dispondo a seguir, com o auxílio de uma escova, seu próprio cabelo

sobre o mesmo. Não se trata de uma peruca, você entende, mas...

- Poirot – retruquei irritado. – De uma vez por todas não quero saber

para nada das detestáveis invenções de seu maldito cabeleireiro. Que há na

realidade com o meu cocuruto?

- Nada, nada mesmo.

- Parece até achar que estou ficando *careca*.

- Claro que não! Nada disso.

- O sol forte dos verões que passei lá fora causaram, naturalmente, a

queda de alguns fios. Devo usar um tônico capilar realmente bom.

- *Précisément.*

- Mas, por falar no Japp, o que há com ele? Ele sempre foi um pouco

agressivo e sem nenhum senso de humor. O tipo de homem que acha graça ao

ver que alguém puxa uma cadeira para trás na hora exata em que outro ia

sentar-se.

- Um bocado de gente ri dessa cena.

- O que não deixa de ser um contra-senso.

- Do ponto de vista da pessoa prestes a sentar-se, certamente que sim.

- Bem – disse eu, recuperando em parte a serenidade. (Confesso que

me senti melindrado com a pouca espessura de meus cabelos.) – Lamento que

aquela carta anônima tenha sido apenas uma brincadeira.

- Na verdade estive tirando conclusões errôneas. Naquela carta alguma

coisa me parecia estranha, com sabor de algo original. Mas em vez disso,

trata-se agora de uma idiotice. É, eu me tornei velho e suspicaz como um cão-

de-guarda cego que rosna quando nada está acontecendo de anormal.

- Se estou aqui para cooperar com você, devemos procurar detectar um outro crime “com creme” - disse eu, rindo.

- Ah, você se lembra ainda da observação do outro dia, hem? Digame,

se pudesse encomendar um crime como você escolhe o menu de um jantar, o

que escolheria?

Eu entrei na jogada do humor, retrucando:

11

- Pensemos um pouco... Vamos examinar o cardápio. Roubo?

Falsificação? Não, acho que não. Tem um toque muito vegetariano. Deverá ser

assassinato – um bem sangrento – com acessórios, naturalmente.

- Certo. Os aperitivos.

- Quem será a vítima, homem ou mulher? Homem, penso eu. Algum

figurão. Bilionário americano, primeiro-ministro ou o dono de uma cadeia de

jornais. Cena do crime... bem, que tal a clássica e velha biblioteca? Nada

melhor como ambiente, hem? Quanto à arma do crime... Bem, pode ser uma

adaga de cabo singularmente retorcido, ou algum instrumento rombudo, um

ídolo de pedra entalhada...

Poirot suspirou fundo.

- Naturalmente – eu prossegui – há o veneno também, mas sempre envolve detalhes muito técnicos. Ou então um tiro de revólver ecoando na noite

silenciosa. Aí entrariam em cena talvez uma bela jovem ou duas...

- De cabelo ruivo – murmurou meu amigo.

- Sua velha tirada. Uma das belas garotas deverá ser, naturalmente, objeto de suspeitas infundadas, e haverá algum desentendimento entre ela e o

mocinho da história. E então, obviamente, surgirão alguns outros suspeitos:

uma mulher mais idosa, morena, do tipo perigoso, e algum amigo ou rival do

homem assassinado, uma dócil secretária, suspeita de última hora, um homem

vigoroso de maneiras rudes e francas, um casal de empregados despedido ou

couteiros ou ainda algo parecido, um detetive pouco perspicaz, assim como o

nosso Japp, e... Bem, isso é tudo.

- Então essa é a idéia que você faz da "nata" do crime, hem?

- Imaginei que você não iria concordar comigo.

O olhar que Poirot me dirigiu denotava pena.

- Você acaba de fazer um lindo resumo de quase todas as histórias de

detetive que já foram escritas.

- Está certo. Então o que você escolheria?

Poirot semicerrou os olhos e recostou-se de novo na poltrona. Sua voz

veio até mim como uma espécie de ronronar.

- Um crime realmente simples. Sem quaisquer complicações. Um crime

com uma atmosfera tranqüilamente doméstica... muito desapaixonante, muito

*íntimo.*

12

- E como pode um crime ser *íntimo*?

- Suponhamos – murmurou Poirot – que quatro pessoas se sentem em

torno de uma mesa para jogar bridge e uma outra, a excedente, vá sentar-se

então perto da lareira. No fim da noite, este homem é encontrado morto. Um

dos quatro jogadores, vendo-o adormecido, acerca-se dele e o mata. Os outros

três tendo bom jogo em mãos não se apercebem da cena. Eis aí o que deveria

ser um modelo de crime para você escolher! *Qual dos quatro foi o assassino?*

- Bem... eu não percebo *nada* de excitante nisso!

Poirot lançou-me um olhar de reprovação.

- Não percebe porque não entram em cena nenhuma adaga original,

nenhuma chantagem, nem esmeralda retirada do olho de um deus oriental,

nem sutis venenos do Oriente que não deixam vestígios. Você tem uma

imaginação melodramática, Hastings. Talvez venha a gostar, não de um único

crime, mas de uma série deles.

- Reconheço que um segundo crime numa novela anima mais as

coisas. Se o assassinato acontece logo no primeiro capítulo, e você tem de

acompanhar passo a passo o álibi de todo mundo até a página... Bem, aí fica

muito monótono.

O telefone tocou e Poirot levantou-se para atender.

- Alô – disse ele. Alô. Sim, é Hercule Poirot quem fala.

Poirot ficou ouvindo com atenção cerca de dois minutos e aí notei sua

expressão mudar. Durante o telefonema ele só disse breves palavras:

- *Mais oui...*
- Sim, naturalmente...
- Está certo, nós iremos...
- Claro...
- Deve ter sido como você diz...
- Sim, eu a levarei. *A tout à l'heure* então.

Poirot desligou e acercou-se logo de mim, dizendo:

- Era o Japp.
- Ah, sim?
- Ele acabou de chegar à Yard. Havia uma mensagem de Andover...
- Andover? – repeti excitado.

Poirot falou lentamente:

13

- Uma senhora idosa de nome Ascher, dona de uma lojinha de cigarros

e jornais, foi encontrada morta. Assassinato.

Acho que jamais me senti tão decepcionado. Meu interesse,

despertado vivamente pela menção de Andover, sofria um súbito decréscimo.

Esperara algo fantástico, fora do comum. O assassinato de uma velha senhora

proprietária de uma pequena tabacaria parecia, de algum modo, vulgar e

desinteressante.

Poirot prosseguiu no mesmo tom lento e grave:

- A polícia de Andover acredita pôr logo as mãos no sujeito que cometeu o crime.

Novo motivo de desapontamento para mim.

- Parece que a tal senhora não se dava bem com o marido. Ele bebe

demais e, pelo jeito, se comporta como um tipo grosseiro. Ameaçou mata-la

mais de uma vez.

Como me mantivesse calado, ele continuou:

- Apesar disso, por causa da referência contida naquela carta anônima,

a polícia gostaria de reexamina-la. Eu disse ao Japp que nós dois estaríamos

em Andover sem demora.

Meu estado de ânimo sofreu uma melhora. Afinal de contas, vulgar

como pudesse parecer, tratava-se de um *crime*, e já fazia muito tempo que não

me via às voltas com crimes e criminosos. Assim, mal escutei as próximas

palavras ditas por Poirot. Mas elas voltariam à minha mente, significativamente,

mais tarde.

- Isso é apenas o começo – murmurou Hercule Poirot.

#### CAPÍTULO 4 - A SRA. ASCHER

Fomos recebidos em Andover pelo Inspetor Glen, um homem alto, de

expressão franca e um sorriso amável.

Em benefício da concisão penso ser melhor dar um breve resumo dos

fatos essenciais que envolviam o caso.

O crime foi notificado pelo Agente Policial Dover à uma hora da madrugada do dia 22. Ao fazer sua ronda habitual, notou que a porta da

14

tabacaria da Sra. Ascher estava entreaberta. Entrou então e pensou inicialmente que não houvesse ninguém ali. Ao dirigir o foco de sua lanterna

para o balcão, contudo, percebeu o corpo enrodilhado de uma mulher idosa.

Quando o legista chegou ao local ficou esclarecido que a mulher fora golpeada

com um objeto pesado na nuca, provavelmente na ocasião em que se abaixara

um pouco para apanhar um maço de cigarros da prateleira atrás do balcão. A

morte devia ter ocorrido por volta de nove ou sete horas antes.

- Mas conseguimos avançar um pouco mais nesse caso – explicou o inspetor. – Nós localizamos um homem que esteve na loja e comprou um

pacote de fumo às 5 e 30. E também um segundo indivíduo que ali esteve às

seis e cinco, saindo logo após, julgando estar a tabacaria vazia. Isso situa a

hora do crime entre 5 e 30 e 6 e cinco. Até agora não encontrei ninguém que

tivesse visto o tal Ascher nos arredores, mas, naturalmente, era muito cedo.

Ele esteve no bar Três Coroas às nove da noite, tomando uma bela bebedeira.

Quando pusermos as mãos nele será preso sob suspeita.

- Um tipo que deixa muito a desejar, não inspetor?

- Desagradável sob todos os aspectos, *Monsieur Poirot*.

- Ele não vivia com a esposa?

- Não, estavam separados há alguns anos. Ele é alemão. Trabalhou como garçom algum tempo, mas vivia bebendo e acabou não arrumando mais

emprego algum. Sua mulher teve que buscar uma colocação. Esteve por último

como cozinheira e governanta na casa de uma velha dama solteirona, a Srta.

Rose. A Sra. Ascher entregava ao marido a maior parte de seu salário para

mantê-lo quieto, mas ele andava sempre bêbado e aparecia nos lugares onde

ela trabalhava fazendo escândalo. Eis por que a Sra. Ascher aceitou trabalhar

para a Srta. Rose em A Granja, a três milhas de Andover, num local muito

isolado. Assim o marido não poderia ir incomodá-la. Ao morrer, a Srta. Rose

deixou uma pequena herança para a Sra. Ascher, o que lhe permitiu adquirir a

pequena loja onde vendia cigarros e jornais, um negócio bem modesto, sem

dúvida. Dava apenas para ir vivendo. Mas Ascher costumava aparecer e de

novo passou a exigir dinheiro dela. A Sra. Ascher para se ver livre de mais

aborrecimentos, dava-lhe semanalmente quinze shillings.

- Tiveram filhos?

15

- Não. Há apenas uma sobrinha. Trabalha perto de Overton. Uma jovem simples, trabalhadora.

- E, segundo você diz, esse tal Ascher costumava ameaçar sua esposa?

- Exato. Ele ficava terrível quando bebia. Praguejava e jurava que amassaria a cabeça da esposa. Vida dura e ingrata teve essa Sra. Ascher.

- Qual a idade da morta?

- Sessenta anos; uma pessoa honesta e trabalhadora.

Poirot indagou em tom mais grave:

- Na sua opinião, inspetor, esse tal Ascher cometeu o crime?

O inspetor hesitou um pouco antes de responder:

- É um pouco cedo para afirma-lo, Sr. Poirot, mas eu gostaria de ouvir

Franz Ascher explicar de viva voz como gastou a noite de ontem. Se puder

apresentar uma explicação satisfatória, muito bem, caso contrário...

A pausa que se seguiu foi uma sugestão a nova pergunta de Poirot.

- Nada foi roubado da tabacaria?

- Nada. O dinheiro continuava na gaveta da registradora. Nenhum indício de roubo.

- Você acha que Ascher entrou bêbado ali, maltratou a esposa e depois a matou?

- Parece ser a solução mais convincente. Mas devo admitir, senhor, gostaria de ler de novo aquela estranha carta que recebeu. Estou pensando se

ela não poderia ter sido escrita por Franz Ascher.

Poirot entregou a carta ao inspetor que a leu, franzindo então a testa.

- Não deve ser de Ascher – disse por fim o inspetor. – Duvido muito que ele viesse a usar a expressão “nossa” Polícia britânica, a não ser que

procurasse bancar o esperto, exibindo uma certa malícia que não é própria de

um tipo rude como esse Franz. Depois, trata-se de um homem frustrado, com

os nervos desgastados pela bebida. Assim, com sua mão pouco firme não

conseguiria escrever essas letras de imprensa com tanta precisão. E o papel

de carta e a tinta são de ótima qualidade, também. Estranho que na carta seja

mencionado o dia 21 deste mês. Naturalmente *deve* tratar-se de uma simples

coincidência.

- É possível que sim.

16

- Mas não gosto desse tipo de coincidência, Sr. Poirot. É uma coisa muito propositada.

Fez-se breve silêncio e o inspetor voltou a franzir a testa.

- ABC. Afinal o que significa isso? Bem, nós veremos se Mary Drower,

a sobrinha da Sra. Ascher, nos pode ajudar em algo. Este é um caso estranho.

Mas quanto a essa carta, aposto meu salário como não foi escrita por Franz

Ascher.

- Sabe alguma coisa sobre o passado da Sra. Ascher? – indagou

Poirot.

- Ela nasceu em Hampshire. Começou a trabalhar ainda jovem, em Londres, quando então, conheceu Ascher e se casou com ele. As coisas

devem ter sido bem difíceis para os dois durante a guerra. Ela deixou a

companhia do marido já em 1922. Estavam em Londres então. A Sra. Ascher

veio para cá a fim de se ver livre do esposo, mas ele soube não se sabe como

onde ela se achava e a procurou, assediando-a com pedidos de dinheiro... –

Um policial se aproximou e o inspetor disse: - Sim, Briggs, o que há?

- É o Ascher, senhor. Nós o apanhamos.

- Muito bem. Traga-o aqui. Onde ele estava?

- Escondido num vagão parado na estrada.

- Ah, sim? Traga-o logo.

Na verdade, Franz Ascher tinha uma figura lastimável, nada simpática.

Choramingava, e mostrava-se servil e agressivo com alternativas bruscas.

Seus olhos turvos estavam voltados ora para um ora para outro dos homens à

sua volta.

- Que querem comigo? Eu não fiz nada. É uma humilhação e um

escândalo o que estão fazendo! Você aí, seu suíno, como se atreve a me

deter? – De súbito, suas maneiras se abrandaram. – Não, não, eu não queria

dizer isso... só que não podem maltratar um pobre homem já idoso... agindo

com dureza. Todos são duros com o pobre e velho Franz. Pobre velho Franz –

repetiu, lamuriento.

Quando Ascher parou de falar, soluçando, o inspetor disse:

- Não há motivo para choro, Ascher. Acalme-se. Não o estou acusando

de nada, por enquanto. E você não está obrigado a prestar uma declaração a

17

menos que queira fazê-lo. Por outro lado, se *nada* tem a ver com o assassinato

de sua esposa...

Ascher interrompeu o inspetor, erguendo a voz quase num grito.

- Eu não a matei! Não a matei! É tudo mentira! Vocês, seus danados

tiras ingleses, estão todos contra mim. Nunca pretendi mata-la. Nunca

- Mas ameaçou-a várias vezes, Ascher.

- Não, não. Você não entende. Era apenas uma brincadeira... uma

brincadeira entre mim e Alice. Ela sabia disso.

- Um jogo muito divertido! Será que pode me dizer onde esteve ontem

à noite, Ascher?

- Sim, sim... eu conto tudo pra você. Eu não fui ver Alice. Estava com

alguns amigos... bons companheiros. Estivemos no Sete Estrelas... e depois

fomos ao Cão Vermelho.

Ascher falava apressadamente, as palavras atropelando-se.

- Dick Willows estava comigo, assim como o velho Curdie, o George, o

Platt e vários outros. Repito que não me aproximei de Alice. *Ach Gott*, é a pura

verdade o que lhe digo.

Sua voz se tornara esganiçada. O inspetor fez sinal a seu ajudante.

- Leve-o daqui. Detido sob suspeita.

- Não sei o que pensar desse caso – disse o inspetor assim que aquele

indivíduo desagradável, de palavreado grosseiro e ar malévolo, foi levado pelo

policial. – Se não fosse a tal carta, eu diria que Ascher fez o serviço.

- E quanto aos homens que ele mencionou?

- Um bando de maus elementos, todos prontos a prestar declarações

mentirosas. Não duvido que Ascher *estivesse* realmente com eles a maior

parte da noite. A questão é saber se algum deles o viu perto da tabacaria entre

cinco e meia e seis horas.

Poirot balançou a cabeça com ar pensativo. Então indagou:

- Tem certeza de que nada foi retirado da loja?

O inspetor deu de ombros, retrucando:

- Depende. Um maço ou dois de cigarros pode ter sido tirado da prateleira... mas dificilmente se cometeria assassinato por tal coisa.

- E nada foi... como diria, introduzido na loja? Nada que parecesse estranho, fora de propósito ali?

18

- Encontramos um guia ferroviário – respondeu o inspetor.

- Um guia de trens?

- Sim. Estava aberto e com a capa voltada para baixo sobre o balcão.

Dava a impressão de que alguém estivera consultando o horário dos trens de

Andover. Talvez a velha senhora ou um freguês.

- E ela vendia esse tipo de publicações?

O Inspetor Glen moveu a cabeça em negativa.

- Só vendia folhetos comuns com horários de trens. Este era maior, uma espécie de catálogo, algo que só numa papelaria como a do Smith pode

ser encontrado.

O olhar de Poirot animou-se de repente. Acercou-se mais do inspetor,

que também parecia estar pensando em algo repentino.

- Você falou num guia ferroviário, inspetor. Um Bradshaw... ou um ABC?

- Por Deus – exclamou o inspetor. – *Era* um ABC.

## CAPÍTULO 5 - MARY DROWER

Acho que o ponto de meu interesse por esse caso foi a menção feita ao

guia de trens ABC. Até então meu entusiasmo era reduzido. Aquele sórdido

assassinato de uma velha senhora numa pequena loja era mais um dos crimes

comuns noticiados pelos jornais sem nenhuma significação especial. A meu ver

a carta anônima com a referência feita ao dia 21 representava uma mera

coincidência. Estava quase certo de que a Sra. Ascher fora vítima de um ato

brutal de seu marido, bêbado e grosseiro. Mas agora a descoberta do guia

ferroviário (muito conhecido pela abreviatura ABC, citando todas as estações

ferroviárias em sua ordem alfabética) viera excitar a minha imaginação. Isso

não poderia ser, seguramente, uma segunda coincidência?

E um crime considerado de início vulgar assumia novo aspecto.

Quem era o misterioso indivíduo que matara a Sra. Ascher e deixara no

local do crime um guia ABC?

Quando Poirot e eu saímos da delegacia distrital fomos primeiro ao necrotério a fim de ver o cadáver da mulher assassinada. Um sentimento

19

estranho se apossou de mim quando contemplei aquele velho e sofrido rosto,

com o cabelo ralo e grisalho aderindo estreitamente às têmporas. Ela transmitia

uma imagem de paz, incrivelmente distante do domínio da violência.

- Não sei quem fez isso ou com que a golpearam – observou o

sargento presente ali. – Nem o Dr. Kerr sabe. Fico menos triste por ver que ela

morreu sem o saber também, pobre criatura. Era uma boa e honesta mulher.

- Deve ter sido bonita em outros tempos – disse Poirot.

- Acha mesmo? – murmurei com ar de dúvida.

- Mas claro, veja bem as linhas do rosto, o feitio da arcada óssea, da

cabeça.

Poirot suspirou fundo ao repor o lençol sobre a cabeça da morta. E

então deixamos o necrotério.

Nosso próximo passo seria manter uma breve conversa com o médico-

legista.

O Dr. Kerr era de meia-idade e sua expressão denotava competência

profissional. Falava rapidamente e com segurança.

- A arma do crime não foi encontrada – explicou-nos. – Impossível dizer

qual tenha sido. Um bastão pesado, uma bengala, uma espécie de saquinho de

areia... qualquer coisa desse tipo se encaixa no caso.

- Seria necessário empregar muita força para desferir um golpe assim?

O legista endereçou um olhar atilado a Poirot, retrucando:

- O senhor quer dizer, suponho, se um homem debilitado, de uns setenta anos, poderia fazê-lo? Mas sim, é perfeitamente possível; levando-se

em conta o peso da extremidade do objeto contundente, qualquer pessoa,

mesmo frágil, alcançaria o resultado desejado.

- Então o assassino tanto poderia ser homem como mulher?

A sugestão feita por Poirot deixou o legista meio surpreso.

- Uma mulher, hem? Bem, confesso que nunca me ocorreu associar uma mulher a esse tipo de crime. Mas é claro que é possível, perfeitamente

possível. Só que, do ponto de vista psicológico, eu não diria tratar-se de um

crime típico de uma mulher.

Poirot assentiu com um gesto de cabeça impaciente.

20

- Perfeitamente, perfeitamente. Do ângulo a que se referiu é altamente

improvável. Mas devemos levar em conta todas as possibilidades. Qual a

posição exata em que o corpo foi encontrado?

O Dr. Kerr forneceu-nos uma descrição detalhada da posição assumida

pela vítima. Segundo ele, a Sra. Ascher estava em pé de costas para o balcão

(e portanto para o seu agressor) quando fora golpeada nuca. Então ela caíra

prostrada detrás do balcão, fora das vistas de alguém que casualmente

entrasse na tabacaria.

Quando já tínhamos agradecido ao Dr. Kerr pela sua atenção e íamos

saindo, Poirot me disse:

- Como vê, Hastings, já lavramos um tento em favor da inocência de

Franz Ascher. Se ele estivesse na loja perturbando sua esposa e ameaçando-

a, ela devia tê-lo *encarado* junto ao balcão. Em vez disso, a Sra. Ascher

encontrava-se *de costas* para seu agressor, obviamente procurando na

prateleira debaixo um pacote de fumo ou cigarros para um *freguês*.

Senti uma espécie de arrepio e disse:

- Foi algo revoltante.

- *Pauvre femme* – murmurou Poirot, balançando a cabeça gravemente.

Então ele consultou o relógio, dizendo:

- Penso que Overton não fica a muitas milhas daqui. Que acha de irmos até lá para uma conversa com a sobrinha da morta?

- Quem sabe você não gostaria de ir primeiro à loja onde ocorreu o crime?

- Prefiro passar ali depois. Tenho um motivo para isso.

Ele não adiantou a explicação para seu procedimento, e poucos minutos depois nós já estávamos seguindo de carro na direção de Overton pela estrada de Londres.

O endereço que o inspetor nos fornecera era o de uma casa ampla e

de bom aspecto, situada a cerca de uma milha, no lado londrino da cidade.

Tocamos a campainha e uma graciosa jovem de cabelo negro, os olhos meio irritados de quem estivera chorando, veio abrir a porta.

Poirot disse gentilmente:

- Ah! Acho que estou falando com a Srta. Mary Drower, governanta nesta casa, não?

21

- Está certo, senhor. Eu sou Mary.

- Então talvez possamos conversar por alguns minutos se sua patroa

não fizer objeção. Trata-se de sua tia, a Sra. Ascher.

- A patroa não está, senhor. Mas não faria objeção, estou certa, a que

o senhor entrasse aqui.

Ela abriu a porta de uma saleta. Nós entramos e Poirot, sentando-se

numa cadeira perto da janela, observou com atenção o rosto da moça.

- Naturalmente, já soube da morte de sua tia.

A jovem assentiu com a cabeça, lágrimas voltando a seus olhos.

- Esta manhã, senhor. A polícia esteve aqui. Oh, foi terrível! Pobre titia!

Que vida atribulada ela teve. E agora isso... é tão horrível.

- A polícia não solicitou sua presença em Andover?

- Disseram que eu devo comparecer para o inquérito, segunda-feira.

Mas não sei se agüentarei ir lá... entrar naquela lojinha de novo... e com a

arrumadeira ausente daqui no momento, eu não gostaria de deixar a patroa só.

- Gostava muito de sua tia, Mary? – perguntou Poirot, em tom amável.

- Realmente sim, senhor. Ela sempre foi muito boa para mim. Fui para

a companhia dela, em Londres, quando tinha doze anos e acabara de perder

minha mãe. Comecei a trabalhar com dezesseis anos, mas costumava passar

meu dia de folga com titia. Ela teve um bocado de aborrecimentos por causa

daquele alemão. “Meu velho diabo”, era como a tia costumava chamá-lo. Ele

não a deixava em paz em parte alguma. Sempre explorando-a, filando, aquele

grosso.

A garota desabafava com veemência.

- Sua tia nunca pensou em livrar-se dessa perseguição por meios legais?

- Bem, ele era seu marido, senhor, não podia fugir a isso.

A jovem falava com simplicidade, mas era objetiva.

- Diga-me, Mary, ele chegou a ameaçá-la de morte? Sim ou não?

- Oh, sim, senhor. Eram terríveis as coisas que ele costumava dizer.

Que ia cortar-lhe o pescoço, e ameaças desse tipo. Praguejava e fazia juras,

em alemão e inglês, para variar. E no entanto, minha tia afirmava que Ascher

era um homem muito simpático quando se casara com ele. É muito difícil de

imaginar, penso eu, o que as pessoas podem se tornar com o tempo, senhor.

22

- É verdade. E portanto, Mary, já tendo ouvido tantas ameaças,

suponho que não se tenha surpreendido com o que aconteceu, certo?

- Mas fiquei, senhor. Sabe, eu nunca pensei nem por um momento que

ele pretendesse mesmo fazer o que dizia. Encarava aquelas ameaças como

uma exibição de mau gênio, palavreado grosseiro, próprio de um tipo como ele.

E tia não tinha medo dele. Cheguei e vê-lo muitas vezes sair de mansinho,

como um cachorro com o rabo entre as pernas quando ela o encarava. *Ele*

tinha medo *dela*, o senhor me entende.

- E então ela lhe dava dinheiro?

- Bem, era seu marido, o senhor sabe.

- Sim, já frisou isso antes. – Poirot fez uma pequena pausa e então

disse: - Imagino que, apesar de tudo, ele *não* a matou.

- Não a matou? – repetiu Mary, admirada.

- Foi o que eu disse. Suponhamos que alguma outra pessoa matasse

sua tia... Tem alguma idéia de quem pudesse ser?

A moça olhou-o mais espantada ainda.

- Não faço a menor idéia, senhor. Isso não parece provável, não acha?

- Não havia ninguém de quem sua tia tivesse receio?

Mary balançou a cabeça negativamente, frisando:

- Titia não tinha medo de ninguém. Não tinha papas na língua e encarava qualquer pessoa.

- Nunca a ouviu mencionar alguém que tivesse queixas dela?

- Nunca, senhor.

- Sabe se ela chegou a receber cartas anônimas?

- Creio que não ouvi bem, senhor.

- Falo de cartas não assinadas... ou somente com uma abreviatura

como, por exemplo, ABC. – Poirot a observava com atenção, mas era claro que

ela nada sabia sobre o assunto. E balançou a cabeça de modo vago.

- Sua tia tinha outros parentes além de você?

- Vivo, nenhum mais, senhor. Tinha uns dez familiares, mas somente

três chegaram à idade adulta. Meu tio Tom morreu na guerra, e meu tio Harry

foi para a América do Sul e não se ouviu mais falar dele, e com a morte de

minha mãe, de quem já lhe falei, restou apenas eu.

- Sua tia tinha economias? Algum dinheiro guardado?

23

- Apenas uma pequena quantia na Caixa Econômica, senhor... o

suficiente para seu enterro, como ela costumava dizer. Afora isso, só o que

dava para seu sustento, já que aquele velho demônio ficava com quase tudo.

Poirot assentiu pensativo. Então falou, mais consigo mesmo do que com a jovem:

- No momento estamos no escuro... não há nenhuma pista. Se as

coisas não se tornarem mais claras... – Levantou-se. – Se eu precisar de você,

Mary, escreverei para este endereço.

- Para falar a verdade, senhor, eu não vou continuar neste emprego.

Não gosto do campo. Vim trabalhar aqui porque seria bom para minha tia me

ter mais perto dela. Mas agora... – as lágrimas voltaram a seus olhos – agora

não há mais motivo algum para ficar, e voltarei para Londres. Lá é muito mais

divertido para uma moça.

- Espero que, quando for para lá, você me comunique seu endereço.

Aqui está meu cartão.

Ela apanhou o cartão, leu e então olhou para Poirot com certa estranheza.

- Então não tem nada a ver com a polícia, senhor?

- Sou um detetive particular.

A jovem ficou fitando-o por um instante, calada. Por fim, disse:

- Há alguma coisa esquisita nisso tudo, não é, Sr. Poirot?

- Sim, minha filha. Há alguma coisa estranha nesse caso. Depois você

talvez seja capaz de me ajudar.

- Eu... eu desejo fazer algo, senhor. Não foi nada *direito*, senhor, minha

tia ser morta assim.

Era uma maneira pouco usual de colocar a questão, mas profundamente tocante.

Instantes depois nós já estávamos retornando a Andover.

24

## CAPÍTULO 6 - A CENA DO CRIME

A rua onde ocorrera o trágico acontecimento ficava numa transversal

da rua principal. A lojinha da Sra. Ascher estava localizada a meio caminho

mais abaixo, no lado direito.

Quando dobramos a rua, Poirot olhou seu relógio e eu compreendi por

que ele adiará sua visita à cena do crime até agora. Eram exatamente cinco e

meia. Poirot desejava reproduzir a atmosfera do dia anterior o mais fielmente

possível.

Mas se tal fora seu propósito, este não se concretizara. Certamente

naquele momento a rua apresentava um clima bem pouco semelhante ao do

fim de tarde da véspera. Havia ali um certo número de pequenas lojas

intercaladas com casas habitadas por pessoas de classe humilde. Pensei que

normalmente ali deveria haver um bom número de pessoas indo e vindo rua

abaixo e acima – na maioria gente das classes menos favorecidas, com um

punhado de crianças brincando nas calçadas e na rua.

Naquele momento via-se uma massa compacta de curiosos

contemplando uma casa particular ou loja e não era preciso ser-se perspicaz

para compreender do que se tratava. O que víamos agora era um punhado de

seres humanos comuns, observando com vivo interesse o local onde um outro

ser humano encontrara a morte.

E tal fato foi constatado por nós assim que nos aproximamos mais. Na

frente de uma pequena e acanhada loja, com suas persianas agora abaixadas,

estava parado um jovem policial de ar embaraçado que se obstinava em

concitar a pequena multidão de curiosos a se dispersar. Com a ajuda de um

colega, claros foram logo abertos. Algumas pessoas, murmurando, relutantes,

acabaram por se afastar de volta às suas ocupações particulares. Mas quase

imediatamente outras vieram substituí-las, pondo-se a olhar com curiosidade

para o local onde o crime fora cometido.

Poirot parou a pouca distância do principal amontoado de curiosos. De

onde estávamos agora era fácil ler-se o letreiro que encimava a porta da loja. E

Poirot repetiu num só fôlego o que estava escrito ali.

- A Ascher. *Oui, c'est peut-être là...*

Deu dois passos adiante, dizendo:

25

- Venha, Hastings. Vamos entrar aí.

Eu me mostrei pronto a acompanhá-lo.

Abrimos caminho entre a pequena multidão de curiosos, acercando-nos do jovem policial. Poirot mostrou-lhe as credenciais que o Inspetor Glen lhe

fornecera. O guarda assentiu, e abriu a porta para que entrássemos. Foi o que

fizemos sob o olhar interessado dos curiosos.

No interior da pequena loja estava muito escuro devido às persianas se

acharem baixadas. O policial encontrou o interruptor, acendendo a lâmpada,

mas esta encontrava-se tão empoeirada que a luz produzida se fez quase

insuficiente.

Olhei o que me cercava. Era um recinto pequeno e pardacento. Vi

algumas revistas baratas espalhadas junto com jornais da véspera, tudo com a

poeira de um dia inteiro como cobertura. Atrás do balcão uma enfiada de

prateleiras alcançava o teto, guarnecidas de pacotinhos de fumo e maços de

cigarros. Havia também dois potes com pastilhas de cevada e hortelã-pimenta.

Uma lojinha pequena e muito comum, como milhares de outras.

Com seu sotaque arrastado de Hampshire, o policial foi relatando o cenário do crime.

- Ela estava caída naquele canto atrás do balcão. O doutor declarou que a vítima nem chegou a ver quem a golpeou. Devia estar procurando algo

nas prateleiras.

- Ela não segurava nada ao ser assassinada? – indagou Poirot.

- Não, senhor, mas havia um maço de cigarros Player ao seu lado.

Poirot balançou a cabeça. Passeou o olhar pelo reduzido local, observando tudo, anotando mentalmente.

- E o guia ferroviário, onde estava?

- Aqui, senhor. – O guarda indicou um ponto sobre o balcão. – Estava

aberto, voltado para baixo, exatamente na página referente a Andover. Como

se a pessoa interessada estivesse querendo saber o horário dos trens para

Londres e outros detalhes. Pelo jeito, não se tratava de um residente em

Andover. Nesse caso, naturalmente, o guia deve pertencer a alguém que nada

teve a ver com o crime, apenas o esqueceu aí.

- E as impressões digitais? – insinuei.

O policial moveu a cabeça em negativa.

26

- Tudo aqui foi revistado meticulosamente, senhor. Não descobrimos nada nesse sentido.

- Nem sobre o balcão? – perguntou Poirot.

- Uma boa quantidade delas, senhor! Mas tudo embaralhado.

- Entre essas impressões não encontraram as de Franz Ascher?

- Cedo ainda para afirmar, senhor.

Poirot assentiu, e então indagou se a falecida morava nos altos da loja.

- Sim, senhor. Passando por aquela portinha irá dar nos fundos.

Desculpe se eu não os acompanho, mas tenho que ficar de guarda aí fora...

Poirot passou pela porta indicada e eu o acompanhei. Encontramos um

tipo microscópico de sala de visitas e cozinha combinadas. Tudo arrumado e

limpo, mas bastante modesto e escassamente mobiliado. Sobre o parapeito da

lareira havia algumas fotografias. Aproximei-me para olhá-las e Poirot fez o

mesmo.

Eram três fotos ao todo. Uma era um retrato comum da jovem com

quem tínhamos nos avistado naquela tarde, Mary Drower. Obviamente, ela

vestira suas melhores roupas na ocasião e exibia aquela expressão meio

forçada, o sorriso posado que comumente deturpa a fisionomia e rouba a

naturalidade das pessoas numa foto posada, e nos faz preferir um instantâneo

de rua.

A segunda fotografia, em papel mais caro, era a reprodução mais artística, embora já meio apagada, de uma velha senhora de cabelos brancos.

O pescoço era envolvido por uma gola alta de peliça.

Imaginei tratar-se provavelmente da Srta. Rose, que deixara uma pequena herança para a Sra. Ascher que permitira a esta abrir a pequena loja.

A terceira foto fora tirada há muitos anos atrás, estando agora muito

desbotada. Nela apareciam um moço e uma jovem de roupas antigas e de

braço dado. O homem ostentava uma botoeira e notava-se naquela pose um ar

festivo de outros tempos. O toque de algo fanado.

- Certamente um retrato de casamento – disse Poirot. – Veja, Hastings,

não lhe falei que ela tinha sido uma mulher bonita?

Ele tinha razão. Transfigurada por aquele penteado fora de moda e as

roupas que agora pareciam estranhas e fantásticas, não havia dúvida de que a

moça da foto tinha feições bem recortadas e um porte gracioso e vivaz. Fixei-

me a seguir no homem da fotografia. Era quase impossível reconhecer naquele

jovem delgado e de ar marcial o mal-vestido e rude Ascher de agora.

Evoquei a imagem do velho homem lúbrico e bêbado, e a fisionomia

sofrida e envelhecida da mulher morta, um pouco perturbado diante da obra

impiedosa do tempo...

Partindo da saleta, uma escada levava aos dois quartos de cima. Um

deles estava vazio e sem mobília, o outro fora ocupado evidentemente pela

falecida. Depois de ser revistado pela polícia tudo ali fora deixado como antes.

Duas velhas e gastas mantas sobre a cama, uma pequena pilha de roupas

íntimas já bem usadas numa gaveta de armário, utensílios de cozinha num

outro, uma novela em edição de bolso intitulada *O Verde Oásis*, um par de

meias novas, patéticas em sua seda barata, um par de bibelôs de porcelana –

um pastor de Dresden já meio rachado, e um cachorrinho pintado de amarelo e

azul -, um impermeável preto e uma blusa de lã pendurada num cabide, eis aí

todos os bens materiais da falecida Alice Ascher.

Se havia ali antes documentos pessoais da morta, a polícia os recolhera.

- *Pauvre femme* - murmurou Poirot. – Vamos indo, Hastings, não há nada para nós aqui.

De novo fora da loja, Poirot hesitou um instante, então atravessou a

rua. Quase que exatamente do lado oposto ao da loja da Sra. Ascher via-se

uma quitanda, dessas que exibem sua mercadoria mais na porta do que no

interior.

Em voz baixa, Poirot deu-me certas instruções. Então ele entrou na quitanda. Após aguardar um minuto ou dois, eu o segui. No momento, ele

estava comprando molhes de alface. Resolvi comprar meio quilo de morangos.

Poirot agora conversava animadamente com a robusta quitandeira.

- Foi justamente em frente à sua quitanda que o crime ocorreu. Que

coisa! Deve ter tido uma sensação muito desagradável, não?

A quitandeira devia estar, naturalmente, cansada de ouvir falar sobre o

crime. Devia ter tido um dia cheio a esse respeito. Assim observou:

- Seria bom também que aquela gente toda amontoada ali

desaparecesse. O que há ali para se ver, pode me dizer?

28

- Deve ter sido bem diferente na noite passada – disse Poirot. – Talvez

a senhora tenha visto o assassino entrar na tabacaria... um homem alto, de boa

aparência e com uma barba... Um russo, segundo ouvi dizer.

- Como? – A mulher olhou-o de modo penetrante. – Diz que foi um russo que fez isso?

- Penso que a policia o prendeu.

- Mais essa agora! – A quitandeira estava agitada com a novidade.  
–

Um estrangeiro.

- *Mais oui.* Quem sabe a senhora não o viu ontem à noite?

- Bem, o fato é que não tenho tempo para andar espiando as pessoas

que passam. Vivo muito ocupada o dia inteiro e há sempre um bocado de

gente passando pela rua de volta do trabalho. Um homem alto, bem aprumado,

barbudo... não, posso dizer que não vi ninguém parecido andando por aqui.

Eu entrei em cena, cumprindo meu papel.

- Perdão, senhor – disse para Poirot. – Penso que foi mal informado.

Disseram-me que o tal homem era baixo e *moreno*.

Iniciou-se uma viva discussão da qual participaram a robusta

quitandeira, seu mirrado esposo e um empregadinho de voz rouca. Nada

menos do que quatro homens baixos e morenos tinham sido observados então,

e o rapazinho de voz rouquenha vira um tipo alto e bem apessoado, “mas sem

barba”, acrescentara em tom lamentoso.

Por fim, tendo concluído nossas compras, deixamos a quitanda, sem que percebessem nossas imposturas.

- Pode me dizer qual a razão de tudo isso, Poirot? – indaguei num tom

recriminativo.

- *Parbleu*, eu queria testar a possibilidade de um estranho ter sido visto

entrando na loja aí em frente.

- E não poderia ter perguntado diretamente... sem toda essa teia de

mentiras?

- Não, *mon ami*. Se eu tivesse "simplesmente perguntado" como você

desejaria, não obteria respostas às minhas indagações. Você é um inglês e no

entanto não parece conhecer a reação natural dos ingleses diante de uma

pergunta direta. Invariavelmente se mostram desconfiados, e o resultado lógico

disso é uma evasiva. Se eu tivesse indagado a essas pessoas visando obter

29

informações teriam se trancado em silêncio como ostras. Mas ao fazer uma

observação, de algum modo fora de propósito e grotesca como foi o caso, e

pela própria contradição nela contida, de imediato as línguas se desatam.

Sabemos também que na ocasião do incidente fatídico todos estavam com seu

“tempo ocupado”, isto é, cada um cuidando de seus próprios interesses e devia

haver um bom número de pessoas indo e vindo pelas ruas. Nosso assassino

soube escolher sua hora, Hastings.

Poirot fez uma breve pausa e então me dirigiu uma reprimenda:

- Será que você não tem um pingão de bom-senso, Hastings? Eu lhe

disse: Faça uma compra *quelconque*, e você deliberadamente escolheu

morangos! Agora eles já começam a umedecer sua sacola e ameaçam

manchar seu belo terno.

Com certo desgosto, percebi que tal coisa de fato estava ocorrendo.

Apressadamente, entreguei os morangos a um menino, que se mostrou

bastante surpreso com meu gesto insólito e me olhou desconfiado.

Poirot aumentou a oferta e a admiração do garoto ao dar-lhe os molhes

de alface. Fomos andando e Poirot prosseguiu em sua lição de moral

doméstica:

- Numa simples quitanda *não* se compra morangos. Um morango, a

menos que seja colhido fresco, só serve para fazer suco. Uma banana,

algumas maçãs, ou mesmo um repolho, servem no caso, mas *morangos...*

- Foi a primeira coisa em que pensei na hora – adiantei como uma espécie de justificativa.

- Isso não é digno de sua imaginação – retrucou Poirot, inflexível.

Então eu o vi parar na calçada.

A casa e a loja à direita da tabacaria da Sra. Ascher estava vazia. Na

janela da frente via-se uma tabuleta de “Aluga-se”. Do outro lado ficava uma

casa com alguma coisa parecida com cortinas de musselina encardida.

Poirot resolveu parar diante da tal casa e, na falta da campainha, improvisou uma série de batidas surdas com a aldrava.

A porta foi aberta após alguma demora por um garotinho de roupa bem

suja e um nariz que chamava a atenção.

- Boa tarde – disse Poirot. – Sua mãe está em casa?

30

- Sim – respondeu o menino, com entonação de desconfiança. Ele nos

olhava de maneira desfavorável.

- Quer chamar sua mãe – insistiu Poirot.

O menino levou alguns segundos para aceder e, então, voltou-se para

o interior da casa, gritando na direção das escadas: “Mãe, querem falar com

você!”, e afastou-se com alguma pressa por um corredor.

Uma mulher com expressão meio agressiva nos olhou lá de cima e então começou a descer a escada.

- Não percam seu tempo aqui... – ela principiou a dizer, mas Poirot a

interrompeu.

Tirando o chapéu e fazendo um gentil cumprimento, ele disse:

- Boa tarde, madame. Eu trabalho para o *Evening Flicker*. Espero

persuadi-la a aceitar umas cinco ou seis libras em troca de um artigo sobre a

sua falecida vizinha, a Sra. Ascher.

A mulher refugou novas palavras ásperas e acercou-se de nós, alisando o cabelo e ajeitando a blusa amarrotada.

- Podem entrar, por favor... é por aqui, à esquerda. Venham sentar-se

aqui.

A pequenina sala estava muito atravancada com uma mobília pseudamente jacobiana, mas com certa habilidade conseguimos mover-nos ali e nos instalar num sofá de assento duro.

- O senhor deve me desculpar – a mulher começou a dizer. – Saiba que lamento muito ter falado com aspereza com o senhor há pouco, mas nem

pode imaginar a confusão que se arma aqui todos os dias, com indivíduos

aparecendo para vender isso ou aquilo... aspiradores de pó, meias, perfumes e

coisas desse tipo. E sempre muito persuasivos e amáveis. Verdade seja dita,

bom papo eles todos têm. E nos tratam pelo nome, "Sra. Fowler" para cá, isso

e aquilo outro.

Já ciente do nome da dona da casa, Poirot disse:

- Bem, Sra. Fowler, espero que possa atender ao meu pedido.

- Não sei como atende-lo. Não conhecia bem a... – As cinco libras

foram colocadas por Poirot bem diante dos olhos da Sra. Fowler, que corrigiu

ligeiramente o que dissera antes: - Eu *conheci* a Sra. Ascher, naturalmente,

mas não poderia *escrever* sobre ela.

31

Hercule Poirot lhe assegurou que toda a sua colaboração se restringia

a contar o que sabia sobre a falecida. Daí ele, Poirot, usaria esses dados para

redigir a entrevista. Tranqüilizada desse modo, a Sra. Fowler se pôs a alinhar

lembranças, conjeturas e fofocas domésticas.

A Sra. Ascher vivia uma vida muito reservada. Não era o que se

poderia chamar de uma pessoa *amigável*, mas ela tinha um bocado de

aborrecimentos e problemas, pobre coitada, todo mundo ali sabia. E pelo

direito – observou a Sra. Fowler – Franz Ascher já devia ter sido preso há anos.

Não que a Sra. Ascher o temesse, ela podia virar fera quando molestada!

Assim como podia se comportar como uma boa criatura nas demais ocasiões.

Mas tantas vezes o cântaro vai à fonte que um dia pode se quebrar. Muitas

vezes, ela, Mary Fowler, dissera a Alice Ascher: “Qualquer dia desses, ele

acaba com você. Grave bem o que lhe digo".E ele acabou fazendo isso, não

foi? E ela, Mary Fowler, morava perto da amiga mas nunca a ouvira queixar-se.

Poirot aproveitou a pausa feita pela Sra. Fowler para indagar se Alice

Ascher chegara a receber cartas anônimas onde figurava apenas a abreviatura

ABC.

Infelizmente a resposta da Sra. Fowler foi negativa.

- Conheço esse tipo de coisa de que está falando; cartas sem assinatura, na maioria das vezes recheadas de palavras que alguém se

envergonha de dizer em voz alta. Bem, na verdade, não sei se Franz Ascher

chegou a escrever tais coisas. A Sra. Ascher nunca me diria se fosse o caso. O

que significa essa história de ABC? Refere-se ao guia de trens? Não, nunca vi

nada disso, mas tenho certeza de que se a Sra. Ascher tivesse recebido uma

carta dessas eu acabaria sabendo algo. Eu estava muito ocupada quando se

deu o crime. Foi minha garota Edie que veio me chamar. "Mãe, ela disse, há

um bocado de policiais na porta da tabacaria".Eu me sobressaltei.  
Mas acabei

por dizer, quando soube do que acontecera: - Bem, isso mostra que  
ela não

devia viver sozinha naquela casa. Aquela sua sobrinha devia morar  
com ela.

Um homem bêbado pode agir como um lobo enraivecido. – E disse  
também: -

E na minha opinião, uma fera selvagem não é melhor nem pior do  
que o

demônio do marido dela. Eu já a avisara muitas vezes e agora  
minhas palavras

se cumpriram. Azar que não me ouvisse então. – E ele acabou  
matando-a!

32

Nunca se sabe direito o que um homem é capaz de fazer quando  
bêbado, e

esse crime é uma prova disso.

A Sra. Fowler concluiu suas palavras soltando um suspiro fundo.

- Ninguém viu esse tal Ascher entrar na loja, não é mesmo? –

perguntou Poirot.

A Sra. Fowler torceu o nariz com ironia.

- Naturalmente que ele não ia querer se mostrar.

Como o Sr. Ascher poderia entrar na loja sem se deixar ver, isto a Sra.

Fowler não se dignou explicar. Ela concordou que não havia nenhuma porta

nos fundos da casa e que Ascher era muito bem conhecido de vista na

vizinhança.

- Mas ele não desejava se apanhado e soube se ocultar bem.

Poirot deixou a conversa render mais alguns minutos, mas quando

ficou evidente que a Sra. Fowler já contara tudo que sabia, não somente uma

vez mas várias, ele deu por encerrada a entrevista, pagando primeiro a quantia

prometida à dona da casa.

- Mereceu exatamente as cinco queridas libras, Poirot – me arrisquei a

observar assim que saímos da casa da Sra. Fowler.

- Até agora, sim.

- Você acha que ela sabe mais do que nos contou?

- Meu amigo, estamos na peculiar situação de *não sabermos que*

*perguntas faremos*. Estamos agora como crianças brincando de esconde-

esconde, no escuro. Estendemos nossas mãos e agarramos o que for. A Sra.

Fowler nos contou tudo que ela *pensa* que sabe... e fez um bocado de

conjeturas! No correr dos dias, contudo, seu testemunho poderá ser útil. E foi

visando o futuro que eu investi aquelas cinco libras.

Não entendi bem a que ele se referia precisamente, mas nesse

momento já nos dirigíamos ao encontro do Inspetor Glen.

33

## CAPÍTULO 7 - O SR. PARTRIDGE E O SR. RIDDELL

O Inspetor Glen estava com uma expressão taciturna. Soube que ele

passara a tarde toda tentando obter uma lista completa de pessoas que teriam

sido vistas entrando na loja da Sra. Ascher no dia do crime.

- E ninguém chegou a ver ninguém? – perguntou Poirot.

- Mas sim, viram até demais. Três homens altos com ar suspeito,

quatro sujeitos baixos com bigode preto... dois barbudos... três gorduchos,

todos estrangeiros, e todos também, a se acreditar nas testemunhas, com

expressões sinistras! Não me surpreenderia se alguém visse rondando o local

uma gangue mascarada e com revólveres!

Poirot sorriu, com ar complacente, perguntando:

- Ninguém declarou ter visto o tal Ascher?

- Não, não o viram. Esse é outro ponto a favor dele. Acabei de falar com delegado que, na minha opinião, este é um assunto para a Scotland Yard.

Não o considero um crime local.

- Concordo com você – disse Poirot em tom sério.

- Como vê, Monsieur Poirot – disse o inspetor – trata-se de um caso sórdido... repelente e eu não gosto disso...

Nós ainda mantivemos duas entrevistas antes do retorno a Londres.

A primeira foi com o Sr. James Partridge. Ao que se saiba, fora a última

peessoa a ver a Sra. Ascher com vida. Ele fizera uma compra na tabacaria às 5

e 30.

O Sr. Partridge era de pequena estatura, um bancário nato. Usava um

pincenê, era muito seco, de olhar fugidio e extremamente preciso em todas as

suas observações. Morava numa pequena casa tão limpa e bem arrumada

como seu dono.

- Mom... sieur Poirot – ele disse, olhando o cartão que meu amigo lhe

apresentara. – Da parte do Inspetor Glen? Em que posso servi-lo, Sr. Poirot?

- Pelo que sei, o senhor foi a última pessoa a ver a Sra. Ascher ainda

viva.

O Sr. Partridge juntou as pontas de seus dedos e olhou para Poirot como se estivesse vendo um cheque de aspecto duvidoso.

34

- Eis aí um detalhe discutível, Sr. Poirot. Outras pessoas podem ter feito compras na loja da Sra. Ascher depois de mim.

- Se assim foi, ninguém apareceu para prestar declarações.

O Sr. Partridge pigarreou, retrucando:

- Algumas pessoas, Sr. Poirot, carecem de senso do dever público.

E ele nos olhou como uma coruja através dos óculos.

- Uma verdade lapidar – murmurou Poirot. – E o senhor, pelo que vejo,

procurou a polícia espontaneamente.

- Certamente que sim. Logo que soube da chocante ocorrência compreendi que meu depoimento podia ser útil e me apressei a ir presta-lo.

- Uma atitude realmente acertada – disse Poirot, de modo solene. – Talvez possa ter a gentileza de repetir agora sua história para mim.

- Sem dúvida. Voltava para esta casa e às 5h30m precisamente...

- Perdão, como sabia a hora com tanta exatidão?

O Sr. Partridge olhou-o meio aborrecido com a interrupção.

- O relógio da igreja acabara de tocar. Consultei meu relógio e verifiquei estar um minuto atrasado. Isto ocorreu justamente antes que eu

entrasse na loja da Sra. Ascher.

- Costuma fazer compras ali?

- Com freqüência. É no caminho para minha casa. Uma ou duas vezes

por semana costumava comprar umas cem gramas de fumo John Cotton.

- Conhecia de certo modo a Sra. Ascher? Algo de sua vida particular?

- Absolutamente nada. Afora o fumo que eu comprava e uma observação casual referente ao tempo, por exemplo, nunca conversei com ela.

- Não sabia que o marido dela era um bêbado que vivia ameaçando

mata-la?

- Não, eu nada sabia a respeito dela.

- Mas a conhecia de vista, contudo. Não terá notado qualquer coisa de

anormal na Sra. Ascher ontem ao cair da tarde? Ela não parecia agitada ou

algo assim?

O Sr. Partridge pensou um pouco antes de responder:

- Pelo que pude notar, ela parecia a mesma de sempre.

Poirot levantou-se, dizendo:

35

- Obrigado, Sr. Partridge, por responder a essas perguntas. Terá, por acaso, um ABC aqui? Gostaria de saber algo sobre minha volta de trem a

Londres. Horário e outros detalhes.

- Está na estante logo atrás do senhor – disse o Sr. Partridge.

Na mencionada estante havia realmente um ABC, um Bradshaw, o

Livro do Ano das Finanças, o Anuário Kellw, um Quem é Quem e um indicador

local.

Poirot folheou o ABC sob o pretexto de observar o horário de determinado trem, então depôs o catálogo na estante, agradeceu de novo ao

Sr. Partridge e saímos.

Nosso próximo encontro foi com o Sr. Albert Riddell e se caracterizou

por um clima bem diferente. O Sr. Riddell era um assentador de trilhos e nossa

conversa teve o acompanhamento pouco musical de pratos e travessas

dispostos na mesa pela esposa do Sr. Riddell, obviamente nervosa, dos

rosnidos do cão do dono da casa e da indisfarçável hostilidade do próprio Sr.

Riddell.

Tratava-se de um homem de físico muito avantajado, meio desajeitado,

de rosto largo e olhos miúdos suspicazes. Ele estava atacando no momento

um pastelão de carne, regado com grandes goles de chá preto. Lançou-nos um

olhar meio irritado por cima da grande xícara.

- Então querem que eu repita tudo que já disse, hem? – resmungou.

—

Que querem mais de mim, não vão me deixar sossegado? Contei tudo a essa

maldita polícia, e agora tenho que repetir tudo de novo para uma dupla de

excomungados forasteiros...

Poirot me dirigiu um rápido e divertido olhar de alerta e então disse:

- Para dizer a verdade, eu compreendo a sua situação, mas o que se

pode fazer? Trata-se de um caso de assassinato, certo? É preciso ser muito,

muito meticuloso.

- Melhor contar ao cavalheiro o que ele quer saber, Bert – disse a mulher do ferroviário, nervosa.

- Você aí vê se cala essa maldita boca – bradou o gigante.

- Penso que você não foi à polícia por sua livre vontade. – Poirot fez a

observação de maneira bem concisa.

36

- E por que cargas d'água eu deveria ir? O caso não era da minha conta.

- É uma questão de opinião – retrucou Poirot, com indiferença. – Afinal

de contas houve um crime e a polícia desejava saber quem fora visto na loja...

Pessoalmente, acho que teria, como direi?, parecido mais natural se você se

apresentasse espontaneamente na delegacia.

- Tenho meu trabalho para fazer. Não me diga que deveria ir lá em hora de serviço...

- Mas o fato é que na polícia deram seu nome como o de uma pessoa

que fora vista entrando na tabacaria da Sra. Ascher e tinham de procura-lo.

Eles ficaram satisfeitos com seu depoimento?

- E por que não iriam ficar? – replicou Bert, rudemente.

Poirot limitou-se a dar de ombros.

- Que está querendo dizer com isso, mister? Será que alguém tem algo

contra mim? Todo mundo sabe quem matou aquela velhota, foi aquela bes...

do marido dela.

- Mas ele não foi visto nas imediações da loja naquele fim de tarde e

você, sim.

- Tentando me enrolar agora, hem? Mas perde seu tempo. Que motivo

tinha eu para fazer uma coisa daquelas? Pensa que iria furtar umas pitadas

daquele fumo infame vendido ali? Acha que sou o que chamam de maníaco

homicida? Pensa que eu... ?

O corpulento ferroviário ergueu-se ameaçador. Sua mulher interveio:

- Bert, Bert... não diga essas coisas. Bert, eles não pensam...

- Acalme-se, *monsieur* – disse Poirot. – Quis apenas ouvir a versão que

apresentou à polícia de sua passagem pela loja. O fato de querer se negar a

atender-me não parece, digamos, um pouco estranho?

- E quem disse que eu neguei alguma coisa? – O Sr. Riddell tornou a sentar-se. – Não disse isso.

- Eram seis horas quando você entrou na tabacaria?

- Correto, um minuto ou dois, para ser mais preciso. Ia comprar um maço de Gold Flake. Eu ia abrir a porta...

- Ela estava fechada, então?

- Sim. Pensei que a dona resolvera fechar mais cedo a loja. Mas não. A

porta não fora fechada à chave. Entrei e não vi ninguém lá dentro. Dei umas

pancadinhas no balcão e esperei um pouco. Ninguém veio atender, assim saí

da loja. Eis tudo, e você pode engolir isso se quiser.

- Não viu o corpo caído atrás do balcão?

- Não, não iria fazer isso, a menos que estivesse interessado em algo

ali, talvez.

- Havia um guia de trens sobre o balcão?

- Sim, com a capa voltada para baixo. Na hora me veio a idéia de que a

velha talvez tivesse que viajar de trem de repente e assim dera uma olhadela

no guia e depois o esquecera, como também de fechar a loja.

- Talvez você tenha tocado no catálogo ou então o empurrasse por sobre o balcão?

- Não toquei na – novo palavrão -... coisa. Fiz exatamente o que disse.

- E não viu ninguém sair da loja antes de você entrar ali?

- Não vi coisa alguma. Por que isso, eu pergunto? Por que me

acusam?

Poirot levantou-se, dizendo em tom cordial:

- Ninguém o está acusando... ainda. *Bonsoir, monsieur.*

Deixou o homenzarrão de boca aberta e saímos.

Na rua, Poirot olhou seu relógio e observou:

- Se nós apressarmos, meu amigo, poderemos pegar o trem das 7h20m. Vamos apertar o passo.

## CAPÍTULO 8 - A SEGUNDA CARTA

- Bem, e então? – perguntei expectante.

Estávamos instalados num vagão de primeira classe, praticamente sós.

O trem expresso acabara de sair de Andover.

- O crime – disse Poirot – foi cometido por um homem de estatura mediana, de cabelo ruivo e um leve estrabismo no olho esquerdo. Ele puxa

ligeiramente da perna direita e tem um sinal de nascença bem embaixo da

omoplata.

38

- Poirot! – exclamei surpreso.

Por um instante eu me deixei impressionar pelo que ouvira. Então o

leve piscar de olhos de meu amigo me fez perceber o blefe.

- Poirot! – repeti, mas agora em tom reprovador.

- Mas o que quer, *mon ami*? Você me encara com um ar de devoção canina, e exige de mim um pronunciamento à la Sherlock Holmes! Agora

falemos a verdade: *Eu não sei como é o assassino, nem onde vive e nem*

*como pôr as mãos nele.*

- Se ao menos ele tivesse deixado alguma pista – murmurei.

- Sim, a pista... é sempre ela que atrai você. Uma pena que ele não fumasse deixando a cinza cair e então pisasse nesta com um sapato que

tivesse uma sola de padrão especial... Não, ele não é tão prestimoso. Mas pelo

menos, meu amigo, você tem o *guia de trens*. O ABC, que é uma pista para

você!

- E supõe que ele o deixou lá então por engano?

- Naturalmente que não. Deixou-o de propósito. O detalhe das impressões digitais o evidencia.

- Mas se não havia nenhuma em especial...

- É o que eu queria explicar. Como se apresentava o tempo ontem?

Era uma noite quente de junho. E numa ocasião assim um homem deveria usar

luvas? Quem o fizesse na certa teria chamado a atenção. Portanto, desde que

não há nenhuma impressão digital no ABC, é porque foi cuidadosamente

apagada. Uma pessoa inocente teria deixado impressões... uma outra,

culpada, não. Assim nosso assassino deixou o guia lá com um propósito... mas

apesar disso, não deixa de ser uma pista. Aquele ABC foi comprado por

alguém, e foi levado também por alguém, existe uma possibilidade aí.

- Acha que podemos apurar algo seguindo esse caminho?

- Francamente, Hastings, não me sinto particularmente esperançoso.

Esse homem, o desconhecido X, orgulha-se obviamente de sua habilidade.

Não parece disposto a indicar uma trilha que possa ser seguida diretamente.

- Então o ABC não será realmente útil.

- Não no sentido que você imagina.

- E em que outro sentido então?

Poirot não respondeu de imediato. Depois disse pausadamente:

39

- A resposta não é fácil de dar. Estamos às voltas com um personagem

desconhecido. Ele se acha no escuro e procura permanecer na escuridão. Mas

na verdade *ele não pode recorrer a nenhuma ajuda para lançar um pouco de*

*luz sobre si mesmo.* Num certo sentido nada sabemos a seu respeito, em outro

já conhecemos um bocado. Eu o imagino vagamente ganhando a forma de um

homem que escreve com clareza e correção... que usa papel de carta de boa

qualidade... que tem uma grande necessidade de demonstrar sua

personalidade. Eu o vejo como alguém possivelmente ignorado e passado para

trás quando criança... Vejo-o crescer com um acentuado sentimento de

inferioridade, atormentado por um sentimento de injustiça... Imagino sua

ansiedade premente de auto-afirmação, para chamar atenção sobre si mesmo

que se torna cada vez mais forte, e fatos e circunstâncias rebaixando-o,

acarretando, talvez, mais humilhações para ele. E intimamente a fixação na

poeira do trem como um adversário...

- Tudo isso é simples conjectura – objetei. – Não trará nenhum resultado prático.

- Você prefere o toque final, a cinza do cigarro, as botas cravadas!

Sempre o mesmo. Mas pelo menos podemos formular a nós mesmos algumas

indagações de natureza prática. Por que o ABC? Por que a Sra. Ascher? Por

que Andover?

- O passado daquela senhora parece bastante simples – observei, pensativo. – As entrevistas com aqueles dois homens foram decepcionantes.

Nada nos disseram além do que já sabíamos.

- Para ser franco, não esperava muito por esse lado. Mas não se podia

descartar dois possíveis candidatos ao assassinato.

- Não está querendo dizer que...

- Há pelo menos uma possibilidade que o criminoso viva em Andover

ou muito próximo. Eis aí uma possível resposta a nossa indagação: Por que

Andover? Bem, temos aí dois homens conhecidos naquela cidade que

estiveram na loja numa hora conveniente. Qualquer um deles *pode* ser o

assassino. E não há nada ainda que demonstre *não* ser um dos dois o

assassino.

- Talvez aquele brutamontes de Riddell – arrisquei.

40

- Oh, estou propenso a descartar o Riddell. É nervoso, impulsivo, obviamente desajeitado...

- Mas tudo isso mostra justamente...

- Alguém de índole diametralmente oposta a de quem elaborou a carta

com o ABC. As características em que devemos nos fixar são presunção e

autoconfiança.

- Alguém que se julga o maioral?

- Possivelmente. Mas também uma pessoa sensível e que simula modéstia, dissimulando uma grande dose de vaidade e auto-satisfação.

- Não está pensando que aquele insignificante Sr. Partridge?

- Ele faz mais *le type*. E posso acrescentar mais. Ele age como o autor

da carta deveria proceder, comparece na hora indicada no distrito policial,

coloca-se logo à disposição, desfruta de sua posição.

- E pensa realmente que ele...

- Não, Hastings. Pessoalmente creio que o assassino não vive em

Andover, mas não devemos ignorar nenhum caminho de busca. E embora eu

venha me referindo a "ele" o tempo todo, não podemos excluir a possibilidade

de uma mulher ser a culpada.

- Certamente que não!

- Concordo que a feitura do crime se ajusta mais a um homem. Mas cartas anônimas são escritas de preferência por mulheres. Temos que levar

isso em conta.

Depois de breve silêncio, eu perguntei:

- Que faremos agora?

- Meu operoso Hastings – disse Poirot, sorrindo para mim.

- Nada disso, mas o que vamos fazer?

- Nada.

- Nada? – Meu desapontamento era muito evidente.

- Serei por acaso um mágico? Um bruxo? O que faria você em meu lugar?

Analisei bem a questão e achei difícil encontrar uma resposta. No entanto, estava convencido de que algo tinha de ser feito e que não devíamos

deixar o tempo passar à toa por nós.

Assim, observei:

41

- Há o ABC... e o papel de carta e o envelope...

- Naturalmente que algo está sendo investigado nesse sentido. A

polícia dispõe de todos os recursos para esse tipo de investigação. Se houver

qualquer indício revelador no material examinado, pode estar certo de que eles

o descobrirão.

Diante disso me vi forçado a aceitar a realidade dos fatos.

Nos próximos dias notei que Poirot mostrava-se estranhamente

desligado do caso de Andover. Quando eu tentava retomar o assunto ele me

interrompia com um gesto impaciente.

Receava particularmente que ele mergulhasse numa depressão. Afinal,

Poirot sofrera uma derrota no caso da morte da Sra. Ascher. O ABC o

desafiara... e vencera. Meu amigo, acostumado a obter sucessivos êxitos em

sua carreira, mostrava-se sensível ao seu fracasso de agora, tanto assim que

não podia nem mesmo tolerar que se discutisse o assunto. Era, talvez, um sinal

de fraqueza em tão grande homem, mas mesmo o mais equilibrado dos

mortais é passível de se deixar arrebatado pelo sucesso. No caso de Poirot esse

processo de envaidecimento tinha se desenvolvido anos a fio. Causava até

certa surpresa que seus efeitos só se tornassem notados após tanto tempo.

Compreensivo, respeitei essa pequena fraqueza de meu amigo e não

fiz mais referências ao caso. Li num jornal um resumo do inquérito policial. Bem

resumido, sem qualquer alusão à carta de ABC. A conclusão a que chegaram

era a de crime cometido por alguma pessoa, ou pessoas desconhecidas. O

caso despertou pouca atenção por parte da imprensa. Não apresentava

nenhuma atração popular ou lances espetaculares. O assassino de uma

mulher idosa numa rua humilde logo cedeu lugar, nos jornais, a assuntos mais

emocionantes.

Para falar a verdade, o caso quase foi esquecido por mim, exceto,

penso eu, pelo fato de me desgostar ver Poirot associado de algum modo a um

fracasso. Até que, em 25 de julho, o assunto foi reavivado.

Já não via Poirot há uns dois dias porque eu fora passar o fim de

semana em Yorkshire. Retornei a Londres na segunda-feira à tarde e a carta

chegou pelo correio às seis horas. Recordo bem como Poirot inspirou

profundamente ao abrir aquele envelope.

- Ele chegou – disse Poirot, lacônico.

- Quem chegou?

- O segundo capítulo do caso ABC.

Por um instante eu o olhei intrigado. Aquele assunto realmente quase

me fugira da memória.

- Leia – disse Poirot, passando a carta às minhas mãos.

Como da vez anterior, fora escrita em papel de boa qualidade.

*CARO SR. POIROT. Bem, e agora? Primeiro tento a meu favor, acredito. O caso de Andover foi uma jogada bem sucedida, não?*

*Mas o passatempo está apenas começando. Permita-me chamar sua*

*atenção para Bexhill-on-Sea. Data: 25 deste.*

*Que período divertido estamos vivendo!*

*Atenciosamente, seu*

*ABC*

- Meu Deus, Poirot! – exclamei. – Quer dizer então que esse demônio

vai cometer outro crime?

- Sem dúvida, Hastings. Que mais você esperava? Pensa que o caso de Andover era um incidente isolado? Não se lembra mais do que eu lhe disse:

“Esse é apenas o começo?”

- Mas isso é terrível!

- Estamos às voltas com um maníaco homicida.

- Sim.

Sua fleuma era mais impressionante do que qualquer gesto grandiloquente que viesse a exhibir. Eu lhe devolvi a carta com ar de estranheza.

Na manhã seguinte as autoridades locais se reuniam, Poirot e eu estávamos presentes. Conosco, o Delegado de Sussex, o Comissário-Adjunto

da Cid, o Inspetor Glen de Andover, o Superintendente Carter da Polícia de

Sussex, Japp e um inspetor mais moço chamado Crome, e também o Dr.

Thompson, conhecido psiquiatra. O carimbo dessa segunda carta era de

Hampstead, mas na opinião de Poirot tal detalhe tinha pouca importância.

O assunto foi discutido exaustivamente. O Dr. Thompson era um homem afável, de meia-idade e que, apesar de seus amplos conhecimentos,

preferia expressar-se numa linguagem familiar, evitando os termos técnicos

característicos de sua profissão.

43

- Não há dúvida que as duas cartas têm caligrafia idêntica. Ambas foram escritas por uma mesma pessoa.

- E podemos pressupor com toda razão que essa pessoa foi a responsável pelo crime cometido em Andover.

- Certamente. Agora estamos diante de um aviso definido de um segundo crime com data marcada para 25 deste mês, depois de amanhã... em

Bexhill. Que providências serão tomadas?

O Delegado de Sussex olhou seu superintendente, perguntando:

- Bem, Carter, que acha disso?

O superintendente balançou a cabeça com ar muito sério.

- Está difícil, senhor. Não há o menor indicio de quem possa ser a próxima vítima. Com toda a honestidade e franqueza, que medidas *podemos*

tomar?

- Tenho uma sugestão – murmurou Poirot.

As atenções voltaram-se para meu amigo.

- Acho possível que o sobrenome da pretensa vítima comece com a letra B.

- Isso já seria alguma coisa – disse Carter, mas em tom dubitativo.

- Um complexo alfabético – observou o Dr. Thompson, pensativo.

- Sugiro tal coisa como uma possibilidade, nada mais. Essa hipótese me ocorreu quando vi o nome Ascher escrito nitidamente no portal da loja da

infeliz senhora assassinada no mês passado. Ao verificar que essa segunda

carta mencionava Bexhill me ocorreu a possibilidade de que tanto a vítima

como o local do crime possam ser escolhidos de acordo com a ordem

alfabética.

- Isso é possível – disse o médico. – Por outro lado, pode ser que o

sobrenome Ascher fosse uma coincidência, e que a vítima dessa vez, não

importa que nome tenha, venha a ser, de novo, uma velha senhora dona de

uma loja. Não se esqueçam de que estamos lidando com um demente. Até

agora ele não nos forneceu nenhum indício quanto à sua motivação.

- E um louco precisa de algum motivo, doutor? – replicou Carter, com

ar cético.

- Naturalmente que tem um motivo. Uma extrema lógica é uma das características especiais dos maníacos. Um homem pode ser considerado

44

investido da missão a seu ver divina, de eliminar sacerdotes, ou médicos, ou

ainda mulheres idosas em charutarias... e há sempre alguma razão coerente

por trás desses atos. Não devemos deixar que essa história da ordem

alfabética nos empolgue demasiado. O fato de Bexhill suceder a Andover *pode*

ser uma mera coincidência.

- Podemos pelo menos tomar certas precauções, Carter, e checar especialmente todos os sobrenomes iniciados com um B, associados a

modestos donos de lojas e vigiar com atenção todas as pequenas charutarias e

onde vendam também jornais e que sejam geridas por uma pessoa solitária.

Fique de olho, naturalmente, nos estrangeiros, tanto quanto possível.

O superintendente suspirou, meio desalentado.

- Com as escolas já desertas e as férias começando? Há um mundo de

gente acorrendo para cá esta semana.

- Temos de fazer o que for possível – retrucou o Delegado, secamente.

O Inspetor Glen interveio:

- Mantenho uma vigilância estreita sobre qualquer pessoa ligada ao caso Ascher. Aquelas duas testemunhas, Partridge e Riddell, e o Ascher,

naturalmente. Se pretenderem sair de Andover serão seguidos.

A reunião foi encerrada após mais algumas sugestões e uma troca de

opiniões desencontradas.

- Poirot – disse quando caminhávamos ao longo do rio. – É certo que

esse novo crime poderá ser evitado?

Havia muita preocupação em seu olhar quando me fitou e disse:

- A sanidade de uma cidade cheia de homens contra a insanidade de

um determinado homem? Não, Hastings, eu receio que não. Lembre-se da

longa série de atos criminosos de Jack, o Estripador...

- Isso é horrível.

- A loucura, Hastings, é uma coisa terrível... *Estou receoso... Muito receoso realmente...*

45

## CAPÍTULO 9 - O ASSASSINATO DE BEXHILL-ON-SEA

Ainda me lembro de meu despertar na manhã de 25 de julho. Deviam

ser umas sete e trinta.

Poirot estava parado de pé junto à minha cama, tocando-me o ombro

de leve. Algo em seu olhar me fez acordar de vez. E indaguei, sentando-me no

leito rapidamente:

- Que houve?

A resposta foi muito simples, mas um mundo de emoção estava contido nas duas palavras que ele pronunciou:

- *Aquilo aconteceu.*

- O quê? – exclamei. – Você quer dizer... mas 25 é *hoje*.

- O fato ocorreu na noite passada, ou melhor, nas primeiras horas desta manhã.

Saltei da cama e enquanto lavava o rosto, ele me fez um resumo do

que acabara de saber através de um telefonema.

- O corpo de uma jovem foi encontrado na praia de Bexhill. Foi identificado como sendo Elizabeth Barnard, uma garçonete de um bar e que

morava com os pais num bangalô construído recentemente. A hora da morte

segundo o médico-legista foi fixada entre 11h30m e uma da madrugada.

- Eles têm plena certeza de que se trata *do* crime? – perguntei, ensaboando meu rosto rapidamente.

- *Um ABC aberto na página dos trens para Bexhill foi encontrado debaixo do cadáver.*

Estremeci, exclamando:

- Uma coisa horrível!

- *Faites attention*, Hastings. Não desejo presenciar uma segunda tragédia no meu apartamento!

Enxuguei às pressas a gota de sangue de meu queixo recém-escanhado sem muito cuidado.

- Qual é nosso plano de combate?

- O carro nos levará dentro de poucos minutos. Pedirei que lhe tragam

o café aqui para não perdermos tempo.

46

Vinte minutos depois já estávamos num carro ligeiro da polícia atravessando o Tâmis a rumo a Bexhill.

Conosco estava o Inspetor Crome, que participara da reunião do outro

dia, e que fora incumbido oficialmente daquele caso.

Crome era um tipo de policial muito diferente de Japp. Bem mais moço,

era discreto, de nível superior. Bem educado e instruído, ele era, para meu

gosto, muito auto-suficiente. Tinha-se notabilizado por uma série de crimes

cometidos contra crianças que solucionara, tendo, com obstinação, seguido a

pista do criminoso agora preso em Broadmoor.

Era obviamente uma pessoa indicada para se encarregar do presente

caso, mas achei que ele se mostrava um pouco cioso demais desse fato. Sua

maneira de tratar Poirot era meio protetoral, indulgente. Dirigia-se a ele como o

faria um jovem a um homem mais velho, à maneira de um aluno cheio de si em

relação ao seu professor de escola pública.

- Tive uma longa e elucidativa conversa com o Dr. Thompson – disse o

jovem inspetor. – Ele está muito interessado no tipo de crime em “cadeia” ou

em “série”. Trata-se do produto de um tipo de mentalidade distorcida. Sendo

um agente da lei não posso, naturalmente, apreciar devidamente detalhes mais

sutis como os focalizados de acordo com o ponto de vista médico – Pigarreou

antes de prosseguir: - Um exemplo comum foi meu último caso. Não sei se

you leu algo sobre o mesmo... o caso de Mabel Homer, a estudante de

Muswell Hill... O tal Casper mostrou-se muito hábil. Foi muito difícil acusa-lo do

crime, e já era o terceiro por ele cometido! Parecia tão saudável mentalmente

como eu ou você. Mas existem testes os mais variados – truques verbais, você

sabe – bem modernos, em seu tempo não havia nada desse tipo, Poirot. Uma

vez induzido a delatar-se, você apanha o sujeito irremediavelmente. Ele

percebe que estamos de posse de seu segredo e se descontrola. Acaba por

confessar pressionado pelos dois lados.

- Mesmo no meu tempo isso acontecia algumas vezes – disse Poirot.

O Inspetor Crome fitou meu amigo e murmurou em tom coloquial:

- Ah, sim?

Fez-se silêncio entre nós por alguns minutos. Assim que passamos pela New Cross Station, Crome disse:

47

- Se tem alguma pergunta a me fazer sobre o caso, lhe peço que a faça.

- Você ainda não tem, presumo, a descrição da jovem morta?

- Ela tinha vinte e três anos, trabalhava como garçonete no café

*Ginger Cat...*

- *Pas ça*. Eu gostaria de saber, por exemplo, se era bonita?

- Sobre isso eu não tenho nenhuma informação – retrucou o Inspetor

Crome, com ar evasivo. Parecia querer dizer: “Qual, esses estrangeiros,

sempre os mesmos!”

Uma leve expressão divertida surgiu no olhar de Poirot.

- Isso não lhe parece importante, não? No entanto, *pour une femme, é*

de importância capital. Muitas vezes decide seu destino!

Fez-se novo silêncio.

Foi somente quando já estávamos perto de Sevenoaks que Poirot retomou a conversa.

- Está inteirado, por acaso, de como e com que a garota foi estrangulada?

O Inspetor Crome respondeu de modo sumário.

- Foi estrangulada com seu próprio cinto, um troço de malha entrelaçada, grosso. Eu o recolhi.

Os olhos de Poirot pareceram maiores quando ele comentou:

- Ah, finalmente temos um exemplo de informação bem concreto. Isso

nos diz alguma coisa, não?

- Pelo menos que eu percebesse, não – retrucou Crome, friamente.

Já me sentia irritado com a falta de tato e de imaginação daquele homem. E observei:

- Pois tal objeto nos dá uma espécie de marca registrada do assassino.

O próprio cinto da vítima. Isso mostra a bestialidade que caracteriza a sua

mente!

Poirot me lançou um olhar que não consegui entender. Li em sua face

uma impaciência contida. Pensei que aquele seu olhar fora um alerta para que

não me expressasse francamente na presença do inspetor.

E mergulhei em silêncio.

48

Em Bexhill fomos recebidos pelo Superintendente Carter. A seu lado estava Kelsey, um jovem inspetor simpático e de olhar inteligente. Fora

destacado para trabalhar com Crome na elucidação daquele caso.

- Poderá conduzir os interrogatórios e buscas como desejava, Crome –

disse Carter. – Assim, depois que eu lhe dar as indicações principais sobre

esse caso poderá entrar em ação de imediato.

- Obrigado, senhor – disse Crome.

- Já comunicamos o que aconteceu aos pais da jovem. Um choque terrível para eles, naturalmente – observou o superintendente. – Deixei-os em

casa para que se recuperassem um pouco antes de interroga-los, assim você

pode começar por eles.

- Há outros parentes da moça? – indagou Poirot.

- Uma irmã que trabalha como datilógrafa em Londres. Ela já foi informada do que houve. E temos também um rapaz... pelo que apurei, a

mocinha esteve com ele na noite passada.

- E o guia ABC, serviu para algo? – perguntou Crome.

- Está ali – e Carter indicou a mesa com um gesto de cabeça. –

Nenhuma impressão digital. Está aberto na página referente a Bexhill. Me

parece ser um exemplar novo, pelo menos não deve ter sido muito manuseado.

Não foi comprado em nenhuma loja das redondezas. Andei por todas as

papelarias e bancas de jornais e nada!

- Quem encontrou o corpo?

- Um desses velhos coronéis que gostam de madrugar e apanhar ar fresco. No caso, o Coronel Jerome. Ele saiu com seu cão pastor por volta das

seis da manhã. Seguiu ao longo da praia na direção de Cooden, e então

alcançou a areia. O cachorro afastou-se um pouco, farejando algo.  
O coronel

chamou-o. Mas o cão não apareceu. Então o coronel acercou-se do local

farejado pelo cachorro e notou que havia qualquer coisa estranha ali.

Aproximou-se, olhando com mais atenção o vulto caído. Note-se que agiu com

muito acerto. Não tocou no cadáver e nos telefonou imediatamente.

- E a hora da morte foi por volta de meia-noite, certo?

- Entre meia-noite e uma hora da manhã – isso é praticamente certo.

Nosso homicida galhofeiro é um homem de palavra. Disse dia 25, e o crime

ocorreu mesmo a 25, ainda que com uma diferença de poucos minutos.

49

Crome assentiu.

- Sim, que essa é a sua maneira de ser não há dúvida. Não há mais nada? Ninguém viu algo que nos possa ser útil?

- Que nós saibamos até agora, não. Mas ainda é cedo. Todos que hajam visto uma jovem de branco passeando com um homem na noite

passada logo aparecerão aqui para nos contar, e já imagino pelo menos umas

quatro ou cinco garotas que na noite de ontem andaram passeando com

rapazes... Vai ser uma bela história...

- Bem, senhor, acho melhor me movimentar – disse Crome. – Temos o

*Ginger Cat* e a casa da moça; será melhor visitá-los. Kelsey pode vir comigo.

- E o senhor Poirot? – indagou Carter.

- Eu vou acompanhá-lo – disse Poirot a Crome, com um leve cumprimento.

Acho que Crome olhou para meu amigo um pouco aborrecido. Kelsey,

que ainda não conhecia Poirot, abriu um largo sorriso.

Por uma infeliz circunstância todas as pessoas que viam meu amigo

pela primeira vez tendiam sempre a considerá-lo um marinheiro de primeira

viagem.

- E quanto ao cinto com o qual a moça foi estrangulada? indagou

Crome, de repente. – O Sr. Poirot acha que se trata de uma pista valiosa. Creio

que ele gostaria de vê-lo.

- *Du tout* – disse Poirot serenamente. – Você não me compreendeu bem.

- Nada conseguirá por esse caminho – disse Carter. – Não se trata de

um cinto de couro, que poderia conservar impressões digitais se fosse usado

no caso. É uma espécie de seda espessa trançada, ideal para tal fim.

Senti um certo estremeamento.

- Bem – disse Crome, - seria melhor irmos logo.

E nós saímos sem mais perda de tempo.

Visitamos primeiro o *Ginger Cat*. Ficava bem defronte à praia e tinha o

aspecto comum às pequenas casas-de-chá ou lanchonetes. No interior

mesinhas cobertas com um pano alaranjado-xadrez e cadeiras de vime

desconfortáveis com almofadinhas alaranjadas. Era o tipo de estabelecimento

cuja especialidade consistia no café matinal, cinco tipos diferentes de chá

50

(Devonshire, Farmhouse, Fruit, Carlton e Plain), uns poucos pratos feitos para

empregadinhas, tais como ovos mexidos e camarões e macarrão com queijo

ralado.

O café da manhã estava sendo servido quando ali entramos. A

gerente, pressurosa, conduziu-nos a um reservado mais ao fundo, mal

asseado.

- É a Srta.... Merrion? – perguntou Crome.

A Srta. Merrion respondeu com uma entonação chorosa e aflita.

- Sim, sou eu. Essa história toda foi lamentável. Muito desagradável.

Nem quero *pensar* em como nosso negócio aqui será prejudicado!

A Srta. Merrion tinha quarenta anos, era muito delgada e com um

cabelo feito palha meio alaranjado (na verdade ela se parecia espantosamente

com o próprio gato que dava nome à sua lanchonete). Ao falar, ela mexia

nervosamente nos vários fichus e babados que faziam parte de seu uniforme

de trabalho.

- Você vai é ficar de caixa alta – disse o Inspetor Kelsey, animando-a. –

Vai ver só! Nem vai poder servir chá e sanduíches com a rapidez de costume

com o novo surto de fregueses!

- Foi muito triste – disse a Srta. Merrion. – Realmente contristador. Faz

a gente descrever na natureza humana.

Mas seus olhos brilhavam apesar de tudo, após ouvir o que Kelsey dissera.

- Que pode me dizer sobre a moça que morreu, Srta. Merrion?

- Nada – respondeu a Srta. Merrion, taxativa. – Absolutamente nada!

- Há quanto tempo ela trabalhava aqui?

- Já completara um ano de casa.

- Estava satisfeita com ela?

- Era uma boa garçonete, ativa e discreta.

- Ela era bonita, não? – perguntou Poirot.

A Srta. Merrion, por sua vez, lançou-lhe um olhar na base de: “Oh, esses estrangeiros...”

- Era uma moça de boa aparência, bonitinha – respondeu com ar distante.

- A que horas ela largou o trabalho ontem à noite? – indagou Crome.

51

- Às oito. Sempre fechamos a essa hora. Não servimos jantar. A

procura é muito reduzida. Um ou outro freguês aparece aqui pedindo ovos

mexidos e chá (Poirot fez uma careta) por volta das sete horas ou algumas

vezes depois, mas nosso movimento maior acontece lá pelas 6h30m.

- Ela lhe disse algo sobre como pensava passar a noite de ontem?

- Claro que não – enfatizou a mulher. – Nós não tínhamos intimidades.

- Ninguém apareceu aqui procurando-a?

- Não.

- Ela lhe pareceu diferente dos outros dias? Talvez nervosa ou deprimida?

- Na verdade não sei dizer – retrucou a Srta. Merrion, com ar indiferente.

- Quantas moças trabalham aqui?

- Normalmente duas, e duas mais de 20 de julho até o fim de agosto.

- Mas Elizabeth Bernard não era uma dessas extras?
- A Srta. Barnard era efetiva aqui.
- Que me diz da sua colega... efetiva?
- A Srta. Higley? Ela é uma jovem muito correta.
- Ela e a Srta. Barnard eram amigas?
- Não sei dizer, acredite.
- Talvez possamos ter uma palavrinha com ela.
- Agora?
- Se permitir...
- Eu vou chamá-la – disse a Srta. Merrion, levantando-se. – Por favor,

não a retenha demasiado. Esta é a hora do café matinal e o movimento torna-

se mais intenso aqui.

A felina e loura Srta. Merrion afastou-se.

- Muito refinada – comentou o Inspetor Kelsey. E imitou a entonação

meio afetada da mulher. *“Na verdade, não sei dizer.”*

Uma garota rechonchuda, de cabelo preto, faces rosadas e olhos

negros, agora muito abertos devido à excitação do momento, parou de repente,

quase sem fôlego diante dos policiais.

- A Srta. Merrion me disse para vir...

- É a Srta. Higley?

52

- Sim, sou eu.

- Você conhecia Elizabeth Barnard?

- Oh, sim, eu conhecia Betty. Não foi uma coisa *horrível*? Muito

horrível, mesmo. Nem posso acreditar que aconteceu de verdade. Estive

dizendo a manhã toda às garotas que não *consigo* acreditar nisso! – Vocês

sabem – eu disse – o que houve não parece *real*. Betty! Quero dizer, Betty

Barnard, que esteve sempre aqui, *assassinada*! Não, eu não acredito – disse a

todo mundo. Cinco ou seis vezes já belisquei meu próprio braço só pra ver se

estava acordada mesmo. Betty assassinada... Isso... bem, eu já lhes disse, não

parece *real*.

- Você conhecia bem a sua colega de trabalho? – perguntou Crome.

- Bom, ela trabalhava aqui há mais tempo que eu. Só vim para cá em

março deste ano. Betty já estava nesta lanchonete desde o ano passado. Ela

era meio fechada, o senhor sabe. Não costumava rir muito ou fazer brincadeiras. Não quero dizer com isso que fosse *esquisitona*, séria demais,

tinha muita alegria dentro dela, mas... Bem, ela era discreta e não era ao

mesmo tempo, não sei se o senhor me entendeu.

Devo confessar que o Inspetor Crome mostrou-se extremamente paciente. Como testemunha a gorducha Srta. Higley era exasperante com suas

redundâncias. Cada observação que fazia era repetida e destacada uma dúzia

de vezes. E o resultado do interrogatório foi, assim, muito pobre.

Ela não fora íntima da moça assassinada. Era de deduzir-se que

Elizabeth Barnard se considerara um pouco acima da Srta. Higley para lhe

fazer confidências. Eram boas colegas de trabalho, mas fora daí pouco se

avistavam ou conversavam. Elizabeth Barnard tivera um "amigo" que

trabalhava numa agência imobiliária próxima da estação ferroviária, a Court &

Brunskill. Não, o “amigo” não era nem o Sr. Court nem o Sr. Brunskill. Ele era

um empregado ali. Se tinha boa aparência? Ah, sim... muito simpático, e

sempre bem vestido. Naturalmente, havia um toque de ciúme no íntimo da

Srta. Higley.

O balanço do interrogatório no final se resumiu ao seguinte: Elizabeth

não revelara a ninguém do *Ginger Cat* seu programa para a noite passada,

mas na opinião da Srta. Higley, fora encontrar-se com seu “amigo”. Elizabeth

53

usava um vestido novo, branco, “encantador como nunca, com um desses

novos decotes.”

Trocamos duas palavrinhas com as empregadas extras da Srta.

Merrion, mas sem nenhum resultado positivo. Betty Barnard nada lhes dissera

sobre seu programa noturno e ninguém a vira em Bexhill no decorrer da noite.

CAPÍTULO 10 - OS BARNARD

Os pais de Elizabeth Bernard moravam num pequeno bangalô, um dos

cinquenta, se tanto, construídos recentemente por um empreiteiro esperto no

subúrbio mais distante do centro da cidade. O nome do novo bairro era

Llandudno. O Sr. Barnard, um homem corpulento e de ar embaraçado, com

uns cinquenta e cinco anos presumíveis, já dera pela nossa aproximação e

ficou parado, à nossa espera, na porta de sua casa.

- Podem entrar, senhores – disse.

O Inspetor Kelsey adiantou-se, dizendo:

- Este é o Inspetor Crome da Scotland Yard, Sr. Barnard. Veio ajudar-

nos nesse caso.

- Scotland Yard? observou Barnard, mais animado. – Isso é bom. Esse

assassino miserável não pode ficar sem castigo. Minha pobre menina... – E seu

rosto acusou a dor que sentia.

- E este é o Sr. Poirot, também vindo de Londres, e o...

- Capitão Hastings – disse Poirot.

- Prazer em conhece-los, senhores – disse Barnard, meio alheado. –

Venham para a sala de visitas. Não sei se minha senhora poderá falar com os

senhores. Ela está arrasada.

No entanto, quando já estávamos acomodados na sala de visitas do pequeno bangalô, a Sra. Barnard apareceu. Era evidente que estivera

chorando, tinha os olhos avermelhados e seus passos vagarosos e incertos

eram os de uma pessoa que sofrera um grande golpe.

- Por que desceu, Hilda? Está tudo em ordem – disse o Sr. Barnard. –

Tem certeza que está bem, hem? – Deu-lhe uma palmadinha no ombro e

puxou uma cadeira para ela.

54

- O superintendente foi muito gentil – disse o dono da casa. – Depois

de nos informar do acontecimento, disse que deixaria algumas perguntas para

serem feitas mais tarde, quando já tivesse passado o choque inicial que

sofremos.

- O que houve foi muito cruel. Oh, meu Deus, foi duro demais –  
exclamou a Sra. Barnard, chorosa. – A coisa mais terrível que  
poderia  
acontecer.

Sua voz tinha uma leve cadência monótona e julguei de início que  
fosse estrangeira, mas então me lembrei do nome dado ao  
conjunto residencial  
e percebi que aquela entonação cantante de sua fala provava na  
realidade sua  
procedência galesa.

- Foi muito doloroso, senhora, eu entendo – disse o Inspetor Crome.  
–

E compreendemos seu sofrimento, mas desejamos saber certas  
coisas que

nos permitiriam agir com maior presteza nesse caso.

- É muito lógico – disse o Sr. Barnard, movendo a cabeça em  
assentimento.

- Sua filha estava com vinte e três anos, certo? Ela morava aqui  
com

vocês e trabalhava na lanchonete *Ginger Cat*, correto?

- Sim.

- Esta casa foi construída recentemente, pelo que sei. Onde  
moravam

anteriormente?

- Eu trabalhava no ramo de ferragens, em Kennington. Aposentei-me

há dois anos. Sempre quis morar perto do mar.

- Têm duas filhas?

- Sim. Minha garota mais velha trabalha num escritório em Londres.

- Não ficaram preocupados quando sua filha não voltou para casa ontem à noite?

- Nós não sabíamos que ela ainda não voltara – disse a Sra. Barnard,

em voz chorosa. – Meu marido e eu sempre nos recolhemos cedo. Nove horas

toda noite. Só viemos a saber que Betty não dormira em casa quando o oficial

de polícia veio procurar-nos e disse...

Ela voltou a chorar sem poder conter-se.

- Sua filha tinha o hábito de... voltar tarde para casa?

55

- Sabe como são as garotas de hoje, inspetor – disse Barnard. – Elas

se julgam independentes. Nessa temporada de verão não se apressam nada

em voltar para casa. Assim, Betty só costumava chegar aqui por volta de onze

horas.

- Como ela procedia? Digo, a porta ficava aberta?

- A chave ficava sob o capacho, sempre fizemos assim.

- Havia algo a respeito de um possível noivado de sua filha?

- Esses jovens de hoje em dia não são muito de oficializar seus compromissos – disse o Sr. Barnard.

- O nome dele é Donald Fraser, e eu o apreciava. Gostava muito dele –

disse a Sra. Barnard. – Pobre moço, saber do que... aconteceu deve ter sido

doloroso para ele: Donald já deve ter sabido, suponho.

- Ele trabalha para Court & Brunskill, certo?

- Sim, eles são agentes imobiliários.

- E ele costumava encontrar-se com sua filha com frequência à noite

após o trabalho?

- Todas as noites, não. Diria melhor uma ou duas vezes por semana.

- Sabe se ela ia encontrar-se com ele ontem?

- Ela não me disse nada. Betty nunca falava muito sobre o que fazia ou

aonde pretendia ir. Mas era uma boa menina, a nossa Betty. Oh, não posso

acreditar... – E a Sra. Barnard soluçou de novo.

- Tente acalmar-se, querida. Vamos, que é isso – murmurou o marido.

– Temos que superar isto, ajudar a esclarecer o que aconteceu.

- Estou certa de que Donald nunca deveria... nunca... – e a Sra.

Barnard não pôde prosseguir devido aos soluços.

- Agora, tente refazer-se – repetiu o Sr. Barnard para a esposa.

- Por Deus que gostaria muito de ajuda-los, mas a verdade é que não

estou a par de nada que serviria para a captura dessa patife covarde que fez

isso. Betty era alegre, feliz de viver... com um namorado jovem e honesto...

Estava bem encaminhada, diria assim nos meus tempos de juventude. Que

alguém pudesse vir a mata-la e por que, eis o que não posso entender. Não

tem sentido algum.

- O que diz tem a sua procedência, Sr. Barnard – observou Crome. –

Bem, eu lhe direi o que gostaria de fazer agora... Queria dar uma olhadela no

56

quarto da Srta. Barnard. Pode ser que ali encontremos algo, cartas... ou um

diário.

- Pode olhar à vontade – disse Barnard, levantando-se.

Crome acompanhou o dono da casa. Depois Poirot e Kelsey o imitaram.

Eu parei um instante para apertar o cordão de meus sapatos que estava frouxo. Foi aí que um táxi parou à entrada da casa e uma moça saltou.

Ela pagou a corrida ao motorista e apressou-se a entrar no bangalô, carregando uma maleta. Mal entrou na sala me viu e parou de chofre.

Havia algo de tão extático em sua postura que me deixou curioso.

- Quem é você? – ela perguntou.

Dei uns poucos passos na sua direção. Sentia-me meio embaraçado sem saber como responder devidamente. Deveria dizer-lhe meu nome? Ou

mencionar o fato de ter vindo ali com a polícia? A jovem, contudo, não me deu

tempo para uma escolha.

- Ah, sim, eu posso imaginar quem seja.

Ela tirou o pequeno gorro branco de lã que usava e, com ar distraído,

largou-o num canto da sala. Podia apreciá-la melhor agora quando ela se virou

um pouco e a claridade incidiu sobre seu rosto.

Minha impressão inicial foi a de estar vendo aquelas bonecas

holandesas com as quais minhas irmãs costumavam brincar em minha

meninice. Seu cabelo era negro, cortado curtinho e com uma franja caindo

sobre a testa. Tinha as maçãs do rosto bem pronunciadas e no conjunto sua

figura tinha uma sofisticada e moderna angulosidade que não era, contudo,

ausente de atrativos. Ela não era bonita, na verdade, mas havia uma certa

intensidade de expressão, uma energia interior que a tornava uma pessoa

difícil de se esquecer.

- É a Srta. Barnard? – perguntei afinal.

- Sou Megan Barnard. Suponho que pertença ao departamento

policial.

- Bem... – eu retruquei. – Não exatamente...

Ela me interrompeu, incisiva:

- Acho que não poderei lhe adiantar nada. Minha irmã era uma jovem

inteligente, alegre e sem casos amorosos. Bom dia.

57

Sorriu de leve enquanto me falava e olhou para mim desafiante.

- Essa é uma resposta correta, não? – ela disse então.

- Só que não sou um repórter, se é isso que pensou.

- Afinal, quem é você? – Relanceou o olhar pelo aposento. – Onde estão mamãe e papai?

- Seu pai foi mostrar o quarto da Srta. Betty à polícia. Sua mãe está aí

dentro. Ela se acha muito abalada.

A moça pareceu tomar uma decisão.

- Venha comigo.

Ela empurrou uma porta entreaberta e eu a acompanhei. Encontrei-me

então numa cozinha pequena e muito limpa.

Eu fui fechar a porta, mas encontrei uma inesperada resistência. E logo

a seguir Poirot entrava sem ruído na cozinha e fechava a porta atrás de si.

- *Mademoiselle* Barnard? – disse Poirot após um breve cumprimento.

- É o Sr. Hercule Poirot – disse eu à jovem.

Megan Barnard dirigiu-lhe um rápido e avaliador olhar.

- Já ouvi falar de você. É o detetive particular da moda, certo?

- Não é uma descrição apropriada... mas serve – retrucou Poirot.

A jovem sentou-se na borda da mesa de cozinha. Rebuscou em sua bolsa e apanhou um cigarro. Colocou-o entre os lábios finos, acendeu-o, e

então disse entre dois flocos de fumaça:

- Seja como for, não percebo o que o Sr. Hercule Poirot está fazendo aqui nesse nosso humilde crime local.

- *Mademoiselle* – disse Poirot. – O que não percebe e o que eu não vejo talvez desse para encher um livro inteiro. Mas tudo isso não tem nenhum

alcance prático. De importância prática é algo que não será fácil de descobrir.

- De que se trata então?

- A morte, *mademoiselle*, infelizmente origina uma *predisposição*.  
Uma

predisposição favorável à pessoa morta. Escutei o que você disse  
ainda há

pouco ao meu amigo Hastings. "Uma moça inteligente e alegre sem  
casos

amorosos". Você o disse ironizando os jornais. E é bem verdade,  
quando uma

jovem é morta, que esse tipo de coisa se faz ouvir com freqüência  
na imprensa.

Ela era muito inteligente. Era feliz. Tinha um bom gênio. Não tinha  
problemas

sérios. E nem amizades pouco recomendáveis. Há sempre uma  
grande

58

benevolência em relação a quem morre. Sabe o que eu gostaria de  
fazer neste

momento? Conversar com alguém que conhecesse Elizabeth  
Barnard e *que*

*não soubesse ainda que ela morreu!* Aí então, talvez eu viesse a  
escutar aquilo

que mais me interessa saber: a verdade.

Megan Barnard olhou para meu amigo em silêncio por alguns  
instantes

enquanto fumava. Então, por fim, decidiu falar. E suas palavras me causaram

um impacto.

- Betty era uma idiota consumada!

## CAPÍTULO 11 - MEGAN BARNARD

Como disse, as palavras de Megan Barnard, e mais ainda a entonação

veemente e tensa com que foram pronunciadas, me impressionaram

fortemente.

Poirot, contudo, limitou-se a mover a cabeça circunspeto.

- *A la bonne heure* – disse ele. – É inteligente, *mademoiselle*.

Megan Barnard disse, ainda no mesmo tom desinibido.

- Eu gostava muito de Betty. Mas essa afeição não me impedia de perceber a espécie de pequena tola que ela era... e cheguei mesmo a dizer-lhe

isso em várias ocasiões Afinal irmãs são para isso.

- E ela deu atenção a seus conselhos?

- Certamente que não – retrucou Megan, com ironia.

- Poderia ser mais explícita, *mademoiselle*.

A jovem hesitou e Poirot lhe disse com um leve sorriso:

- Vou ajuda-la. Escutei o que você disse a Hastings. Que sua irmã era

inteligente, alegre e sem casos amorosos... Isto é... *um peu contrário* à

realidade dos fatos, não?

Megan disse com precipitação:

- Não havia nada de ruim com a Betty, entende? Sabia até onde devia

ir. Não era do tipo de garota para fins de semana, compreende? Nada disso.

Mas gostava de que a convidassem para sair e dançar fora, e... bem, apreciava

certos elogios meio vulgares e toda sorte de galanteios.

- E ela era bonita? Sim ou não?

59

Essa pergunta, que eu ouvia pela terceira vez naquele mesmo dia, obteve então uma resposta bem ilustrativa, concreta.

Megan deslizou com agilidade da ponta da mesa, abriu sua maleta de

viagem e retirou da mesma algo que entregou a Poirot.

Numa pequena moldura de couro escuro via-se a foto de uma jovem

sorridente, de expressão muito desenvolta. Seu cabelo fora ondulado

recentemente – dava para notar – e contornava sua cabeça numa massa de

cachos frisados. O sorriso era brejeiro, mas meio forçado. Não era certamente

um rosto que se poderia classificar de formoso, mas possuía, obviamente,

certa boniteza, embora comum.

Poirot devolveu a foto, dizendo:

- Não se parecem em nada, *mademoiselle*.

- Oh, não. Eu sou a feiosa da família. Sempre soube disso. – Megan parecia dar pouca importância ao fato.

- Em que sentido exatamente pensa que sua irmã se comportava como

uma tola? Quer dizer, talvez em relação a Donald Fraser?

- É isso aí. Don é o tipo da pessoa ponderada, mas... bem, naturalmente, ficava sentido com certas coisas e então...

- E então o que, *mademoiselle*?

Poirot olhava a moça fixamente.

Talvez fosse imaginação minha, mas achei que ela teve uma breve hesitação antes de responder.

- Receei que ele viesse a... dar-lhe o fora. E teria sido uma pena. Don é

um rapaz equilibrado e trabalhador, e daria um bom marido para ela.

Poirot continuava a analisa-la com o olhar. Ela não fugiu a esse olhar

penetrante e o sustentou com aquela mesma expressão que me recordou seu

primeiro gesto desafiante, a maneira quase desdenhosa com que me brindara

na sala.

- Então foi só isso – disse Poirot, finalmente. – Nós não falamos a verdade de maneira nenhuma.

Ela balançou os ombros e voltou-se para a porta, dizendo:

- Bem, eu fiz o que podia para ajuda-lo.

Ela ia afastar-se, mas a voz firme de Poirot a reteve.

- Espere, *Mademoiselle*. Tenho algo a lhe dizer. Volte aqui.

60

Embora de má vontade, penso eu, ela obedeceu.

Mas para minha surpresa, Poirot se pôs a falar sobre a história das cartas do ABC, o crime de Andover, e acerca do guia de trens encontrado junto

ao corpo das duas vítimas.

Megan não lhe deu razão para queixas de falta de interesse no relato.

Os lábios da jovem ficaram entreabertos, seus olhos brilharam mais vivamente,

muito interessada no que ele dizia.

- Tudo isso é verdade, Sr. Poirot?

- Sim, é verdade.

- Quer dizer então que minha irmã foi morta por um desses horríveis

maníacos homicidas?

- Precisamente.

Ela respirou fundo antes de exclamar:

- Oh! Betty... Betty... como isso é *horrível!*

- Já vê, *mademoiselle*, o alcance da informação que lhe pedi para dar

espontaneamente, sem se preocupar se iria ou não magoar alguém.

- Sim, agora percebo isso.

- Agora podemos continuar nossa conversa. Eu tinha feito idéia desse

Donald Fraser como sendo, talvez, dotado de um temperamento rude e

ciumento, isso confere?

Megan Barnard disse tranqüilamente:

- Agora sinto confiança na sua pessoa, Sr. Poirot. E vou lhe dizer a pura verdade. Como já disse antes, Don é muito ponderado, uma pessoa que

sabe se conter, o senhor sabe a quem me refiro. Ele nem sempre consegue

expressar o que sente com palavras. Mas, no íntimo, compreende e sente

certas coisas intensamente. E tem uma índole ciumenta. Sempre teve ciúmes

de Betty. Era muito dedicado a ela... e, naturalmente, minha irmã gostava dele,

mas não era próprio de Betty gostar de uma pessoa e alhear-se dos demais.

Não tinha esse jeito apaixonado. Ela... bem, arriscava sempre um olhar para

algum rapaz bonito que passasse algum tempo em sua companhia. E

naturalmente, trabalhando no *Ginger Cat*, ela estava sempre se encontrando

casualmente com homens, especialmente nas férias de verão. Ela estava com

a língua sempre afiada e assim, se eles a aborreciam, lhes dava o troco na

hora. E então, talvez saísse com algum rapaz, para irem a um cinema ou algo

61

assim. Nada de sério, compreenda, apenas gostava de se divertir. Costumava

dizer que se um dia acabaria se casando com Don devia, agora, aproveitar seu

tempo divertindo-se enquanto podia.

Megan fez uma pausa e Poirot disse:

- Entendo. Prossiga.

- E era justamente essa disposição de espírito de Betty que Don não

podia entender. Se estava realmente enamorada dele, não compreendia por

que ela desejava sair com outros rapazes. E uma vez ou duas eles tiveram

uma briga séria por causa disso.

- Mas Don não é um homem calmo, ponderado?

- Acontece com ele o mesmo que com todas as pessoas tranquilas, sossegadas. Quando perdem a paciência pensam até em vingança. Don

mostrou-se tão violento que Betty ficou assustada.

- Quando foi isso?

- Bem, essa briga aconteceu há cerca de um ano e a outra, pior ainda,

foi há um mês atrás, mais ou menos. Eu vinha para cá num fim de semana, e

tentei ajeitar as coisas de novo entre eles. Foi quando procurei despertar o

bom-senso de Betty... e lhe disse que agia como uma garota tola. Tudo que me

respondeu então foi que não havia nada de mal naquilo. Bem, isso não deixava

de ser verdade, mas de qualquer modo ela estava cavando sua infelicidade. O

senhor sabe, ela adquirira o hábito, após a briga de um ano atrás, de inventar

algumas mentirinhas convenientes apoiando-se no ditado: "o que a razão

desconhece o coração não sente".A última desavença aconteceu porque ela

dissera a Don que iria a Hastings ver uma amiguinha. Mas ele veio a saber que

ela realmente estivera em Eastbourne com um certo homem. Este era casado,

como se soube depois, e mantivera segredo disso, o que tornou as coisas

piores ainda. Don e minha irmã fizeram uma cena terrível – com Betty dizendo

não estar casada ainda com ele e que, portanto, tinha o direito de sair com

quem lhe agradasse e Don, muito pálido, trêmulo de raiva e afirmando que

qualquer dia...

- Sim?

- Ele disse que cometeria um crime... – acabou concluindo Megan, em

tom mais baixo.

Ela ficou parada fitando Poirot, que moveu a cabeça com ar sério.

62

- E assim, naturalmente, você ficou receosa...

- Nem por um instante pensei que ele chegasse a cumprir sua ameaça!

Estava com receio era de que aquilo tudo, a briga e as palavras ditas por Don,

viesses a ser do conhecimento de outras pessoas.

Novamente Poirot moveu a cabeça com ar grave.

- Certo. E posso dizer, *mademoiselle*, que não fosse pela vaidade egoística de um assassino, seria isso que teria acontecido. Se Donald Fraser

não se tornou suspeito, ele o deve à jactância doentia do Sr. ABC.

Fez-se curto silêncio e então ele disse:

- Sabe se sua irmã se encontrou realmente com esse homem casado,

ou algum outro rapaz, ultimamente?

- Não sei. Eu trabalho em Londres, o senhor sabe.

- Mas qual a sua opinião?

- Ela não deve ter tido um novo encontro com aquele homem. Ele, com

certeza, pulou fora ao perceber que havia possibilidade de um escândalo, mas

não me surpreenderia se Betty tivesse... bem, contado de novo a Don algumas

mentiras. Você sabe, ela gostava de dançar e ir ao cinema, e, naturalmente,

Don não podia estar saindo com minha irmã com freqüência.

- Assim, pode ser que ela tenha feito confidências a alguém, não? À coleguinha da lanchonete, por exemplo.

- Penso que não. Betty não suportava a tal Higley. Ela a achava muito

vulgar. E as outras deviam ser novas ali. Betty não iria confidenciar-lhes nada.

A campainha da porta soou de modo estridente.

Megan chegou à janela e debruçou-se no peitoril. Voltou a cabeça

então, rapidamente.

- É o Don...

- Traga-o para cá – disse Poirot, com presteza. – Gostaria de conversar

um pouco com ele antes que nosso bom inspetor o monopolize.

Megan saiu como um foguete da cozinha, e dois segundos depois já estava de volta trazendo Donald Fraser pela mão.

63

## CAPÍTULO 12 - DONALD FRASER

Assim que vi aquele moço entrar senti pena dele. Seu rosto pálido e a

expressão conturbada mostravam como fora profundo o golpe que sofrera.

Era um rapaz de boa constituição, ar inteligente e educado, com um metro e oitenta talvez, não podendo ser chamado de bonito, mas com um rosto

agradável, meio sardento, pômulos salientes e uma brilhante cabeleira ruiva.

- O que é isto, Megan? – ele exclamou. – Por que estamos aqui? Por Deus, conte-me tudo que houve... Só há pouco eu soube que... Betty...

Sua voz se perdeu. Poirot puxou uma cadeira para frente e o convidou

a sentar-se.

Então meu amigo tirou do bolso um pequeno frasco, pingou algumas

gotas de seu conteúdo num copo convenientemente disposto sobre o aparador

da cozinha e disse:

- Beba isto, Sr. Fraser. Vai fazer-lhe bem.

O rapaz obedeceu. O brandy diminuiu a sua palidez, reconfortando-o

um pouco. Aprumou-se na cadeira e voltou-se uma vez mais para a jovem.

Suas maneiras agora eram sóbrias e ele demonstrava autocontrole.

- Então é verdade? – ele disse. – Betty morreu... assassinada?

- Sim, é verdade, Don.

Ele disse como se raciocinasse mecanicamente:

- Você acaba de chegar de Londres?

- Sim. Papai me telefonou.

- Por volta de 9 e 30, não foi? – observou Donald Fraser.

Sua mente, desafiada pela realidade chocante, buscava uma válvula

de escape ao referir-se a detalhes sem importância.

- Sim – respondeu Megan.

Fez curto silêncio e então Fraser perguntou:

- E a polícia? Eles estão fazendo alguma coisa?

- Estão lá em cima, agora. Dando uma espiada nos objetos pessoais da Betty, acho eu.

- E não têm nenhuma idéia de quem... ? Não sabem...

64

Notava-se logo que Donald tinha um temperamento sensível, experimentando certo pudor e dificuldade em transpor para as palavras a

realidade de fatos violentos e chocantes.

Poirot acercou-se mais um pouco do rapaz para lhe fazer uma pergunta. Sua voz adquiriu um tom prosaico, informal, como se a indagação se

referisse a um detalhe sem maior importância.

- A Srta. Barnard lhe disse aonde pretendia ir na noite passada?

Ao responder, Fraser pareceu fazê-lo mecanicamente.

- Ela me contou que ia a St. Leonards com uma amiga.

- E você acreditou nela?

- Eu... – De repente o “autômato” ganhou vida própria. – O que está

querendo dizer com isso?

Seu rosto, transtornado por súbita cólera e sua expressão ameaçadora

fizeram-me compreender que a jovem Betty deveria ter ficado com medo de

despertar sua raiva.

Poirot disse secamente:

- Betty Barnard foi morta por um assassino calculista. Somente dizendo

a estrita verdade você poderá ajudar-nos a obter uma pista.

O rapaz dirigiu um breve olhar a Megan como se a consultasse.

- Ele tem razão, Don – ela disse. – Não é hora de se preocupar com seus sentimentos pessoais ou os de mais alguém. Você deve ser objetivo.

Donald Fraser olhou para Poirot com desconfiança.

- Quem é o senhor? É da polícia?

- Sou algo melhor do que a polícia – respondeu Poirot. Mas disse tal coisa sem arrogância deliberada. Para ele tratava-se da simples enunciação de

um fato.

- Conte para ele – disse Megan.

Donald Fraser cedeu.

- Não tenho certeza – disse por fim. – Acreditei nela quando me falou.

Nunca pensei que não fosse fazer o que me dissera. Mais tarde... talvez,

pensei que havia algo diferente em seu modo de ser. Eu... bem, comecei a

cismar.

- E então? ... – disse Poirot.

65

Poirot estava sentado de frente para Fraser. Seu olhar fixo no rosto do

outro parecia exercer um efeito hipnótico.

- Senti vergonha de mim mesmo por me mostrar tão desconfiado.

Mas... o fato é que *estava* desconfiado... Pensei em ficar em frente à

lanchonete e vigia-la quando ela terminasse seu trabalho. Cheguei a ir até lá.

Então compreendi que não podia fazer tal coisa. Betty talvez me visse ali e

ficaria zangada. Veria de imediato que eu estava vigiando seus passos.

- E o que fez então?

- Fui a St. Leonards. Cheguei lá por volta das oito horas. Fiquei atento

aos ônibus, para ver se ela estava em algum... Mas nem sinal dela...

- E aí?

- E... perdi a cabeça. Me convenci de que ela estava com algum homem. Pensei que ele talvez a tivesse levado de carro a Hastings. Estive por

lá, entrei em hotéis e restaurantes, rondei os cinemas... estive também no cais.

Tudo sem sucesso e às cegas. Mesmo que ela estivesse onde eu imaginava

seria problemático encontra-la, e, além do mais, havia um bom número de

outros lugares aonde o tal homem poderia tê-la levado sem ser Hastings.

- Por fim eu desisti da busca e... voltei.

- A que horas?

- Não sei dizer. Caminhei sem parar. Devo ter chegado à casa por volta

de meia-noite.

- Então...

A porta da cozinha foi aberta nesse momento.

- Ah, estão aí – disse o Inspetor Kelsey.

O Inspetor Crome passou à frente do colega, dirigindo um olhar de

início a Poirot e depois fixando-se nos demais.

- Srta. Megan Barnard e Sr. Donald Fraser – disse Poirot, fazendo as apresentações. – Este é o Inspetor Crome, de Londres – explicou meu amigo.

Voltando-se para Crome, disse:

- Enquanto você investigava aí em cima, estive conversando com a Srta. Barnard e o Sr. Fraser, para ver se podia apurar alguma coisa que viesse

a esclarecer o caso.

- Ah, sim? – retrucou o Inspetor Crome, com a atenção presa não em

Poirot, mas nos dois jovens.

66

Poirot afastou-se rumo ao hall. O Inspetor Kelsey lhe perguntou com

amabilidade, mal ele saía da cozinha:

- Conseguiu alguma coisa?

Mas teve sua atenção despertada pelo colega e não aguardou uma resposta à sua pergunta formal.

Eu me reuni a Poirot no hall.

- Alguma coisa impressionou você? – indaguei.

- Apenas a surpreendente magnanimidade do assassino, Hastings.

Não tive coragem de retrucar que não fazia a mínima idéia do que ele

quisera dizer.

## CAPÍTULO 13 - UMA CONFERÊNCIA

A maior parte de minhas lembranças relativas ao caso ABC parece se

constituir de conferências. Na Scotland Yard. No apartamento de Poirot.

Conferências oficiais. Conferências extra-oficiais.

A conferência a que me refiro agora objetivava decidir se os fatos

relativos às cartas anônimas deveriam ou não ser divulgadas através da

imprensa.

O crime de Bexhill atraía muito mais atenção do que o de Andover. Ele

reunia, naturalmente, elementos de interesse popular muito mais sugestivos.

Para começar, a vítima fora uma jovem de boa aparência. E a tragédia, além

disso, ocorrera numa popular estação balneária.

Todos os detalhes que cercavam o crime foram fartamente noticiados e

com versões retocadas e chamativas. O guia de trens ABC contribuiu para uma

parcela dessa atenção. A teoria favorita era a de que fora adquirido no local

pelo assassino e se transformara numa pista valiosa para a sua identificação. E

também parecia indicar que ele viera a Bexhill de trem e pretendia seguir para

Londres.

O guia de trens não figurara no reduzido noticiário acerca do

assassinato de Andover, assim os dois crimes não pareciam correlacionados

aos olhos da opinião pública.

67

- Temos que decidir sobre a política a adotar – disse o delegado

auxiliar. – A coisa está no seguinte pé: que orientação nos trará melhores

resultados? Devemos apresentar ao público os fatos, solicitar sua cooperação?

Afinal de contas, serão milhões de pessoas a colaborar conosco, em busca de

um maníaco...

- Ele não deve proceder como um louco – objetou o Dr. Thompson.

-... tomarão nota das vendas do ABC, e coisas desse tipo – prosseguiu

o delegado auxiliar, sem atentar para a objeção do médico. –  
Contra isso

suponho haver a vantagem de agir no escuro, não deixando nosso  
homem

saber o que pretendemos fazer, mas aí ocorre o fato de que *ele  
conhece muito*

*bem o que nós sabemos.* Ele chamou deliberadamente a atenção  
sobre si

mesmo através dessas cartas. Bem, Crome, qual a sua opinião?

- Eu encaro a coisa da seguinte maneira, senhor. Se tornar público

esse assunto, *o senhor estará fazendo o jogo do ABC.* Eis o que ele  
deseja:

publicidade, notoriedade. É o que está procurando. Não acha que  
tenho razão,

doutor? Ele quer fazer sensação.

Thompson assentiu com a cabeça.

O delegado auxiliar disse pensativamente:

- Assim você só conseguirá frustra-lo. Recusando-lhe a publicidade  
que

deseja fará com que ele anseie mais ainda por ela. Que tem a dizer  
sobre isso,

Sr. Poirot?

Poirot demorou um pouco a responder. Então disse com o ar de quem

escolhe as palavras com cuidado.

- É difícil para mim, Sir Lionel. Sou, como se poderia dizer, parte interessada nesse caso. O desafio foi dirigido a mim. Se eu declarar: não torne

público esse fato, não seria lícito pensar que é a minha vaidade que se

manifesta? Estaria zelando pela minha reputação? Como vê, é difícil responder. Para ser franco, contar tudo tem suas vantagens. É pelo menos, um

alerta... Por outro lado, estou convencido, como o Inspetor Crome, *ser isso*

*mesmo que o assassino deseja que façamos.*

- Hum! – exclamou Sir Lionel, coçando o queixo. Voltou o olhar então

para o Dr. Thompson. – Vamos supor que recusemos ao nosso lunático a

chance de uma publicidade que tanto almeja. O que ele faria nesse caso?

68

- Cometeria outro crime – retrucou o psiquiatra, prontamente. Seria como forçá-lo a agir.

- E se divulgássemos a coisa toda através das manchetes dos jornais?

Qual seria, então, a resposta desse indivíduo?

- Minha resposta é a mesma. Por um lado se *alimentaria* sua megalomania, por outro o *frustraríamos*. O resultado é o mesmo: outro assassinato.

- O que tem a dizer, Sr. Poirot?

- Concordo com o Dr. Thompson.

- Uma espécie de beco sem saída, hem? Quantos crimes pensa que esse lunático ainda tem em mente?

O Dr. Thompson olhou de relance para Poirot.

- Parece que irá de A a Z – disse com humor.

- Naturalmente que é isso que ele pretende, mas não o conseguirá.

Nem ficará próximo de seu objetivo. O senhor o terá apanhado antes disso.

Interessante seria ver como se arranjará com a vítima da letra X. – Ele se

sentia pessoalmente culpado por tratar a questão de maneira especulativa, na

base do entretenimento. – Mas o senhor o terá em suas mãos antes que tal

aconteça. Talvez ele fique na letra G ou H.

Sir Lionel soqueou a mesa, exclamando:

- Meu Deus, está querendo me dizer que haverá ainda cinco outros assassinatos?

- Eu não chegaria a tanto, senhor – disse o Inspetor Crome. – Confie

em mim.

Crome se expressava com autoconfiança.

- E que letra do alfabeto indicaria como ponto final dessa série de crimes, inspetor? – indagou Poirot.

Havia um leve toque de ironia na voz de meu amigo. Acho que Crome

o olhou com um ar de contrariado que perturbava sua expressão habitual de

serena superioridade.

- Devemos apanha-lo da próxima vez, Sr. Poirot. Seja como for, asseguro que porei as mãos nele na hora em que chegar ao F.

Voltou-se então para Sir Lionel, observando:

69

- Penso que definimos de modo bem claro a psicologia desse caso.

Que o Dr. Thompson me corrija se eu estiver errado. Acho que cada vez que o

ABC leva a cabo um crime, sua autoconfiança aumenta numa proporção de

cem por cento. De cada vez ele se sente compelido a dizer: "Eu sou esperto,

eles não conseguirão apanhar-me!", mas aí sua extrema autoconfiança o leva

também a descuidar-se. Superestima a sua esperteza e passa a julgar os

outros cada vez mais tolos. E logo, logo passará a não se incomodar em tomar

quaisquer precauções. Estou certo, doutor?

Thompson assentiu.

- É o que comumente acontece. A questão não poderia ter sido melhor

exposta numa terminologia leiga. Deve conhecer algo sobre o assunto, Sr.

Poirot. Não está de acordo com o que foi dito aqui?

Não creio que Crome tivesse gostado de Thompson ter consultado

Poirot. Afinal ele se considerava como o único *expert* no assunto.

- É como o Inspetor Crome disse – concordou Poirot.

- Um caso de paranóia – murmurou o doutor.

Poirot voltou-se para Crome, perguntando:

- Há algumas provas materiais de interesse relativas ao caso de Bexhill?

- Nada de conclusivo. Um garçom do *Splendide* de Eastbourne reconheceu pela foto de Betty Barnard a moça que jantou ali no dia 24 em

companhia de um homem de meia-idade, de óculos. Ela também foi reconhecida num motel, o *Scarlet Runner*, a meio caminho entre Bexhill e

Londres. Dizem que ela ali esteve por volta de nove da noite do dia 24, com um

homem que parecia ser um oficial de marinha. Temos que encarar como

prováveis apenas tais testemunhos. Há, naturalmente, um bom número de

outras identificações, mas nenhuma que nos mereça confiança. Não fomos

capazes de descobrir a pista do ABC.

- Bem, você parece ter feito tudo o que era possível, Crome – disse o

delegado. – Que tem a dizer agora, Sr. Poirot? Que linha de investigação lhe

parece mais aconselhável?

- Me parece que há um dado muito importante... a descoberta do motivo desses crimes.

70

- Isso é quase óbvio. Um complexo alfabético. Não é assim que o denomina, doutor?

- *Ça, oui* – disse Poirot. – Trata-se de um complexo alfabético. Mas por

que essa fixação? Um doente mental parece ter sempre uma razão bem forte

para os crimes que comete.

- Ora, vamos, Sr. Poirot – observou Crome. – Lembre-se de Stoneman

em 1929. Ele apenas acabou eliminando alguém que mal o incomodava.

Poirot o encarou, retrucando:

- Certo. Mas se você é uma pessoa bem situada e importante, lhe devem ser poupados certos pequenos incômodos. Se uma mosca insiste em

pousar por diversas vezes em sua testa, acabando por irritá-lo, o que faz

então? Você se obstina em matar a tal mosca. Não experimenta qualquer

escrúpulo em fazer isso. *Você* é importante, a mosca não. Portanto, você mata

o inseto e a fonte de irritação desaparece. Seu ato surge a seus olhos como

normal e justificável. Uma outra razão para exterminar a mosca reside no seu

acentuado amor pela higiene. A mosca afinal é um perigo em potencial para a

comunidade, assim deve desaparecer. O cérebro de um criminoso

mentalmente desequilibrado funciona assim também. Mas observe o caso

atual: *se as vítimas são escolhidas alfabeticamente, então elas não são*

*eliminadas por significarem uma fonte de aborrecimento pessoal para o*

*assassino*. Associar os dois fatores seria coincidência demais.

- Eis aí uma questão a considerar – disse o Dr. Thompson. – Me

lembro de certo caso em que um homem foi condenado à morte. Sua viúva

passou então a dar cabo dos membros do júri, uma a um. Esses crimes de

saída não foram conectados com o caso. Pareceram então inteiramente

casuais. Mas como diz o Sr. Poirot, não se dá tal coisa com um assassino que

comete crimes *ao acaso*. Ou ele elimina pessoas que se colocam (embora de

modo insignificante) em seu caminho, ou então as assassina por *convicção*.

Ele elimina sacerdotes ou policiais, ou prostitutas porque crê firmemente que

*devem* ser eliminados. E, pelo que observo, isso não se aplica ao presente

caso. A Sra. Ascher e Betty Barnard não podem ser enquadradas numa

mesma classe de pessoas. Naturalmente, é possível que um complexo sexual

intervenha nesses crimes. As duas vítimas eram mulheres. Bem, poderemos

ter uma idéia melhor do assunto após o próximo crime...

71

- Pelo amor de Deus, Thompson, não se refira com essa naturalidade

ao próximo crime – disse Sir Lionel, irritado. – Faremos tudo para impedir outro

assassinato.

O Dr. Thompson manteve a sua calma, respirando fundo. E sua atitude

era a de quem estivesse querendo dizer:

- Faça o que achar melhor. Se não deseja enfrentar os fatos...

Sir Lionel voltou a se dirigir a Poirot.

- Percebo qual o rumo que está seguindo, mas ainda não vejo as coisas com clareza.

- Me pergunto – disse Poirot – o que se passa exatamente na mente do

assassino? Ele mata, como pode ser notado por suas cartas, *pour lé sport*,

para seu entretenimento pessoal. Será isso realmente verdadeiro? E caso o

seja, apoiado em que princípio ele escolhe suas vítimas *afora o simples*

*sistema alfabético*? Se mata meramente para divertir-se não deveria então

notificar o fato, já que, de outro modo, ele poderia matar com impunidade. Mas

não, como todos nós admitimos, ele deseja é chocar a opinião pública, afirmar

sua personalidade. De que modo sua personalidade foi recalcada a ponto de

alguém poder associa-la com as duas vítimas por ele escolhidas? Uma última

sugestão: Será que seu motivo direto e pessoal é o ódio que dedica a *mim*,

Hercule Poirot? Será que me desafia publicamente por eu o ter (embora sem

saber) derrotado de algum modo no decorrer da minha carreira? Ou a sua

animosidade impessoal é dirigida contra um *estrangeiro*? E se for este o caso,

o que o levaria a nutrir tal animosidade? Que ofensa terá sofrido da parte de

um estrangeiro?

- São observações muito sugestivas – disse o Dr. Thompson.

O Inspetor pigarreou antes de comentar:

- Realmente? Talvez sejam um pouco inadequadas no momento.

- De modo algum, meu amigo – disse Poirot, olhando-o fixamente.  
– É

*aí mesmo, nessas indagações, que se acha a solução. Se descobrirmos o*

motivo exato – fantástico, talvez para nós, mas lógico para ele, - *pelo qual*

nosso lunático comete esses crimes, poderemos saber, talvez, quem será a

próxima vítima.

Crome balançou a cabeça e replicou:

- Ele as escolhe ao acaso, eis a minha opinião.

- O magnânimo assassino – disse Poirot.

- O que foi que disse?

- Eu disse: o magnânimo assassino! Franz Ascher poderia ter sido

preso pelo assassinato de sua esposa e Donald Fraser também, pela morte de

Betty Barnard, não fosse pelas cartas de advertência do ABC. Será então que

ele é tão sensível a ponto de não poder admitir que outros sofram por algo que

não cometeram?

- Não tenho conhecimento de que coisas estranhas assim aconteçam –

observou o Dr. Thompson. – Conheci homens que mutilaram cerca de seis

pessoas tudo porque uma de suas vítimas não morreria no ato e sofrera um

bocado. Ainda assim, não acho que seja essa a motivação de nosso homem.

Ele anseia assumir a plena autoria desses crimes para sua própria honra e

glória. Esta é a explicação mais adequada.

- Não chegamos a nenhuma decisão quanto à divulgação ou não dos

fatos – disse Sir Lionel.

- Se me permite uma sugestão... – disse Crome. – Por que não

aguardar o recebimento da próxima carta? Aí divulgaremos o assunto através

de edições especiais, etc. Ocasionalmente um certo pânico na cidade a ser

escolhida para o novo crime, mas colocaria de sobreaviso todo aquele cujo

sobrenome comece por C, e poria em brios o ABC. Ele fará tudo para se

sobressair. E será aí que o apanharemos.

O futuro mostraria o quanto estávamos desavisados.

## CAPÍTULO 14 - A TERCEIRA CARTA

Lembro-me bem da chegada da terceira carta do ABC.

Devo dizer que todas as precauções haviam sido tomadas para que

quando o ABC retomasse sua ofensiva não houvesse protelações nem

contratempos. Um jovem sargento da Scotland Yard foi destacado para

guardar o apartamento e caso Poirot e eu estivéssemos ausentes era sua

obrigação atender a quem aparecesse a fim de comunicar-se com o distrito

policial sem demora.

73

À medida que os dias iam passando nossa ansiedade aumentava. O ar

distante e superior, típico do Inspetor Crome, se acentuara mais ainda desde

que uma a uma, as pistas em que confiava foram frustradas. As descrições

imprecisas de homens que teriam sido vistos em companhia da Betty Barnard

resultaram inúteis. Vários carros notados nos arredores de Bexhill e Cooden

estavam estacionados ali por motivos justificados ou então a polícia não

conseguiu localiza-los. A investigação acerca de compras de exemplares do

Guia ABC trouxera apenas contrariedades para pessoas inocentes.

Quanto a nós, cada vez que a voz familiar e as batidas na porta do

carteiro se faziam ouvir, nossos corações batiam mais depressa, apreensivos.

Pelo menos comigo tal acontecia, e não tenho certeza, mas acho que Poirot

experimentava a mesma sensação.

Eu sabia que ele se sentia profundamente desgostoso com aquele

caso. Recusara afastar-se de Londres, preferindo permanecer no centro dos

acontecimentos para qualquer emergência. Naqueles dias críticos, mesmo o

cuidado com seus queridos bigodes era esquecido por ele.

Foi numa sexta-feira que a terceira carta do ABC chegou, trazida pelo

carteiro por volta das dez horas.

Ao escutar os passos e as batidas familiares, rápidas, me levantei

depressa e fui apanhar a correspondência. Havia quatro ou cinco cartas,

lembro-me agora. A última que olhei fora endereçada em letras de imprensa.

- Poirot – gritei. E minha voz sumiu.

- *Ela* chegou? Então trate de abri-la, Hastings. Rápido. Cada instante

perdido é precioso demais. Temos que traçar nossos planos.

Rasguei o envelope (pela primeira vez, Poirot não fez reparos à minha

negligência) e abri a folha escrita.

- Leia – me disse Poirot.

Li então em voz alta:

*Pobre Sr. Poirot. Não é tão bom para solucionar esses problemas*

*criminais como imaginava, hem? Quem sabe seus tempos áureos já se foram?*

*Vejamos se desta vez consegue melhor resultado. O caso de agora é mais*

*fácil. Dia 30 em Churston. Tente fazer alguma coisa a esse respeito! É muito*

*enfadonho encontrar tudo fácil em meu caminho, você sabe!*

*Boa caçada. Sempre seu,*

74

*ABC*

- Churston – eu repeti, indo apanhar nosso exemplar de um Guia ABC.

– Vejamos onde fica...

- Hastings... – A voz de Poirot soou enérgica e veio interromper o que

eu fazia. – Quando essa carta foi escrita? Está datada?

Relanceei o olhar pela carta ainda em minhas mãos.

- Foi escrita no dia 27 – anunciei.

- Será que ouvi bem, Hastings? E ele marcou a data do crime para o *dia 30?*

- Exato. Deixe-me ver, isso...

- *Bom Dieu, Hastings... você não percebeu ainda. Dia 30 é hoje.*

Num gesto eloqüente, ele apontou para a folhinha na parede. Eu peguei o jornal do dia para confirmá-lo.

Poirot apanhou o envelope rasgado que caíra sobre o tapete. Minha mente captara alguma coisa de diferente no endereço, mas estando muito

ansioso para saber o conteúdo da carta não prestara a devida atenção a tal

detalhe.

Naquela época Poirot estava morando em Whitehaven Mansions. No endereço lia-se: *Sr. Hercule Poirot, Whitehorse Mansions*, e no canto do

envelope estava anotado: *“Não é conhecido em Whitehorse Mansions, D.P.I.,*

*nem em Whitehorse Court, procurar em Whitehaven Mansions”*.

- *Mon Dieu!* – exclamou Poirot. – Será que até o caso está ajudando esse louco? *Vite, vite*, temos que alertar a Scotland Yard.

Um minuto depois já estávamos com o Inspetor Crome na linha. Dessa

vez pelo menos aquele policial tão controlado não respondeu: “Oh, sim?” Em

vez disso uma imprecação surda escapou-lhe dos lábios. Escutou o que

tínhamos a dizer, então desligou a fim de comunicar-se com Churston o mais

rápido possível.

- *C'est trop tard* – murmurou Poirot.

- Você não pode ter tanta certeza – argumentei, embora sem muita convicção.

Poirot olhou o relógio, dizendo:

- Dez e vinte. Falta apenas uma hora e quarenta minutos. Será que o

ABC esperará tanto tempo assim?

75

Abri o guia de trens que apanhara há pouco da estante e li:

- Churston, Devon, dista 204 milhas de Paddington. 656 habitantes.

Trata-se de um lugar bem pequeno. Certamente nosso homem deve ter sido

notado ali.

- Ainda assim, outra vida humana será destruída – murmurou Poirot. –

E que me diz dos trens? Penso que será mais rápido do que ir de carro.

- Há um trem à meia-noite, com carro-dormitório para Negton Abbot e

que chega lá às 6 e oito da manhã, e depois em Churston às 7 e quinze.

- Vindo de Paddington?

- Sim.

- Nós vamos toma-lo então, Hastings.

- Dificilmente terá tempo de obter informações novas antes de partirmos.

- E que importância terá recebermos más notícias hoje ou amanhã de

manhã?

- Há alguma diferença nisso.

Coloquei algumas coisas numa maleta enquanto Poirot telefonava novamente para a Scotland Yard.

Pouco depois ele entrava no quarto e me perguntava:

- *Mais qu'est ce que vous faites là?*

- Estou arrumando a mala para você. Pensei em poupar tempo.

- *Vous éprouvez trop demotion*, Hastings. Isso afeta seus gestos e pensamentos. Isso é maneira de dobrar um casaco? E veja só o que fez com

meu pijama. Se o frasco da loção capilar se quebrar o que será então?

- Santo Deus, Poirot ! – exclamei. – Estamos às voltas com um assunto

de vida ou morte. Assim, que importa o que aconteça com as nossas roupas?

- Você não tem senso de medida, Hastings. Não podemos pegar um trem antes da hora em que ele sai realmente da estação, e o fato de estragar

nossas roupas não ajudará nada para impedir um crime.

Tirando com firmeza a maleta das minhas mãos, ele mesmo concluiu a

arrumação. Explicou-me que teríamos que levar a carta e o envelope para

Paddington. Alguém da Scotland Yard iria encontrar-nos lá.

Quando chegamos na estação ferroviária a primeira pessoa que vimos

na plataforma foi o Inspetor Crome.

76

Crome respondeu diante do olhar interrogativo de Poirot.

- Nenhuma novidade ainda. Todos os homens disponíveis estão efetuando buscas por lá. Todas as pessoas cujo nome comece por C estão

sendo avisadas por telefone, na medida do possível. Há uma chance de

acertarmos. Onde está a carta?

Poirot entregou-a ao inspetor, que a leu resmungando baixinho.

- Que azar danado! A sorte parece a favor desse sujeito.

Ele referia-se ao endereço equivocado.

- Não dá para se pensar que isso foi feito de propósito? – insinuei.

- Não. Ele tem suas normas, loucas é certo, e se deixa guiar por elas.

Um aviso cortês... Ele faz questão disso. Eis aí a prova de sua jactância.

Imagino... e tenho quase certeza de que esse cara prefere o uísque *White*

*Horse*.

- *Ah, c'est ingénieux, ça!* – disse Poirot, em tom elogioso, a despeito de

não se dar bem com o inspetor. – Enquanto ele escrevia a carta tinha uma

garrafa desse uísque à sua frente.

- É o que parece – disse Crome. – Todos nós uma vez ou outra

fazemos a mesma coisa, de modo inconsciente, copiando algo que está diante

de nossos olhos no momento. Ele fixou na mente a palavra *horse* escrevendo-a

no envelope ao invés de *haven*...

O inspetor viajaria no mesmo trem em outro carro-leito.

- Ainda que por uma incrível sorte nada aconteça, Churston é o lugar

mencionado pelo assassino. E ele ali está, ou esteve ainda hoje. Um de meus

homens está aqui atento a qualquer telefonema de última hora e virá me

notificar antes que o trem saia.

Justamente quando o trem ia deixar a estação vimos um homem correr

pela plataforma. Logo alcançava a janelinha na qual o inspetor assomara a

cabeça e lhe comunicava algo.

Mas o trem se pôs em marcha, Poirot e eu atravessamos o corredor e

fomos bater na porta do compartimento do Inspetor Crome.

- Recebeu alguma informação importante, não? – perguntou Poirot.

Crome disse pausadamente:

- Acho que pior não podia ser. Sir Carmichael Clarke foi encontrado morto com a cabeça esmagada.

77

Sir Carmichael Clarke era uma pessoa de certa reputação, embora não

fosse muito conhecido do grande público. Até certa época desfrutara de algum

renome como especialista em laringologia. Ao aposentar-se em boa situação

financeira, pudera dedicar-se mais ao que era uma das grandes paixões da sua

vida: a coleção de cerâmica e porcelana chinesas. Alguns anos depois, herdara

uma substancial fortuna de um tio idoso e pudera ampliar bastante sua

coleção, tornando-se o detentor de uma das mais conhecidas e apreciadas

coleções de arte chinesa. Ele se casara mas não tinha filhos e residia numa

casa que construía para si mesmo próxima da costa de Devon. Só vinha a

Londres em raras ocasiões quando alguma peça rara era leiloada na capital.

Era fácil deduzir que a sua morte, logo após a da jovem e bonita Betty

Barnard, forneceria matéria de sensação aos melhores jornais por muito tempo.

Afinal era agosto e os jornalistas estavam ansiosos por um assunto momentoso, o que devia complicar mais as coisas.

- *Eh bien* – disse Poirot. – É possível que a publicidade faça por esse

caso o que a iniciativa privada não conseguiu fazer. O país todo deve estar

agora à procura do ABC.

- Infelizmente é o que ele deseja – observei.

- Exato. Mas isso poderá ser, do mesmo modo, sua ruína. Encantado com o sucesso, ele pode tornar-se descuidado... É o que espero... que se

embriague com sua própria esperteza.

- Como é estranho esse caso, Poirot – eu observei, quando uma súbita

idéia despontou em minha mente. – Você sabe que se trata do primeiro crime

desse tipo em que nós atuamos juntos? Todos os anteriores tinham sido,

digamos assim, assassinatos privados.

- Tem toda a razão, meu amigo. Até então, nosso destino sempre foi

lidar com crimes *interiores*. A história da *vítima* era o que importava. E as

indagações importantes sempre foram: “ Qual o beneficiado com a morte de

determinada pessoa? Que oportunidades os familiares do morto tiveram para

consumar o crime? Tratava-se sempre de um *crime íntimo*. Agora, pela

primeira vez desde que nos associamos, estamos lidando com um crime

cometido a sangue-frio, impessoal. Crime *exteriorizado*".

Senti um leve estremeamento e murmurei:

- É deveras horrível...

78

- Sim. Desde o primeiro momento, quando li a carta inicial, senti que

havia ali alguma coisa irregular... deformada... – Fez um gesto impaciente e

acrescentou: - Mas não devemos nos deixar trair pelos nervos...  
*Esse não é*

*pior do que qualquer crime comum...*

- Ele é... – não consegui encontrar a palavra certa.

- Será pior tirar a vida ou vidas de estranhos do que eliminar alguém

muito íntimo e estimado por você... uma pessoa que confia e acredita em

você?

- Acho que esse crime é pior por ser *anormal...*

- Não, Hastings. Não é *pior*, somente mais *difícil*.

- Não, eu não concordo com você. É infinitamente mais aterrorizante.

Hercule Poirot disse com ar pensativo:

- Deveria ser mais fácil de deslindar por ser obra de um anormal. Um

crime cometido por alguém lúcido e sadio deveria ser muito mais complicado.

No presente caso se pudéssemos apreender sua *essência...* Essa questão do

alfabeto apresenta certas discrepâncias. Se eu pudesse ter a *idéia* que preside

esses crimes, aí então tudo se tornaria claro e simples...

Meu amigo suspirou e balançou a cabeça.

- Esses crimes não prosseguirão. Logo, logo, devo descobrir a verdade... Bem, Hastings, vamos dormir um pouco. Teremos muito o que fazer

amanhã.

## CAPÍTULO 15 - SIR CARMICHAEL CLARKE

Churston, que se localiza entre Brixham por um lado e Paignton e

Torquay pelo outro, ocupa um trecho que fica a meio caminho da curva de

Torbay. Até uns dez anos atrás era simplesmente uma extensão de campos de

golfe e atrás destes uma área verdejante do campo ia encontra-se com o mar.

Havia ali, então, apenas uma fazenda ou duas marcando a presença humana

naquelas paragens. Mas nos últimos anos acontecera um surto de construções

ali, entre Churston e Paignton, e a zona costeira estava agora ocupada por

pequenas casas e bangalôs, novas estradas, etc.

79

Sir Carmichael Clarke adquirira um sítio de razoável extensão e de

onde se tinha uma visão continuada do mar. A casa fora construída em estilo

moderno – um retângulo branco que não desagradava a quem via. Afora as

duas grandes galerias que abrigavam a coleção de arte chinesa, o resto da

casa não era amplo.

Nossa chegada ali ocorreu por volta de oito da manhã. Um agente da

polícia local nos recebera na estação e nos colocara a par da situação.

Segundo fomos informados, Sir Carmichael Clarke costumava dar um

passeio toda noite após o jantar. Quando a polícia telefonou – pouco após as

onze da noite – soube que o dono da casa não voltara. Já que seu passeio

habitual sempre seguia o mesmo caminho, não levou tempo para que um

investigador descobrisse o cadáver. A morte fora ocasionada por um violento

golpe desferido com algum objeto pesado no crânio da vítima. *Um ABC fora*

*colocado ao contrário sobre o cadáver.*

Nós nos apresentamos em Combeside (assim era chamada a casa)

por volta de oito horas. A porta foi aberta por um mordomo idoso, cujas mãos

trêmulas e a fisionomia conturbada demonstravam o quanto aquela morte

trágica o afetara.

- Bom dia, Deveril – disse o policial.

- Bom dia, Sr. Wells.

- Estes senhores vieram de Londres, Deveril.

- Por aqui, cavalheiros... – E levou-nos a uma sala de jantar comprida,

onde o desjejum ia ser servido. – Vou chamar o Sr. Franklin.

Dois minutos depois um homem corpulento, com o rosto queimado de

sol, entrou na sala. Era Franklin Clarke, irmão único do morto.

Ele tinha as maneiras desinibidas e corretas de um homem acostumado a enfrentar contratempos.

- Bom dia, senhores.

O Inspetor Wells fez as apresentações.

- Este é o Inspetor Crome da C.I.D., Sr. Hercule Poirot e o... Capitão Hayter.

- Hastings – retifiquei friamente.

Franklin Clarke apertou a mão de cada um de nós e esse gesto se fez

acompanhar de um olhar penetrante.

80

- Aceitem comer alguma coisa – ele disse. – Podemos tratar do assunto enquanto comemos.

Todos concordaram e logo estávamos apreciando excelentes ovos, bacon e café.

- Agora vamos ao caso – disse Franklin Clarke. – O Inspetor Wells já me deu uma breve idéia do que ocorre, embora deva dizer-lhes que essa

história é uma das mais extravagantes que já ouvi. Devo acreditar realmente,

Inspetor Crome, que meu pobre irmão foi vítima de um maníaco homicida, que

esse já é o terceiro assassinato cometido e que *em todos eles um Guia ABC foi*

*colocado junto ao cadáver?*

- Foi o que ocorreu de fato, Sr. Clarke.

- Mas *por quê?* Que benefício material poderia advir de um crime assim, mesmo tratando-se da imaginação mais doentia?

Poirot assentiu com um gesto de cabeça.

- Foi direto ao âmago da questão, Sr. Franklin.

- Não é muito adequado procurar motivos nessa fase dos

acontecimentos, Sr. Clarke – disse o Inspetor Crome. – É assunto para um

psiquiatra, embora eu confesse ter uma certa experiência de crimes cometidos

por lunáticos e que seus motivos são comumente descabidos. Há um evidente

desejo de auto-afirmação dessas personalidades doentias, procurando chocar

a opinião pública... na realidade tornar-se alguém ao invés de um ser anônimo.

- Concorda com isso, Sr. Poirot?

Clarke parecia não acreditar no que ouvira. O apelo feito ao mais velho

do grupo ali presente não foi do agrado do Inspetor Crome, que franziu a testa.

- Perfeitamente – replicou meu amigo.

- Seja como for, um homem desses não demorará a ser descoberto –

disse Clarke, com ar pensativo.

- *Vous croyez? Mas ces gens là* são muito astutas! E deve saber que *um tipo assim exhibe comumente os mesmos traços distintivos de outras*

*peçoas.* Ele pertence a essa classe de criaturas que passam em branco,

ignoradas ou então são objeto de riso!

- Gostaria que me desse algumas informações concretas, Sr. Clarke –

disse Crome, interrompendo a conversa.

- Pois não.

81

- Seu irmão estava bem disposto e com a aparência normal ontem?

Não recebeu nenhuma carta inesperada? ou nada que viesse a perturba-lo?

- Não. Eu diria que estava com sua disposição de ânimo costumeira.

- Nem inquieto ou preocupado de algum modo?

- Desculpe, inspetor. Eu não quis dizer isso. Estar agitado e preocupado era o estado normal de meu pobre irmão.

- Por que vivia assim?

- O senhor certamente ignora que minha cunhada, Lady Clarke, está muito doente. Para ser franco, ela sofre de uma forma de câncer incurável, e

está com seus dias praticamente contados. Sua doença afligiu profundamente

meu irmão. Vindo do Leste não faz muito tempo, me senti impressionado com a

mudança que se operou em meu irmão.

Poirot interpôs outra indagação:

- Suponhamos, Sr. Clarke, que seu irmão tivesse sido encontrado morto aos pés dos rochedos... ou com um revólver a seu lado. Em que o

senhor teria pensado de imediato?

- Para ser franco, eu concluiria que ele se suicidara – retrucou Clarke.

- *Encore!* – murmurou Poirot.

- Como?

- Estava pensando em voz alta. Nada importante.
- De qualquer modo, *não foi* suicídio – disse Crome, com certa rispidez.
- Pelo que soube, Sr. Clarke, era costume de seu irmão dar um pequeno passeio todas as noites, não?
- Exato. Ele sempre fazia isso.
- Todas as noites?
- Bem, desde que não estivesse chovendo, naturalmente.
- E todos nesta casa sabiam desse hábito de Sir Carmichael?
- Naturalmente.
- E quanto aos de fora?
- Não percebo bem a quem o senhor se refere com essa expressão.  
O jardineiro, por exemplo, poderia estar a par desses giros, não posso afirmar.

- E no povoado?

82

- Para sermos precisos, não há o que se poderia chamar de povoado aqui. Há uma agência dos Correios e chalés em Churston Ferrers, mas

nenhuma vila ou lojas.

- Suponho que a presença de um estranho rondando este lugar seria

logo notada?

- Pelo contrário. No mês de agosto este recanto do mundo fervilha de

estranhos. Eles chegam todos os dias de Brixham, Torquay e Paignton de

carro, (ele apontou pela janela), é uma praia muito popular, assim como a

enseada de Elbury, bem conhecida por sua beleza natural e as pessoas vêm

fazer piqueniques ali. Bem que gostaria que não viessem! Não tem idéia de

como é belo e calmo este lugar em junho e no início de julho.

- Então não acha que um estranho viesse a ser notado?

- Não, a menos que parecesse... bem, fora do normal.

- Nosso homem não deve se apresentar assim – disse Crome, com ar

de quem tem plena certeza do que diz. – O senhor compreende onde quero

chegar. Esse indivíduo deve ter andado por aí observando e descobriu que Sir

Carmichael costumava dar um passeio à noite. Imagino, assim que um

estranho talvez tivesse vindo a esta casa ontem para ver seu irmão, Sr. Clarke.

- Que eu saiba, não... mas podemos perguntar a Deveril.

Clarke fez soar a sineta e, quando o mordomo apareceu, fez a pergunta desejada.

- Não, senhor, ninguém veio falar com o patrão. E não vi nenhum estranho rondando a casa. Os criados também não viram, pois eu lhes perguntei.

O mordomo esperou um instante, então perguntou:

- É só, senhor?

- Sim, Deveril, pode ir.

O mordomo afastou-se, mas ao chegar à porta da sala recuou ligeiramente para dar passagem a uma moça.

Franklin Clarke levantou-se assim que a viu aproximar-se.

- É a Srta. Grey, senhores. A secretária de meu falecido irmão.

Minha atenção foi logo despertada pela extraordinária beleza nórdica

da jovem. Ela tinha aquele tom indefinível, quase transparente de cabelo, os

olhos cinzentos brilhantes, assim como a tez de uma alvura luminosa que se

83

encontra entre as norueguesas e suecas. Ela teria uns vinte e sete anos e

parecia ser tão eficiente como secretária quanto uma beleza ornamental.

- Posso ser-lhes útil de algum modo? – ela indagou ao sentar-se.

Clarke lhe trouxe uma xícara de café, mas ela recusou comer alguma

coisa.

- A Srta cuidava da correspondência de Sir Carmichael? – indagou Crome.

- Sim.

- E ele nunca recebeu uma ou mais cartas assinadas com um ABC?

- ABC? – balançou a cabeça. – Não, estou certa que não.

- E ele não disse ter visto alguém observa-lo durante seus passeios noturnos dos últimos dias?

- Não. Ele nunca mencionou nada assim.

- E você não chegou a notar nenhum estranho pelas imediações desta

casa?

- Que estivesse espreitando a casa, não. Naturalmente que há uma porção de gente *vagueando* por aí, digamos assim, nesta época do ano. Muita

vez encontramos pessoas caminhando sem um objetivo definido pelos campos

de golfe ou mais abaixo em direção à praia. De certo modo, todas as pessoas

que vemos nesta época de verão são praticamente estranhas aqui.

Poirot assentiu com a cabeça, pensativo.

O Inspetor Crome pediu que lhe indicassem o trecho percorrido por Sir

Carmichael em seu passeio noturno. Franklin Clarke mostrou o caminho

através da porta envidraçada. A Srta. Grey acompanhou-me.

Ela e eu caminhávamos um pouco atrás dos demais. Então observei:

- Deve ter sido um choque muito grande para você.

- Ainda custo a acreditar que tenha acontecido. Já subira para meu quarto ontem à noite quando telefonaram da chefatura de polícia. Escutei

vozes lá embaixo e então resolvi descer para saber do que se tratava. Deveril e

o Sr. Clarke estavam lá fora com lanternas.

- A que horas o Sr. Carmichael costumava voltar do seu passeio?

- Por volta de quinze para s dez. Ele costumava entrar sem bater por

uma porta lateral e algumas vezes ia direto para a cama, ou então à galeria

onde estão suas coleções. Eis por que, se a polícia não se comunicasse

84

conosco, sua ausência não seria notada senão quando fossem despertá-lo

nesta manhã.

- Certamente foi um grande golpe para a esposa dele?

- Lady Clarke está sob a ação de morfina há algum tempo. Acho que se

encontra num estado de atordoamento que não lhe permite perceber bem o

que ocorre à sua volta.

Nós já cruzávamos a porteira do jardim seguindo na direção dos

campos de golfe. Atravessando uma das extremidades daqueles terrenos,

ultrapassamos depois uma cerca, encontrando-nos então numa vereda meio

íngreme, sinuosa.

- Isto aqui leva mais abaixo à enseada de Elbury – explicou Clarke.  
–

Mas há dois anos construíram uma nova estrada partindo da via principal até

Broadsands e daí a Elbury. Assim, este caminho agora ficou praticamente

abandonado.

Descemos a vereda alcantilada. No fim da mesma seguia-se por uma

trilha por entre sarças e fetos descendo para o mar. De repente, nos achamos

num ressalto relvoso de onde se descortinava o mar e uma praia de pedras

brancas, brilhantes. Em toda volta viam-se árvores com ramagens de um

verde-escuro que pareciam inclinar-se para o mar. Era um encantador cenário:

branco, verde intenso e azul-safira.

- Que beleza! – exclamei.

- Não é mesmo? Por que as pessoas viajam até a Riviera quando aqui

têm isto! Já viajei muito pelo mundo em minha mocidade e, Deus é testemunha, nunca vi outra coisa tão bela.

Então, como se envergonhado por seu arrebatamento, Clarke disse

num tom mais formal:

- Esse era o trajeto habitual de meu irmão em seus giros noturnos. Ele

vinha até aqui, então retornava à trilha, e dobrando à direita em vez da

esquerda, passava pela fazenda e dirigia-se para casa através dos campos de

golfe.

Retomamos o caminho de volta até chegarmos perto de um trecho

próximo à cerca viva, a meio caminho através do campo onde o cadáver fora

encontrado.

Crome fez um sinal com a cabeça, dizendo:

85

- Foi bastante fácil. Nosso homem ficou parado aqui na sombra. Seu irmão não deve ter percebido nada até receber o golpe na cabeça.

A jovem secretária a meu lado teve um leve estremelecimento.

Franklin Clarke disse então:

- Coragem, Thora. Sei que foi algo brutal, mas nada se ganha fugindo à

evidência.

“Thora Grey...” O nome lhe assentava bem – pensei.

Chegamos de volta à casa para onde o corpo de Sir Carmichael fora levado após ser fotografado.

Subíamos a escadaria que levava aos quartos quando o médico saía de um deles, maleta preta na mão.

- Alguma coisa para nós, doutor? – perguntou Clarke.

O médico balançou a cabeça.

- Um caso realmente simples. Detalhes técnicos eu os reservo para o

inquérito. Seja como for, ele não chegou a sofrer. A morte deve ter sido

instantânea.

Já se afastava quando disse:

- Devo ver agora Lady Clarke.

Uma enfermeira do hospital acercou-se ao longo do corredor e o médico foi a seu encontro.

Nós entramos no aposento do qual o médico saíra há pouco. Mas eu me apressei em sair dali. Notara que Thora Grey ainda estava no alto da

escadaria.

Ela tinha uma expressão meio assustada e eu me acerquei, indagando:

- Srta. Grey... – fiz uma breve pausa antes de concluir: - Está assim por

causa do que aconteceu?

Thora me fitou antes de responder:

- Estava pensando no D.

- No D? – olhei para ela intrigado.

- Sim. O próximo crime. Algo deve ser feito. Isso tem que ser detido.

Clarke saíra do quarto depois de mim e perguntou:

- O que deve ser detido, Thora?

- Esses crimes horríveis.

86

- Ah, sim. – Seus lábios foram contraídos num rictos agressivo. –

Desejo ter uma conversa qualquer dia desses com o Sr. Poirot...  
Esse Crome é

dos bons? – Lançava as palavras no ar de modo inesperado.

Retruquei que Crome era tido como um policial muito hábil.

Minha entonação de voz não soou com a veemência que se poderia esperar.

- Ele tem bons modos muito ostensivos – disse Clarke. – Tem um ar de

quem sabe tudo... e o que *deve* saber afinal? Nada, como eu até agora pude

observar.

Ficou em silêncio por um minuto ou dois e então disse:

- O Sr. Poirot, sim é o homem que merece minha confiança. Eu tenho

um plano. Mas conversaremos sobre isso mais tarde.

Clarke afastou-se, indo bater na mesma porta pela qual o médico entrara.

Hesitei um instante antes de retomar a conversa com Thora Grey. Ela

estava parada, olhando para a porta em frente.

- Em que está pensando, Srta. Grey?

Voltou-se para mim, retrucando:

- Estava imaginando *onde ele se encontra agora...* o assassino, quero

dizer. Não tem nem doze horas que aquilo aconteceu. Oh, será que não há

nenhum *verdadeiro* clarividente que possa saber onde ele está agora e o que

se dispõe a fazer?...

- A polícia está investigando... – comecei a dizer.

Minhas palavras corriqueiras romperam o encantamento. E Thora Grey

voltou à realidade.

- Sim – disse ela então. – É claro.

Desceu a escada devagar. Fiquei imóvel um instante, refletindo sobre o

que ela dissera.

O ABC...

*Onde estaria ele agora?...*

87

## CAPÍTULO 16 - (NÃO FAZ PARTE DA NARRATIVA PESSOAL DO CAP. HASTINGS)

O Sr. Alexander Bonaparte Cust saiu com outras pessoas que tinham

ido ao Torquay Palladium, onde estava sendo exibido o emocionante filme *Not*

*a Sparrow...*

Piscou um pouco assim que seus olhos se reencontraram com a

claridade forte do sol da tarde e olhou com atenção à sua volta com aquele ar

de cão perdido que lhe era peculiar.

Pensou então em voz alta: “Isso me dá uma idéia...”

Pequenos jornaleiros passavam, anunciando as últimas:

- Crime de um maníaco em Churston...

Carregavam cartazes onde se lia:

“ASSASSINATO DE CHURSTON, ÚLTIMAS NOTÍCIAS”.

O Sr. Cust remexeu no bolso, retirou uma moeda e comprou um exemplar. Mas não o abriu logo.

Entrando no *Princess Gardens*, caminhou lentamente até um banco em

frente ao ancoradouro de Torquay. Sentou-se então e abriu o jornal.

Percorreu com olhar as manchetes:

“SIR CARMICHAEL CLARKE ASSASSINADO”.

“TERRÍVEL TRAGÉDIA EM CHURSTON”.

“OBRA DE UM MANÍACO HOMICIDA”.

E logo abaixo, lia-se:

*“Há apenas um mês a Inglaterra se viu surpreendida e chocada pelo*

*assassinato de uma jovem, Elizabeth Barnard, em Bexhill. Recorde-se que um*

*guia de trens ABC figurou nesse caso. E outro exemplar do ABC foi encontrado*

*junto ao corpo de Sir Carmichael Clarke, o que leva a polícia a crer terem sido*

*os dois crimes cometidos pela mesma pessoa. Será possível que um maníaco*

*homicida esteja rondando os nossos balneários?...”*

Um jovem usando calças de flanela e uma camisa azul-brilhante sentou-se ao lado do Sr. Cust, comentando:

- Que coisa sórdida, hem?

O Sr. Cust, tirado de sua abstração, murmurou:

- Oh, sim... muito...

88

Suas mãos, como o rapaz pôde notar, tremiam tanto que ele mal conseguia manter o jornal na posição correta.

- Você nunca sabe quando está diante de um desses malucos – disse

o moço da camisa azul, muito falante.- Nem sempre dão a pinta do que são.

Muitas vezes parecem exatamente iguais a você ou a mim...

- Suponho que seja assim – disse Cust.

- É um fato, amigo. Muitas vezes é a guerra que os deixa desequilibrados, nunca voltam a ser o que eram.

- Eu... acho que tem razão.

- Nunca suportei as guerras – disse o jovem.

Seu companheiro de banco fitou-o, retrucando:

- Também não suporto a peste, a encefalite, a fome e o câncer... mas o

fato é que acontecem!

- A guerra pode ser evitada – disse o outro, com convicção.

O Sr. Cust riu demoradamente.

O rapaz olhou-o meio suspicaz. E pensou: “Esse sujeito parece meio gira”. Mas acabou dizendo:

- Sinto senhor, já vi que estive na guerra.

- Estive – disse Cust. – E ela... me perturbou. Desde então minha cabeça não anda muito bem. Ela dói, sabe. Dores terríveis.

- Oh, lamento muito – murmurou o rapaz, embaraçado.

- Certas vezes nem sei o que estou fazendo...

- É mesmo? Bem, eu tenho que ir – disse o jovem, e afastou-se

apressadamente. Sabia como era maçante quando as pessoas começavam a

falar de suas doenças.

O Sr. Cust continuou a ler e reler o jornal.

Pessoas iam e vinham passando por ele. Muitas falavam sobre o assassinato de Chruston...

- Que coisa horrível... Acho que tem algo a ver com os chineses. A

garota da outra vez não era garçonete de uma lanchonete chinesa?...

- E agora no campo de golfe...

- Ouvi dizer que foi na praia...

- ...e, querida, nós tomamos nosso chá em Elbury ainda *ontem...*

- ... a polícia está certa de agarrá-lo...

89

- ... dizem que será preso a qualquer momento...

-...é quase certo que ele esteja em Torquay... que outra mulher venha a

ser assassinada...

O Sr. Cust dobrou o jornal cuidadosamente e deixou-o sobre o banco.

Então levantou-se e caminhou calmamente em direção ao centro da cidade.

Algumas mocinhas passaram por ele, garotas de branco-rosa e azul, de vestidos leves de verão, saídas-de-praia e bermudas. Riam com expressão

maliciosa. Avaliavam com o olhar os homens que passavam pela calçada.

Nenhuma daquelas garotas olhou um segundo que fosse para o Sr.

Cust.

Ele sentou-se na mesinha de calçada de um bar e pediu chá e creme

de Devonshire ao garçom...

## CAPÍTULO 17 - ENCONTRO MARCADO

Com o assassinato de Sir Carmichael Clarke o mistério do ABC

alcançou grande destaque.

O assunto monopolizava o noticiário dos jornais. Todas as espécies de

“pistas” eram apontadas como já descobertas pela polícia. Prisões eram

anunciadas para qualquer momento. Fotografias de pessoas ou lugares

remotamente relacionados com o crime eram publicadas. Quem pudesse dar

quaisquer informações era logo entrevistado. O assunto também era

comentado no Parlamento.

O crime de Andover passara agora a ser relacionado com os outros dois.

A Scotland Yard acreditava que essa onda publicitária era a melhor

arma para agarrar o assassino. A população da Grã-Bretanha transformava-se

assim num exército de detetives amadores.

Os editores do *Daily Flicker* tiveram um rasgo de inspiração ao apelar

para este alerta:

90

### **“ELE PODE ESTAR EM SUA CIDADE!”**

Poirot, naturalmente, estava na ordem do dia. As cartas-desafio que recebera foram publicadas e fotografadas. Ele foi criticado indiscriminadamente

por não ter evitado os crimes e defendido sob a alegação de estar prestes a

identificar o assassino.

Os repórteres o assediavam sem cessar para entrevistas.

*Declarações do Sr. Poirot feitas hoje...*

E a seguir vinha uma meia coluna de imbecilidades.

*Monsieur Poirot faz um sombrio balanço da situação.*

*Monsieur Poirot às vésperas de solucionar o caso.*

*O Capitão Hastings, grande amigo de Monsieur Poirot, fala ao nosso enviado especial...*

- Poirot – exclamei exasperado. – Por favor, acredite em mim. Eu nunca disse nada do que está aí escrito.

Meu amigo retrucou em tom cordial, acalmando-me:

- Eu sei, Hastings, eu sei. Há um abismo incrível entre a palavra falada

e a escrita. Há uma maneira de alterar as frases que deforma completamente o

significado original das mesmas.

- Não gostaria que você pensasse que eu disse essas...

- Não deve se preocupar. Tudo isso não tem a mínima importância. E,

mesmo essas tolices, devem ser de alguma ajuda.

- Como?

- *Eh bien* – disse Poirot, sério. – Se nosso homem ler minhas supostas

declarações ao *Daily Blague* publicadas hoje deve perder todo o receio por

mim como adversário!

Estou, talvez, dando a impressão de que nada de positivo estava

sendo feito no terreno das investigações. Pelo contrário, a Scotland Yard e a

polícia local de várias comarcas mostravam-se infatigáveis ao seguirem as

mínimas pistas.

Hotéis, pessoas que dirigiam pensões ou alugavam quartos, todos que

se incluíam num amplo raio de ação do possível criminoso eram interrogados

exaustivamente.

91

Centenas de histórias, fruto da imaginação de pessoas que tinham

“visto um homem de ar muito esquisito e revirando os olhos”, ou “observado um

indivíduo com um rosto sinistro movendo-se furtivamente”, eram investigadas

nos mínimos detalhes. Nenhuma informação, por mais vaga que fosse, era

ignorada. Trens, ônibus, caminhões, motoristas, porteiros, chefes de estação

ferroviária, donos de livrarias... tudo era motivo de uma infatigável série de

perguntas e verificações.

Um certo número de pessoas, pelo menos, foram detidas e

interrogadas até que pudessem convencer a polícia sobre o que haviam feito

realmente na noite do crime.

O resultado dessas investigações não foi de todo inútil. Certas

informações deram o que pensar e foram anotadas como possivelmente úteis,

mas sem uma prova posterior não levavam a nada.

Se por um lado Crome e seus colegas mostravam-se infatigáveis, por

outro, Poirot me parecia estranhamente passivo. E sobre isso não deixávamos

de discutir.

- Mas o que gostaria que eu fizesse, meu amigo? A polícia sabe, melhor do que eu, cuidar desses interrogatórios de rotina. Você... sempre

querendo me ver farejando aqui e ali como um perdigueiro.

- E assim, você fica em casa sentado como... como...

- Um homem sensato! Minha força, Hastings, está em meu *cérebro*, não em meus *pés*! Durante todo esse tempo, em que você me imagina ocioso,

estou refletindo.

- Refletindo? – exclamei. – E é hora para reflexões?

- Sim, um milhão de vezes sim.

- Mas que poderá ganhar por meio de meditação? Você conhece de cor e salteado os fatos relativos a esses três crimes.

- Não é sobre os fatos que estou refletindo, mas sobre a mentalidade

do assassino.

- A mente de um louco!

- Precisamente. E, portanto, não pode ser apreendida num minuto.

*Quando eu souber como o criminoso é, aí serei capaz de descobrir a sua*

*identidade.* E nesse tempo todo venho aprendendo sempre um pouco mais.

Por ocasião do crime de Andover, o que sabíamos acerca do assassino?

92

Praticamente nada. E após o crime de Bexhill? Um pouco mais. E mais ainda

depois do crime de Churston. Começo a perceber, não o que  *você* gostaria que

eu visse, isto é, o esboço de um *rosto e um corpo*, mas os traços de uma

*personalidade.* Uma mente que age e se orienta em certas direções definidas.

Após o próximo crime...

- Poirot!

- Mas, sim, Hastings, penso que é quase certa a ocorrência de um novo crime. Um bocado de coisas depende de *la chance*. Até agora nosso

*inconnu* tem sido feliz. Mas dessa vez a sorte pode abandoná-lo. Mas de

qualquer modo, após um outro crime, já deveremos saber muito mais. O crime

é terrivelmente revelador. Você pode testar e diversificar seus métodos como

quiser, também seus gostos, hábitos, atitude intelectual, mas sua alma é

revelada por suas ações. Existem indicações confusas, algumas vezes têm-se

a impressão de duas inteligências em ação, mas cedo o esboço se tornará

claro, *eu sei*.

- Quem é ele?

- Não, Hastings, eu não posso saber seu nome e endereço! Eu posso,

isto sim, conhecer *que tipo de homem ele é...*

- E então?

- *Et alors, je vais à la pêche.*

Como o olhasse meio intrigado, ele comentou:

- Como sabe, Hastings, um bom pescador sabe exatamente que tipo

de isca deve oferecer a cada peixe. Eu devo escolher o tipo correto de isca.

- E então?

- E então? Você está pior do que o arrogante Crome, com seu eterno

"Oh, sim?" *Eh bien*, e então nós devemos pegar a isca e o anzol e esticar a

linha...

- Nesse meio tempo pessoas estarão morrendo aqui e ali.

- Três pessoas morreram. E o que representa isso quando cerca de 120 perdem a vida em acidentes rodoviários?

- Isso é inteiramente diferente.

- Para quem morre nas estradas é praticamente a mesma coisa. Para

os outros, parentes e amigos, aí sim, há uma diferença, mas algo pelo menos

me alegra neste caso.

93

- Então ouçamos o que tem a me dizer de novo sobre a natureza da alegria.

- *Inutile* ser tão sarcástico. O que me alegra é o fato de não haver nenhuma sombra de culpa afligindo algum inocente.

- Não será isso pior?

- Não, mil vezes não! Não há nada tão terrível como viver num clima de

suspeição, notar que o vigiam e perceber que o afeto dos outros se transforma

em medo. Nada é tão desagradável como suspeitar dos que lhe são mais

íntimos e mais afeiçoados... É como um veneno, um miasma. Não, pelo menos

esse envenenamento da vida de um inocente não o encontramos no caso ABC.

- Logo você estará desculpando esse homem! – observei mordazmente.

- Por que não? Ele pode se acreditar inteiramente justificado. E nós poderemos, talvez, terminar simpatizando com seu ponto de vista.

- Essa é demais, Poirot!

- Ah! Eu escandalizei você. Primeiro com a minha passividade... e agora com minhas opiniões.

Movi a cabeça sem replicar.

- Para mim tanto faz – disse Poirot após breve pausa. – Eu tenho um

plano que deve agradar a você, já que é ativo e não contemplativo. Também

deve incluir um bocado de conversação e nenhuma reflexão praticamente.

Não gostei muito de seu tom de voz e indaguei, cauteloso:

- E qual é esse plano?

- Extrair dos amigos, parentes e criados das vítimas tudo que saibam.

- Suspeita então que estejam ocultando os fatos?

- Não de modo intencional. Mas contar alguma coisa que se conhece

sempre implica numa *seleção*. Se eu lhe disser, me conte o que fez ontem,

você talvez responda assim: “Eu me levantei às nove, fiz o desjejum meia hora

depois, constante de ovos com presunto e café, fui ao meu clube, etc.” E talvez

não inclua outros detalhes, como: “Quebrei uma unha e tive que apará-la. Pedi

água morna para me barbear. Derramei um pouco de café sobre a toalha da

mesa, ou escovei meu chapéu antes de coloca-lo na cabeça”. Não se pode

numerar *tudo*. Portanto faz-se uma *seleção*. Por ocasião de um crime as

peças escolhem aquelas informações que *elas* pensam ser importantes. Mas

com muita frequência se enganam.

- E como se faz para obter as informações certas?

- Simplesmente, como disse há pouco, por meio de uma conversa.

Falando! Ao se comentar um certo incidente, ou discutir sobre certa pessoa ou

determinado dia, com insistência, detalhes extras acabam por surgir.

- Que tipo de detalhes?

- Naturalmente aquilo que não conhecia ainda ou não esperava

descobrir. Mas muito tempo já se passou até agora para que as coisas comuns

reassumam seu valor. É um desafio a todas as leis matemáticas que em três

casos de assassinato não haja nenhum simples fato ou declaração que traga

alguma luz sobre o assunto. Algum incidente trivial, alguma observação

corriqueira que *pudesse* servir como um indicador! É como procurar uma

agulha num palheiro, claro... *mas que no palheiro há uma agulha*, disso estou

convencido!

A questão me parecia muito vaga e confusa.

- Você não percebeu ainda? Então a sua intuição não é tão viva como

a de uma simples e jovem camareira...

E Poirot me entregou uma carta. Estava escrita com clareza, com uma

letra inclinada de escolar.

*CARO Sr., Espero que me perdoe por tomar a liberdade de lhe*

*escrever esta. Estive pensando um bocado desde que aconteceram esses dois*

*terríveis crimes, como o ocorrido com minha pobre tia. Parece que estamos*

*todos no mesmo barco devido ao que aconteceu. Vi nos jornais o retrato*

*daquela moça, a que é, penso, irmã da jovem assassinada em Bexhill. Me*

*atrevi então a escrever para ela e lhe contar que viria para Londres a fim de*

*arrumar emprego. Perguntei se poderia me encontrar com ela ou sua mãe,*

*pois, como escrevi na carta, duas cabeças pensam melhor que uma só e eu*

*não desejo recompensas, mas somente descobrir quem é essa criatura*

*diabólica. E talvez nós chegássemos a um melhor resultado se pudéssemos*

*dizer uma à outra o que sabemos sobre o assunto.*

*A jovem senhorita me respondeu muito gentilmente que levava uma*

*vida muito ocupada trabalhando num escritório e morando numa pensão de*

*estudantes, mas sugeria que eu escrevesse para o senhor. Disse também que*

95

*estava pensando no mesmo que eu. Que nós tínhamos a mesma preocupação*

*e deveríamos permanecer em contato. Assim, estou escrevendo agora para o*

*senhor, para dizer-lhe que vim para Londres e lhe dar meu endereço.*

*Esperando que não tenha vindo incomodá-lo com esta carta,*

*respeitosamente,*

*MARY DROWER"*

- Mary Drower é uma garota muito inteligente – disse Poirot. E então

tirou do bolso outra carta.

- Leia isto – disse.

Eram umas breves linhas de Franklin Clarke, explicando que viera a Londres e desejava conversar com Poirot no dia seguinte, caso fosse possível.

- Portanto, não se desespere, *mon ami*. A ação vai começar – disse Poirot.

## CAPÍTULO 18 - POIROT FAZ UM DISCURSO

Franklin Clarke chegou às três da tarde seguinte e logo que entrou foi

direto ao assunto sem mais rodeios.

- *Monsieur Poirot*, eu não estou satisfeito.

- Não, Sr. Clarke?

- Não duvido que Crome seja um policial muito eficiente, mas, francamente, ele me irrita. Aquela sua pose de quem sabe tudo melhor que os

outros! Eu disse algo sobre um plano que tinha em mente a este seu amigo

quando estiveram Churston, mas tive que por em ordem os negócios de meu

falecido irmão e só agora vim a dispo de maior tempo. A minha opinião,

*Monsieur Poirot*, é que não devemos ficar de braços cruzados deixando o

tempo passar...

- Justamente o que Hastings dizia há pouco!

-... mas ir em frente com a questão. Devemos estar prevenidos para o

próximo crime.

- Então acha que haverá um novo crime?

- Não pensa assim?

96

- Certamente.

- Muito bem, então. Espero ver tudo organizado.

- Pode me dizer com exatidão qual o seu plano?

- Proponho, Sr. Poirot, uma espécie de grupo especial, agindo sob suas ordens e composto de amigos e parentes das pessoas assassinadas.

- *Une bonne idée.*

- Fico contente que a aprove. Associando nossos cérebros, sinto que conseguiremos algo. E também, quando o próximo aviso chegar, estando de

olhos bem abertos, um de nós, não sei com certeza, poderá reconhecer

alguém como tendo estado próximo da cena de um dos crimes precedentes.

- Percebo o alcance de sua idéia, e a aprovo, mas deve se lembrar, Sr.

Clarke, de que parentes e amigos das outras vítimas não pertencem ao seu

meio social. São todos empregados e embora gozem de umas curtas férias...

Franklin Clarke atalhou:

- Bem observado. Sou a única pessoa em condições ideais de disponibilidade para tal tarefa. Não que pessoalmente esteja muito abonado,

mas meu irmão era rico e, com sua morte, naturalmente herdarei seus bens. E

assim, proponho organizar o que chamaria de uma legião especial, com

membros pagos por seus serviços, do mesmo modo como só ia acontecer com

tais grupos, incluindo-se, naturalmente, gastos adicionais.

- E quem, a seu ver, deve formar essa legião?

- Estive pensando nisso. Para começar, escrevi à Srta. Megan Barnard

– na verdade, a idéia em parte é dela. Sugiro minha própria pessoa, A Srta.

Barnard, o Sr. Donald Fraser, que era noivo da mocinha assassinada. Há ainda

uma sobrinha da velha senhora de Andover, cujo endereço s Srta. Barnard

conhece. Não acho que o marido da tal senhora de Andover nos sirva, soube

que vive embriagado. Pensei também nos pais de Betty Barnard, mas são

bastante idosos para o serviço ativo.

- Alguém mais?

- Bem... há a Srta. Grey.

Clarke enrubesceu ligeiramente ao pronunciar o nome da moça.

- Oh, sim, a Srta. Grey...

97

Ninguém conseguiria introduzir melhor uma nuance de ironia em breves palavras do que Poirot. Franklin Clarke parecia ter agora menos trinta

anos. Sua expressão era a de um estudante encabulado.

- Sim. O senhor sabe, a Srta. Grey trabalhou para meu tio nesses dois

últimos anos. Ela conhece bem a região, as pessoas das redondezas, e tudo

mais. Eu estive ausente por um ano e meio.

Poirot compreendeu o embaraço do outro e mudou de assunto.

- Esteve no Oriente, não? Na China?

- Sim. Estava, por assim dizer, incumbido de comprar objetos raros para meu irmão.

- Deve ter sido uma atividade muito interessante. *Eh bien*, Sr. Clarke,

aprovo com louvor sua idéia. Estive dizendo a Hastings ainda ontem que era

necessário um *rapprochement* das pessoas relacionadas com o caso. É

preciso reunir e explorar lembranças, comparar observações e dados... *enfin*,

conversar sobre coisas passadas, falar, falar e tornar a falar nas mesmas. De

uma simples e inocente frase pode brotar um esclarecimento.

Alguns dias depois a "Legião Especial" reunia-se no apartamento de Poirot.

Assim que todos se sentaram olhando com ar obediente para Poirot,

que ocupava seu lugar, como o reitor de uma reunião do corpo docente, na

cabeceira da mesa, eu os passei em revista, por assim dizer, confirmando ou

retificando as primeiras impressões que deles fizera.

As três moças eram todas de chamar a atenção: a extraordinária beleza nórdica de Thora Grey; a intensidade do olhar da morena Megan

Barnard, com a estranha imobilidade de seu rosto, típica de um pele-vermelha;

Mary Drower, vestida de maneira simples mas correta, casaquinho preto e

blusa escura, com seu rosto bonito e inteligente. Os dois homens, Franklin

Clarke, cheio de corpo, bronzeado e falante, e Donald Fraser, retraído e quieto,

contrastavam entre si de modo bem interessante.

Incapaz de resistir, naturalmente, ao apelo da ocasião, Poirot fez um

pequeno discurso.

- Minhas senhoras e meus senhores, sabem por que estamos aqui reunidos. A polícia está fazendo o máximo que pode para encontrar a pista do

criminoso. Eu também faço o mesmo, à minha maneira. Mas me parece que a

98

reunião desses que têm um interesse pessoal no assunto, e também, devo

dizer, um conhecimento pessoal das vítimas, poderá obter resultados que uma

investigação feita por estranhos não conseguiria alcançar.

- Já tivemos três assassinatos: o de uma velha senhora, o de uma

jovem, e um homem já idoso. Somente uma coisa mantém um elo entre essas

três criaturas: *o fato de que foram mortas por uma mesma pessoa.* Isto quer

dizer que *a mesma pessoa esteve presente em três localidades diferentes* e foi

vista necessariamente por muita gente. Não é preciso dizer que se trata de um

maníaco em estágio muito avançado de insanidade. Também é igualmente

certo que sua aparência e comportamento não demonstram tal fato. Essa

pessoa – e embora eu venha a me referir a um indivíduo, lembrem-se de que

pode ser homem ou mulher – tem todas as diabólicas artimanhas dos loucos.

Ele conseguiu encobrir até agora todos os vestígios de sua passagem. A

polícia tem certas indicações vagas, mas nada em que se basear para agir com

eficiência.

- No entanto, deve haver certos indícios que não sejam vagos, mas exatos. Para exemplificar: esse assassino não chegou simplesmente a Bexhill

à meia-noite e encontrou por acaso na praia uma jovem cujo nome começava

por B...

- Será necessário entrarmos em detalhes?

A voz de Donald Frase tinha uma entonação angustiada. A lembrança

da noiva assassinada o levará àquele aparte.

- É preciso ir ao fundo de tudo, *Monsieur* – retrucou Poirot, voltando-se

para o rapaz. – Está aqui agora, não para resguardar seus sentimentos

recusando-se a pensar em certos detalhes, mas para ir *au fond* da questão,

mesmo que isso o aflija profundamente. Como eu dizia, não foi a *chance* que

propiciou a ABC uma vítima ocasional na pessoa de Betty Barnard. Deve ter

havido uma deliberada escolha de sua parte, e, por conseguinte, premeditação.

Isso quer dizer que deve ter reconhecido de *antemão* o terreno. Sobre certos

dados ele já se informara: a melhor hora para cometer o crime em Andover, a

*mise-en-scène* em Bexhill, os hábitos de Sir Carmichael Clarke, em Churston.

Pessoalmente, me recuso a admitir que *não* haja qualquer indicação, nem o

mínimo indício, que possa ajudar-nos a determinar sua identidade.

99

- Pressuponho que um de vocês, ou talvez *todos, saibam alguma coisa*

*que pensam não saber.* Assim, mais cedo ou mais tarde, estando sempre em

contato uns com os outros, algo deve vir à tona, adquirindo um significado até

então não imaginado. É como um quebra-cabeça... cada um de vocês deve ter

*um fragmento aparentemente sem sentido, que não encaixa, mas que, ao ser*

*reunido a outros, mostrará uma parte definida da figura a ser armada.*

- Palavra apenas! – disse Megan Barnard.

- Como? – Poirot olhou-a interrogativamente.

- Refiro-me ao que está dizendo. Um simples jogo de palavras. Não quer dizer nada.

Ela se expressava com aquela mesma espécie de veemência quase desesperada que eu já associara à sua personalidade.

- *Mademoiselle*, palavras são somente a outra face das idéias.

- Bem, penso que isso faz sentido – disse Mary Drower. – Acho que é

assim, senhorita. Muitas vezes, quando estamos falando sobre certas coisas é

que parecemos ver com clareza o caminho a seguir. A mente se esclarece

algumas vezes sem que saibamos como isso aconteceu. Conversar nos leva a

um bocado de coisas de um modo ou de outro.

- Se “em boca fechada não entra mosca” é para conversarmos que estamos aqui – disse Franklin Clarke.

- Que tem a dizer, Sr. Fraser?

- Particularmente tenho dúvidas sobre a aplicação na prática do que disse, Sr. Poirot.

- E que pensa disso, Thora? – perguntou Clarke.

- Acho que essa norma de falar sobre coisas passadas é sempre boa.

- Suponhamos – sugeriu Poirot – que vocês todos repassem suas

próprias lembranças de horas antes do crime. Talvez possamos começar pelo

Sr. Clarke.

- Vejamos, na manhã do dia em que Car foi morto eu saí de barco para pescar. Apanhei oito cavalas. Estava ótimo lá na baía. Fiz a primeira

refeição do dia em casa. Cozido de carneiro com batatas e cebolas, lembro-

me. Tirei um cochilo na rede. Tomei chá. Escrevi algumas cartas, selei-as e fui

de carro a Paignton para coloca-las no correio. Voltei para almoçar e, não me

100

envergonho em dizer-lo, reli um livro de E. Nesbit que adorava quando garoto.

Então o telefone tocou...

- Não prossiga. Reflita agora, Sr. Clarke, antes de me responder.

Encontrou alguém em seu caminho para a praia pela manhã?

- Um bocado de gente.

- Pode se lembrar de alguma coisa sobre essas pessoas?

- Agora não me recordo de nada em especial.

- Tem certeza?

- Bem... vejamos... Me lembro de uma mulher incrivelmente gorda...

usava um vestido de seda listrado e fiquei pensando por que aqueles dois

garotões estavam com ela... dois rapazes com um fox-terrier na praia, jogando

pedrinhas para ele apanha-las... Oh, sim, havia uma garota com um cabelo cor-

de-espiga-de-milho rangendo os dentes enquanto se banhava... é divertido ver

como as coisas vão voltando, como uma foto sendo revelada.

- Tem aí um bom assunto. Agora avancemos um pouco... o senhor está

no jardim, dirige-se ao correio...

- O jardineiro regava as plantas... A caminho do correio vi alguém

descer a estrada de bicicleta... uma mulher imprudente andando meio trôpega

e gritando para um amigo. Acho que isso é tudo.

Poirot voltou-se para Thora Grey.

- E a senhorita?

Thora Grey respondeu com a sua voz clara, explícita.

- Cuidei da correspondência com Sir Carmichael pela manhã e falei

com a governanta. Escrevi cartas e costurei um pouco à tarde. Bem, é difícil

lembrar. Foi um dia comum. Fui me deitar cedo.

Para minha surpresa, Poirot não lhe perguntou mais nada. Passou adiante.

- Srta. Barnard, pode se lembrar da última vez em que viu sua irmã?

- Talvez umas duas semanas antes de sua morte. Eu vim passar o fim

de semana em casa. O tempo estava ótimo. Nós fomos a Hastings para um

banho de piscina.

- E que conversaram na maior parte do tempo?

- Eu expus a ela minha opinião sincera, dei-lhe conselhos – disse Megan.

101

- E que mais? Ela conversou sobre o que?

A jovem franziu a testa, buscando recordar-se.

- Ela me disse que estava dura... tinha comprado dois vestidos de verão e um chapéu. E falou um pouco de Don... Também disse que não

gostava de Milly Higley, aquela colega dela da lanchonete, e rimos ao falar da

tal Merrion que dirige o negócio... Não me lembro de nada mais...

- Sua irmã não mencionou nenhum homem – perdoe-me, Sr. Fraser –

com quem pretendesse se encontrar?

- Ela não me diria – retrucou Megan, secamente.

Poirot voltou-se para o rapaz de cabelo ruivo e queixo anguloso.

- Sr. Fraser, desejo que traga suas lembranças de volta. Segundo já me disse, foi à lanchonete naquela infeliz noite. Sua intenção inicial fora

esperar ali perto e depois seguir os passos de Betty Barnard, quando ela

largasse o serviço. Pode se lembrar de alguém em quem tenha reparado

enquanto esperava ali?

- Um bom número de pessoas passavam pela calçada. Não posso me

recordar de nenhuma.

- Desculpe, mas está tentando se lembrar? Por muito preocupada que

a mente esteja, os olhos notam algo de modo mecânico, ininteligível mas com

precisão fotográfica...

O rapaz repetiu com obstinação:

- Não me recordo de ninguém.

Poirot suspirou e voltou sua atenção para Mary Drower.

- Suponho que recebia cartas de sua tia.

- Sim, senhor.

- Quando recebeu a última?

Mary pensou um instante antes de responder:

- Dois dias antes do crime, senhor.

- E o que ela dizia nessa carta?

- Que o velho diabo andara por ali e que ela o botara para fora da casa

com o rabo entre as pernas – desculpe a expressão, senhor – e que me

esperava na quarta-feira – era meu dia de folga – e acrescentou que nós

iríamos ao cinema. Era meu aniversário, senhor.

102

Algo, talvez a menção feita àquela modesta comemoração, trouxe

repentinas lágrimas aos olhos de Mary. Ela conteve um soluço e então pediu

desculpas por aquele instante de ternura.

- Me desculpe, senhor. Eu não queria agir como uma tola. Não é bom

chorar. Só que ao pensar nela... e em mim... esperando cumprir o combinado...

Isso me perturbou de certo modo, senhor.

- Sei exatamente como você se sente – disse Franklin Clarke. – São sempre essas pequenas coisas que nos comovem. Especialmente algo assim

como um passeio ou um presente, tudo muito simples e natural. Me recordo

agora de ter visto certa vez uma mulher vítima de atropelamento. Ela acabara

de comprar sapatos novos. Eu a vi caída na rua, o embrulho de salto alto

assomando... e isso me impressionou. Pareciam tão patéticas.

Megan disse com uma súbita veemência:

- Isso é verdade... terrivelmente verdadeiro. A mesma coisa aconteceu

depois que Betty... morreu. Mamãe tinha comprado algumas meias para lhe dar

de presente, no dia exato em que ocorreu aquilo. Pobre mamãe, ela ficou

arrasada. Eu a encontrei chorando e segurando as meias. Não parava de dizer:

“Eu comprei essas meias para Betty... comprei para Betty... e ela nem pôde vê-

las”.

Sua voz tremeu um pouco. Ela inclinou-se para a frente e olhou

fixamente para Franklin Clarke. Um repentino elo de simpatia os uniu naquele

momento, irmanados pelo mesmo problema.

- Eu sei – disse Clarke. – Sei muito bem o que é isso. Essas são justamente o tipo de coisas que se tornam terríveis de relembrar.

Donald Fraser moveu-se na cadeira, pouco à vontade.

Thora Grey procurou amenizar o ambiente, perguntando:

- Não estamos tratando de traçar algum plano... para o futuro?

- Naturalmente. – Franklin Clarke recuperou sua desenvoltura habitual.

– Penso que quando for a hora, isto é, quando a quarta carta chegar, devemos

unir nossas forças. Até lá, talvez cada um de nós deva tentar a sorte de

maneira particular. Não sei se há algum ponto pelo qual o Sr. Poirot pensa em

encaminhar a investigação.

- Posso fazer algumas sugestões – disse Poirot.

103

- Ótimo. Eu as anotarei. – E tirou do bolso um pequeno bloco. –  
Pode

começar, *Monsieur Poirot*. Sugestão A...

- Acho muito possível que a garçonete, Milly Higley, saiba de  
alguma

coisa que nos seja útil.

- A – Milly Higley – disse Clarke, anotando no bloco.

- Sugiro duas maneiras de aborda-la. A Srta. Barnard poderá tentar  
o

que chamarei de contato ofensivo.

- Devo imaginar que acha isso próprio de meu estilo? – indagou

Megan, secamente.

- Provoque uma discussão com a jovem, diga que sabe que ela

antipatizava com sua irmã, e que esta lhe confidenciou tudo sobre  
*sua* vida. Se

não me engano, isso deverá provocar uma reação oportuna. Ela lhe  
dirá então

o que pensava realmente sobre sua irmã. E alguma informação útil  
pode vir à

tona.

- E o segundo método de aproximação?

- Posso sugerir, Sr. Fraser, que se mostre aparentemente interessado

na garota?

- Isso é necessário?

- Não, não é necessário. Trata-se apenas de uma possível forma de sondagem.

- Posso dar minha colaboração? – perguntou Franklin. – Eu tenho... ou

tive uma boa experiência no assunto, Sr. Poirot. Vejamos o que posso fazer

junto a essa jovem.

- Você teve tempo e uma parte do mundo para se dedicar a isso – observou Thora Grey, com evidente mordacidade.

O rosto de Clarke tornou-se um pouco pálido.

- Sim – disse então. – Eu tive.

- *Tout de même*, não acho que haja muito para você fazer ali no momento – disse Poirot. – *Mademoiselle* Grey agora é a mais indicada...

- Mas compreenda, Sr. Poirot, eu saí de Devon de vez.

- Ah? Não entendo.

- A Srta. Grey, muito gentilmente, resolveu ficar para me ajudar a pôr

em ordem as coisas – disse Clarke. – Mas, naturalmente, ela prefere um

emprego em Londres.

104

Poirot dirigiu a ambos um olhar penetrante. E perguntou:

- Como está a viúva de Sir Carmichael?

Pude notar certa palidez no sugestivo rosto de Thora Grey e o tom evasivo da resposta de Clarke.

- Nada bem. A propósito, Sr. Poirot, será que ao passar por Devon não

poderia visitá-la? Ela expressou desejo de vê-lo, como me disse antes que eu

viesse a Londres. Claro que passa às vezes dois dias sem poder receber

visitas, mas se quiser arriscar... despesas de viagem por minha conta,

obviamente.

- Certamente que irei, Sr. Clarke. Digamos, depois de amanhã, está bem?

- Ótimo. Avisarei a enfermeira para preparar terreno.

- Quanto a você, minha jovem – disse Poirot, voltando-se para Mary. –

Acho que poderá fazer um bom trabalho em Andover. Tente junto às crianças.

- Crianças?

- Sim. Não costumam conversar de imediato com estranhos. Mas você

é bem conhecida na rua onde sua tia morou. Há um bom número de crianças

brincando por ali. Podem ter notado quem entrava e saía da loja de sua tia.

- E quanto a Srta. Grey e a mim? – perguntou Clarke. – Isto é, se eu não for “destacado” para Bexhill.

- Sr. Poirot – disse Thora Grey, - qual era o endereço postal da terceira

carta?

- Putney, *mademoiselle*.

- S.W. 15, Putney, é o correto, não? – murmurou ela, pensativa.

- Chega a surpreender que nos jornais tenha saído impresso corretamente.

- Tal detalhe parece indicar que ABC seja um londrino.

- Em face disso, sim.

- Alguém deve ser capaz de detê-lo – disse Clarke, - *Monsieur Poirot*, o

que aconteceria se eu fizesse publicar um anúncio mais ou menos assim: *ABC*

*Urgente. H.P. está na sua pista. Uma nota de cem pelo meu silêncio. X. Y. Z. O*

texto está um pouco rudimentar, é claro, mas serve para lhe dar uma idéia.

Poderia dar certo.

- Sim, é uma possibilidade.

105

- Talvez o induzisse a se mostrar e me procurar.

- Acho que é muito perigoso e tolo – disse Thora Grey, meio ríspida.

- Que acha disso, Sr. Poirot?

- Não valerá a pena arriscar. Penso que o ABC é bastante esperto para

responder a esse anúncio. – Poirot sorriu de leve ao concluir: - Sr. Clarke, noto

que ainda é, digo isso sem intenção de ofende-lo, um menino no fundo.

Franklin Clarke olhou-o meio envergonhado.

- Bem – disse a seguir, consultando seu bloco de anotações. – Já

temos algo para começar:

A. – A Srta. Barnard e Milly Higley.

B.

– Sr. Fraser e Srta. Higley.

C.

– Crianças de Andover.

D.

– Anúncio.

Nada daí me parece muito satisfatório, mas já teremos algo para fazer

enquanto esperamos.

Ele despediu-se e poucos minutos depois o encontro estava terminado.

## CAPÍTULO 19 - PELOS CAMINHOS DA SUÉCIA

Poirot voltou a sentar-se na poltrona e se pôs a assoviar baixinho uma

toada.

- Uma pena que ela seja tão inteligente.

- Quem?

- Megan Barnard. *Mademoiselle* Megan. “Apenas palavras”, foi o que

ela me disse. Num instante, percebeu que aquilo que eu estava dizendo nada

significava. Todos os demais se deixaram levar por elas.

- Pensei que era bem plausível.

- Plausível, sim. Foi justamente isso que ela percebeu.

- Então você não quis dizer nada com suas palavras?

- O que eu disse poderia ser resumido numa frase curta. Em vez disso,

eu me repeti *ad lib* sem que ninguém a não ser *Mademoiselle* Megan se

apercebesse...

- Mas por que você procedeu assim?

106

- *Eh bien...* para tomar pé na situação! Infundi em cada um dos aqui reunidos a impressão de que havia um trabalho a ser feito! Iniciar – digamos

assim – as conversações!

- E não acha que alguma dessas sugestões que apresentou conduza a

algum resultado?

- Oh, isso é sempre possível.

Poirot conteve um sorriso ao observar:

- No meio da tragédia partimos para a comédia. Não é mesmo?

- Que pretende dizer com isso?

- Trata-se do drama humano, Hastings! Reflita um instante. Aqui estão

três cenas com seres humanos relacionados por uma tragédia comum.

Imediatamente um segundo drama se inicia, *tout à fait à part*. Lembra-se do

meu primeiro caso na Inglaterra? Oh, já se vão tantos anos... Eu mantive

unidas duas pessoas que se amavam, graças ao expediente muito simples de

fazer prender uma delas por assassinato! Nada menos do que isso! No meio da

tragédia nós permanecemos vivos, Hastings. E o crime, como observo com

freqüência, é um grande fabricante de casamentos.

- Essa não, Poirot – exclamei surpreso. – Estou certo de que nenhuma

daquelas pessoas que aqui estiveram há pouco pensavam em outra coisa a

não ser...

- Oh, meu caro amigo. E que me diz de você?

- Eu?

- *Mais oui*. Mal eles se foram, você não voltou da porta sussurrando

uma melodia?

- Qualquer um pode fazer tal coisa sem ser chamado de insensível...

- Certamente, mas aquela melodia revelou-me seus pensamentos.

- É mesmo?

- Sim. Assoviar para si mesmo uma melodia é exatamente perigoso.

Delata o que se passa em seu subconsciente. A toada que você trauteava,

data, eu creio, do tempo da guerra. *Comme ça* – e Poirot cantou com uma

abominável voz de falsete:

“Em certa hora eu amo uma morena,

Em outra meu amor é uma loura (Que veio do paraíso pelos caminhos

da Suécia).”

107

- Poderia haver algo mais revelador? *Mais je crois que la blonde*

*l’emporte sur la brunette!*

- Francamente, Poirot – protestei, meio ruborizado.

- *C’est tout naturel*. Não notou como Franklin Clarke simpatizou logo

com *Mademoiselle* Megan? Como se inclinou para fitá-la? E não percebeu

também o aborrecimento que tal atitude causou a *Mademoiselle* Thora Grey? E

quanto ao Sr. Fraser...

- Poirot – disse então. – Intimamente você é um sentimental incurável.

- Eis aí a última coisa de que me poderiam qualificar. Você é que é um

sentimental, Hastings.

Eu ia rebater essa observação com veemência, quando abriram a porta.

E para minha surpresa ali estava Thora Grey.

- Perdoe se voltei para incomoda-los – disse a moça, muito desenvolta.

– Mas acontece que há uma coisa que gostaria de lhe dizer, Sr. Poirot.

- Pois não, *mademoiselle*. Sente-se, por favor.

Ela sentou-se e hesitou um pouco como se estivesse escolhendo as palavras adequadas.

- É o seguinte, Sr. Poirot. Bondosamente, o Sr. Clarke deu a entender

ao senhor há pouco que eu teria deixado a mansão Combeside por vontade

própria. Ele é uma pessoa muito amável e leal. Mas, na realidade não foi

assim. Estava resolvida a permanecer ali, pois é muito o que precisa ser feito

em relação às coleções de arte de Sri Carmichael. Foi Lady Clarke quem quis

que eu me demitisse! Posso dar um desconto para tal atitude. Afinal, ela é uma

mulher muito doente, e sua mente está de algum modo perturbada pelas

drogas que tem de tomar. Isso a torna desconfiada e fantasiosa. Passou a

antipatizar comigo de maneira inexplicável e insistiu em que deixasse a sua

casa.

Não pude deixar de apreciar a coragem da jovem. Ela não tentara camuflar os fatos, como muitos teriam vontade de fazer, fora direto ao ponto

com uma admirável sinceridade. E me senti cheio de admiração e simpatia por

ela.

- Acho esplêndido que tenha voltado para nos contar isso.

- É sempre melhor ficar com a verdade – disse Thora, sorrindo de leve

para mim. – Não desejo me esconder atrás do cavalheirismo do Sr. Clarke. Ele

é realmente um cavalheiro.

Havia um toque de emoção em suas palavras. Era evidente sua grande

admiração por Franklin Clarke.

- Foi muito sincera, *mademoiselle* – disse Poirot.

- Para mim foi um golpe desagradável – disse Thora, pesarosa. – Não

imaginava que Lady Clarke antipatizasse tanto comigo. Na verdade, sempre

pensei que me apreciasse e ao meu trabalho ali. – Sua expressão agora

denotava certa mágoa. – Quanto mais se vive, mais se aprende.

Thora levantou-se, dizendo:

- Bem era o que eu tinha a dizer. Até logo, senhores.

Eu a acompanhei até a escada.

- Isso é que eu chamaria de espírito esportivo – disse quando retornei à

sala. – Tem coragem, essa garota.

- E calculismo.

- Que quer dizer com essa expressão agora?

- Apenas que ela tem o dom de antever o futuro.

Olhei para meu amigo com ar de dúvida e acabei dizendo:

- Ela é realmente uma jovem adorável.

- E usa roupas muito adoráveis. Aquele crepe marroquino e a gola de

pele de raposa prateada são o *dernier cri*.

- Nenhum detalhe lhe escapa, Poirot. Nunca noto o que as pessoas usam para se enfeitar.

- Devia ingressar então numa colônia nudista.

Já estava prestes a replicar com alguma observação contundente, quando ele disse, mudando subitamente de assunto:

- Como sabe, Hastings, não consigo afastar da minha mente a

impressão de que, em nossa conversa desta tarde, alguma coisa significativa

foi dita. É estranho... não posso definir exatamente o que era... Apenas uma

impressão que surgiu em minha mente... *Isso me lembra alguma coisa que já*

*tinha ouvido, visto ou notado...*

- Algo ocorrido em Churston?

- Não, lá não... Foi antes... Não importa, logo essa impressão voltará.

109

Ele me olhou (talvez não o estivesse ajudando devidamente), riu e recomeçou a sussurrar aquela melodia.

- Ela é um anjo, hem? Vinda do Éden, pelos caminhos da Suécia...

- Poirot – exclamei. – Vá para o inferno!

## CAPÍTULO 20 - LADY CLARKE

Uma melancolia profunda, quase palpável, parecia envolver a mansão

Combeside quando a vimos pela segunda vez. Essa atmosfera era devida em

parte, talvez, ao tempo; era um dia úmido de setembro, com algo outonal no ar,

e em outra parte, sem dúvida, pelo aspecto de casa-por-alugar que a

residência dos Clarke transmitia agora. As janelas da parte de baixo estavam

fechadas, e a pequena sala onde entramos se mostrava sombria e abafada.

Uma enfermeira com ar solícito e competente acercou-se de nós,

puxando para baixo as mangas engomadas de seu uniforme de hospital.

- Sr. Poirot? – foi logo dizendo. – Sou a enfermeira Capstick. Recebi um bilhete do Sr. Clarke avisando-me da sua visita.

Poirot indagou sobre o estado de saúde de Lady Clarke.

- Considerando as circunstâncias, não está realmente mal.

Pela expressão “considerando as circunstâncias”, presumi que a viúva

de Sir Carmichael havia sido desenganada pelos médicos.

- Não se pode esperar grandes melhoras, naturalmente, mas alguns novos medicamentos têm tornado as coisas menos penosas para ela. O Dr.

Logan está muito satisfeito com seu estado atual.

- Mas é certo ou não, que ela nunca poderá recuperar-se?

- Oh, nós nunca *dizemos* isso na realidade – retrucou a enfermeira, um

pouco chocada com aquela observação muito realista.

- Imagino que a morte do marido tenha sido um golpe terrível para ela.

- Bem, Sr. Poirot, deve saber que o choque não poderia ser tão grande

como ocorreria com uma pessoa em plena posse de sua lucidez e condições

de saúde. Diria que, no estado em que se encontra, Lady Clarke sente as

coisas de maneira *amortecida*.

110

- Desculpe minha pergunta, mas ela amava muito o marido e era correspondida?

- Oh, sim, eles formavam um casal muito feliz. Pobre homem, vivia tenso e preocupado com ela. É sempre pior para um médico, o senhor sabe.

Eles não podem alimentar falsas esperanças. Acho que ele se afligia demais

para poder começar algo relativo a suas coleções.

- Começar? Mas não devia ter muito que fazer.

- Todo mundo costuma fazer alguma coisa, não? E Sir Carmichael tinha a sua coleção de arte para cuidar. Um hobby é um grande derivativo para

um homem. Ele costumava orientar as compras ocasionalmente, e, então, junto

com a Srta. Grey, se ocupava ultimamente em recatalogar e inovar a

apresentação das peças de seu museu.

- Oh, sim... E a Srta. Grey? Foi despedida realmente?

- Sim... Sinto muito o que houve, mas as mulheres têm certos

caprichos quando não estão bem de saúde. E não adianta discutir com elas. É

melhor atende-las. A Srta. Grey ficou muito magoada com o acontecido.

- Lady Clarke sempre antipatizou com ela?

- Não, *antipatizar*, a bem dizer, não. Para ser franca, acho que no início

até que ela gostava da Srta. Grey. Mas... isso é outro assunto e não devo reter

o senhor aqui com mexericos. Minha paciente na certa está imaginando por

que nos demoramos aqui.

A enfermeira guiou-nos até um quarto no andar de cima. O que antes

fora um dormitório agora se transformara numa bem arrumada sala-de-estar.

Lady Clarke estava sentada numa cadeira de braços perto da janela.

Sensivelmente magra, seu rosto tinha uma tonalidade quase cinza, com olhar

afligido de quem suporta dores acentuadas. Ela tinha uma expressão meio

distante, um pouco sonhadora, e notei que suas pupilas eram como pontas de

alfinete.

- Eis aqui o Sr. Poirot a quem a senhora, desejava tanto ver – disse a

enfermeira Capstick, com sua voz cheia, animada.

- Oh, sim, o Sr. Poirot – disse Lady Clarke em tom vago.

Ela estendeu sua mão.

- Este é meu amigo, o Capitão Hastings, Lady Clarke – disse Poirot.

- Como vai o senhor? Foi bom que os senhores viessem.

111

Sentamos assim que ela nos convidou com um gesto lento. Fez-se silêncio. Lady Clarke parecia ter mergulhado num sonho.

Depois, com algum esforço, ela despertou de seu torpor, dizendo:

- Vieram para conversar sobre Car, não é? Sobre a morte de Car. Oh,

sim.

Suspirou, mas ainda de maneira absorta, balançando a cabeça.

- Nunca sabemos para onde a roda gira... Estava segura de que seria a

primeira a ir... – Fez uma breve pausa antes de prosseguir: - Car era muito

forte para a idade que tinha. Nunca o vi doente. Tinha quase sessenta anos,

mas aparentava uns cinqüenta... Sim, era muito forte...

Ela imergiu de novo em seu sonho. Poirot, que estava bem a par dos

efeitos de certas drogas e de como elas dão a quem as toma a impressão de

que o tempo é abolido, nada disse.

Lady Clarke voltou a falar de repente:

- Sim, foi bom que o senhor viesse. Falei com Franklin e ele me disse

que não se esqueceria de falar com o senhor. Espero que Franklin não esteja

fazendo alguma tolice... é tão fácil de ser levado, apesar de já ter dado tantas

voltas pelo mundo. Homens são assim mesmo... Continuam meninos no

fundo... Especialmente o Franklin.

- Ele tem um temperamento impulsivo – disse Poirot.

- Sim, sim... E é muito cavalheiresco. Os homens costumam ser tão tolos a esse respeito. Mesmo o Car... – Sua voz sumiu de repente.

Lady Clarke moveu a cabeça com uma impaciência febril.

- Tudo se torna tão confuso... Nosso corpo é um transtorno, Sr. Poirot,

especialmente quando se torna predominante. Não tomamos consciência de

mais nada, quer a dor seja adiada ou não, nada mais parece ter importância.

- Entendo, Lady Clarke. É uma das tragédias desta vida.

- Isso me torna tão confusa. Nem consigo me lembrar do que pretendia lhe dizer.

- Não seria algo sobre a morte de seu marido?

- A morte de Car? Sim, talvez... Essa criatura, louca e infeliz, me refiro

ao assassino... É o que acontece com toda essa agitação e a pressa dos dias

de hoje, as pessoas não podem parar. Sempre senti pena dos doentes

mentais... com a cabeça cheia de idéias estranhas. E depois, tendo de ser

112

isolados num hospício, deve ser terrível. Mas o que mais se poderia fazer? Se

andam por aí matando as pessoas... – Balançou a cabeça, sinceramente

condoída. – Ainda não o pegaram? – perguntou por fim.

- Não, ainda não.

- Ele deve ter rondado por aqui naquele dia.

- Há muitos turistas aqui agora, Lady Clarke. É a época das férias.

- Sim, já me esquecera... Mas ficam pelas praias, não se aproximam desta casa.

- Nenhum estranho veio aqui naquele dia.

- Quem lhe disse isso? – perguntou Lady Clarke, com súbita energia.

Poirot deu a impressão de estar surpreso, retrucando:

- Os criados e a Srta. Grey.

Lady Clarke exclamou com toda clareza:

- Essa moça é uma mentirosa!

Quase saltei da cadeira, mas Poirot me conteve com um olhar rápido.

Lady Clarke prosseguiu, falando agora com especial exaltação.

- Eu não gosto dela. Aliás, nunca gostei. Car pensava como todo mundo sobre essa garota. Costumava dizer que ela era órfã e estava sozinha

nesta vida. Mas, pergunto, que há de errado em ser órfã? Algumas vezes é até

uma atenuante, uma benção. Você poderia ter tido um pai inútil e uma mãe que

adorasse a bebida e aí teria do que se lamentar. Ele dizia que ela era muito

corajosa e muito eficiente em seu trabalho. Pois eu digo que ela apenas

cumpria sua obrigação! Não sei onde está toda essa coragem!

- Agora trate de se acalmar, querida – disse a enfermeira Capstick.

–

Não deve excitar-se. Não queremos que se canse.

- Tratei de manda-la embora! Franklin teve a infeliz idéia de dizer que

ela seria uma boa companhia para mim. Grande conforto eu iria ter! Retruquei

que quanto mais cedo ela saísse da minha frente, melhor seria. Franklin é um

toló! Não queria vê-lo envolvido com ela! Ele é menino grande, sem juízo! “

Darei três meses de salário a essa moça, se você preferir assim – eu lhe disse.

– Mas que ela vá embora. Não a quero nem mais um dia nesta casa”. Há uma

vantagem em estarmos doentes: os homens não discutem conosco. Assim ele

fez o que eu disse e ela se foi. Como uma mártir, eu imagino... com muita

resignação e bravura!

113

- Agora, minha querida, não se exalte mais. É ruim para você.

Lady Clarke fez um gesto, afastando a enfermeira.

- Você age como uma tola com ela, igualzinho aos outros.

- Lady Clarke, por favor, não devia falar assim. Acho que a Srta. Grey é

uma moça muito gentil, com um ar tão romântico, como se fosse uma

personagem de novela.

- Não tenho mais paciência para ouvir as tolices de vocês – murmurou

Lady Clarke, já cansada.

- Bem, ela agora já não está mais aqui, minha querida. Foi embora.

Lady Clarke balançou a cabeça com febril impaciência, mas não retrucou.

Então Poirot perguntou:

- Por que a senhora disse que a Srta. Grey era uma mentirosa?

- Porque é. Ela lhe falou que nenhum estranho esteve nesta casa, certo?

- Sim.

- Pois bem. Acontece que eu a vi, com meus próprios olhos, daqui desta janela, conversando com um desconhecido na porta da frente.

- Quando foi isso?

- Na manhã do dia em que Car morreu, por volta das onze horas.
- E qual era a aparência desse homem?
- Um tipo comum. Nada de especial.
- Um simples curioso ou um vendedor?
- Não era um vendedor. Uma pessoa desalinhada. Não me lembro direito.

Contraíu os lábios num rictus de dor e disse com voz fraca:

- Por favor, devem sair agora, estou um pouco cansada... Enfermeira...

Nós obedecemos e apresentamos nossas despedidas à enferma.

- Eis uma história muito interessante – disse a Poirot quando já voltávamos a Londres. – Falo da Srta. Grey e do tal desconhecido.
- Viu só, Hastings? É como lhe digo: *há sempre alguma coisa a ser descoberta.*
- Por que a garota mentiu para nós ao dizer que não vira nenhum estranho na casa?

114

- Posso indicar sete motivos distintos... um deles extremamente comum.
- É uma adivinhação?

- Digamos que seja um teste para explorar sua ingenuidade. Mas não

há razão alguma para quebramos a cabeça com essa história. A solução mais

fácil é perguntar diretamente a ela.

- E suponhamos que nos diga outra mentira.

- Aí então seria algo realmente interessante, e muito sugestivo.

- É monstruoso pensar que uma garota como ela possa estar mancomunada com um louco.

- Justamente por isso é que não faço tal suposição.

Estive pensando um instante e por fim, disse, soltando um suspiro:

- Uma jovem bonita sempre tem problemas desse tipo.

- *Du tout*. Tire essa idéia da cabeça.

- Mas é verdade. – insisti, - cada um à sua maneira fica contra ela simplesmente porque é bonita.

- Está dizendo *bêtizes*, meu amigo. Quem a seu ver antipatizava com

ela, em Combeside? Sir Carmichael? Franklin? A enfermeira Capstick?

- Lady Clarke arrasou com ela, você viu.

- *Mon ami*, você se mostra muito benevolente com mulheres jovens e

belas. Quanto a mim, me compadeço das velhas senhoras enfermas. Pode ser

que a única a ver claro nesse assunto seja Lady Clarke, e que seu falecido

esposo, a enfermeira Capstick, e Franklin Clarke... e o Capitão Hastings,

inclusive, estejam tão cegos como morcegos.

- Está de má vontade com essa moça, Poirot.

Para minha surpresa eu o vi piscar um olho subitamente.

- Talvez seja porque goste de vê-lo montar sem seu vistoso corcel de

cavaleiro romântico, Hastings. Você age sempre como um cavaleiro andante,

sempre pronto a vir em socorro de donzelas em apuros... Donzelas bonitas,

*bien entendu.*

- Está sendo ridículo, Poirot – retruquei, mas sem poder conter o riso.

- Bem, não se vive só de tragédia, meu amigo. Interesse-me cada vez

mais pelos incidentes muito humanos que surgem no decorrer deste caso.

Temos diante de nós três dramas da vida familiar. Primeiro o de Andover: a

vida trágica da Sra. Ascher, sua luta cotidiana, tendo que suportar e amparar o

marido, a devoção de sua sobrinha. Por si só já daria uma novela. Depois você

tem Bexhill, um casal feliz, condescendente, as duas irmãs tão diferentes uma

da outra, a pequena fútil, meio tola e bonitinha, e a decidida e séria Megan,

com sua lucidez e sua indomável paixão pela verdade. E o outro personagem,

o jovem escocês tímido, com seu ciúme apaixonado e sua devoção pela

mocinha morta. Finalmente, temos a família de Churston: a esposa

desenganada, e o marido absorvido em sua coleção de arte chinesa, mas com

uma crescente ternura e simpatia pela bela jovem que o ajuda tão

desinteressadamente... e por fim o irmão ainda moço, vigoroso, atraente,

amável, com um charme romântico resultante de suas longas viagens pelo

Oriente.

- Observei, Hastings, que no decurso normal dos acontecimentos *esse*

*três dramas distintos nunca deveriam se relacionar.* Deveriam seguir em seu

curso sem influências recíprocas. As permutações e combinações da vida

nunca deixaram de me fascinar, Hastings.

- Chegamos a Paddington – foi só que eu soube dizer.

Era hora, pensei, de voltar à realidade exterior e prosaica.

Ao chegarmos ao apartamento de Whitehaven fomos informados de que um cavalheiro estava à espera de Poirot.

Calculei que se tratasse de Franklin Clarke, ou talvez Japp, mas me surpreendi ao ver ali Donald Fraser.

Ele parecia muito confuso e sua dificuldade de expressão tornava-se mais evidente do que nunca.

Poirot não o apressou a revelar o motivo da visita, convidando-o em vez disso a provar um sanduíche e um copo de vinho.

Enquanto isso, Poirot monopolizou a conversa, explicando aonde tínhamos ido, referindo-se com simpatia a compreensão humana à viúva

enferma.

Assim que terminamos com os sanduíches e bebemos uns goles de vinho, Poirot imprimiu um toque pessoal à conversa.

- Veio de Bexhill, Sr. Fraser?

- Sim.

- Teve algum sucesso com Milly Higley?

116

- Milly Higley? – Fraser repetiu o nome da moça mais uma vez como se

nunca o tivesse ouvido. – Oh, sim, aquela garota! Não, eu não adiantei nada

nesse sentido. Isso é...

Fez uma brusca interrupção e entrelaçou os dedos nervosamente.

- Nem sei por que vim ver o senhor – disse num desabafo.

- Mas eu sei – retrucou Poirot.

- Acho que não. Como poderia saber?

- Veio aqui porque há alguma coisa que precisa contar a alguém. Você

veio ao endereço certo. Sou a pessoa indicada. Pode falar.

A entonação firme e a auto-segurança de Poirot foram bem sucedidas.

Fraser olhou-o com um ar inusitado de obediência e agradecimento.

- Pensa assim então?

- *Parbleu*, tenho certeza disso.

- Sr. Poirot conhece alguma coisa sobre sonhos?

Era a última coisa que eu esperava ouvir do nosso visitante.

No entanto, Poirot não parecia surpreso com a inesperada pergunta.

- Conheço – replicou. – Tem tido sonhos?

- Sim. Sei que o senhor poderá dizer que é natural eu sonhar com...

ela. Mas não se trata de um sonho comum.

- Ah, não?

- Venho tendo o mesmo sonho há três noites seguidas, senhor...  
Penso

até que estou ficando maluco...

- Conte-nos seu sonho.

Fraser estava muito pálido. Seus olhos pareciam dilatar-se. Para ser mais claro, *dava a impressão* de estar louco mesmo.

- É sempre a mesma coisa. Estou na praia, procurando pela Betty.  
Ela

está perdida, somente perdida, compreende? E estou procurando-a  
. Eu quero

lhe dar o seu cinto. Com ele em minha mão, vou andando. E  
então...

- Sim.

- O sonho se modifica... Não estou procurando nada mais. Ela está ali,

bem na minha frente... sentada na areia. Não me vê chegar... Ela... não, eu não

posso...

- Prossiga.

A voz de Poirot era autoritária, agora, firme.

117

- Eu me acerco dela por trás... mas sem que me ouça... Passo o cinto

em volta de seu pescoço e puxo... puxo...

O tom angustiado da voz de Donald era impressionante... Crispei as mãos em torno dos braços da cadeira... A cena descrita parecia real.

- Ela fica sufocada... e morre. Eu a estrangulei. E então sua cabeça pende para trás inerte e vejo seu rosto... o de *Megan*, não o de Betty!

Fraser reclinou-se na poltrona, muito pálido e trêmulo. Poirot encheu

outro copo de vinho e entregou ao rapaz.

- Qual o significado desse sonho, Sr. Poirot? Por que isso acontece comigo? E há três noites?...

- Beba este vinho – ordenou Poirot.

O rapaz obedeceu e então perguntou num tom mais calmo:

- O que significa tudo isso? Eu... eu não quis mata-la, quis?

Não sei qual foi a resposta de Poirot, pois naquele exato momento ouvi

as batidas do carteiro na porta e instintivamente deixei a sala.

A carta que acabara de chegar afugentou todo meu interesse pelas estranhas revelações de Donald Fraser.

Voltei quase correndo à sala, exclamando:

- Poirot! Ela chegou. A quarta!

Ele saltou da cadeira e tomou a carta de minhas mãos. Apanhou seu

corta-papel e abriu o envelope que caiu sobre a mesa.

E nós três lemos juntos a carta.

“ Não descobriu nada ainda? Que vergonha! Que fiasco! Que estão fazendo você e a polícia? Bem, bem, isto não é divertido? E aonde iremos nós

agora buscar o mel?

Pobre Sr. Poirot. Lamento muito a sua sorte.

Mas se de início não foi feliz, tente, tente de novo.

Temos ainda um longo caminho pela frente.

Talvez Tipperay? Não, isso virá depois. Na letra T.

O próximo e pequeno incidente terá lugar em Doncaster em 11 de setembro.

Até a vista,

ABC "

118

## CAPÍTULO 21 - DESCRIÇÃO DE UM ASSASSINO

Foi naquele momento que na minha opinião aquilo que Poirot denominava elemento humano começou a desaparecer de cena novamente.

Como se a nossa mente, sendo incapaz de suportar a visão continuada da

tragédia e do horror, nos levasse até então a um intervalo preenchido por

interesses humanos normais.

Tínhamos, uma vez por todas, sentido a impossibilidade de fazer algo

até que a quarta mensagem viesse revelar o local escolhido para o crime D. E

aquele clima de intervalo tinha ocasionado um relaxamento da tensão anterior.

Mas agora, com aquelas palavras impressas destacando-se no papel

branco e apergaminhado, a caçada iria recomeçar.

O Inspetor Crome veio direto da Yard, e enquanto estava no apartamento, Franklin Clarke e Megan Barnard apareceram.

A jovem explicou-nos que também chegara há pouco de Bexhill.

- Eu queria perguntar algo ao Sr. Clarke.

Megan parecia particularmente ansiosa em justificar e esclarecer sua

atitude. Percebi esse detalhe, mas sem ligar muita importância ao mesmo.

Naturalmente, a carta ocupava meus pensamentos excluindo tudo mais.

Penso que Crome não gostou muito de ver ali vários participantes do

caso. Assumi o ar de quem cumpre apenas uma incumbência oficial e meio

sigilosa.

- Levarei isto comigo, Sr. Poirot. Se deseja tirar uma cópia...

- Não, não é necessário.

- Quais são seus planos, inspetor? – indagou Clarke.

- São todos muito simples, Sr. Clarke.

- Dessa vez nós o agarramos – disse Clarke. – Saiba, senhor inspetor,

que nós formamos uma associação para cuidar do assunto. Uma legião das

partes interessadas nesse caso ABC.

O Inspetor Crome retrucou no seu melhor estilo:

- Oh, sim?

- Pelo jeito não aprecia muito os amadores, não é, inspetor?

- Dificilmente terá os mesmos recursos a seu dispor, não pensa assim,

Sr. Clarke?

119

- Nós contamos com um interesse pessoal em resolver o caso, e isso já

é alguma coisa.

- Oh, sim?

- Suponho que a sua tarefa também não está sendo nada fácil,

inspetor. Fico a pensar em que novos apuros o nosso ABC vai envolver-lo.

Observei então que Crome podia, por vezes, mostrar-se loquaz quando

outros recursos não davam resultado.

- Dessa vez não creio que o povo tenha muito o que criticar quanto às

nossas providências – disse Crome. – Esse idiota nos deu um aviso bem

antecipado. O dia 11 cai numa quarta-feira, na próxima semana. Isto nos dá

bastante tempo para uma campanha aberta de alerta na imprensa. Doncaster

toda será posta de sobreaviso. Toda pessoa cujo nome comece por D ficará de

olhos bem abertos, o que é muito bom. Também destacaremos agentes para

policiearem a cidade em larga escala. Essa ajuda já foi providenciada, com

anuência de todos os delegados distritais da Inglaterra. Todos em Doncaster,

policiais e civis, procurarão localizar esse homem, e com uma dose razoável de

sorte, deveremos agarrá-lo!

Clarke disse calmamente:

- Nota-se logo que não é um esportista, inspetor.

Crome olhou-o intrigado.

- Que quer dizer com isso, Sr. Clarke?

- Meu caro, então ignora que na *próxima quarta-feira será corrido em*

*Doncaster o Prêmio St. Leger?*

O inspetor ficou de queixo caído. Pela primeira vez na vida não se saiu

com o seu habitual “Oh, sim?”. Em vez disso, murmurou:

- É verdade. Sim, isso complica as coisas...

- ABC não é nenhum idiota, ainda que *seja* um louco.

Ficamos sem silêncio por instantes, analisando mentalmente a

situação. A multidão de aficionados no hipódromo, sabendo-se da paixão dos

ingleses pelo seu esporte favorito, as complicações daí decorrentes...

- *C'est ingénieux. Tout de même c'est bien imagine, ça.* – murmurou

Poirot.

120

- Na minha opinião – disse Clarke – o assassinato deverá ocorrer no hipódromo... talvez na ocasião em que o páreo principal esteja sendo

disputado.

Por um momento seu temperamento de esportista deliciou-se com tal

pensamento...

O Inspetor Crome levantou-se, guardando a carta no bolso.

- O S. Leger é mesmo uma complicação – assentiu. – É lamentável.

Depois que Crome saiu, ouvimos vozes no corredor. Um minuto depois, Thora Grey entrava.

A jovem disse meio excitada:

- O inspetor me falou agora que chegou outra carta. Onde será dessa

vez?

O dia estava chuvoso. Thora Grey estava com um casaquinho e saia pretos e um abrigo de peles. Um chapeuzinho negro caía um pouco de lado

sobre seus cabelos louros.

Ela se dirigira a Franklin Clarke e pondo a mão em seu braço, aguardou a resposta.

- Será em Doncaster, e no dia do Prêmio S. Leger.

Passamos a discutir o assunto. Era óbvio que todos nós pretendíamos

estar presentes em Doncaster, mas a corrida de cavalos complicava sem

dúvida os planos que havíamos traçado de antemão.

Eu me senti desencorajador. Afinal, o que um pequeno grupo de seis

pessoas poderia fazer, por mais forte que fosse seu interesse pessoal no

assunto? Inúmeros policiais estavam atentos, em estado de alerta, vigiando

todo os locais onde possivelmente o criminoso agiria. Assim, o que mais seis

pares de olhos poderiam captar?

Como se respondesse a meus pensamentos, Poirot observou, numa entonação que parecia a de um professor ou um sacerdote:

- *Mês enfants*, nós não podemos debandar agora. Temos de analisar o

assunto com método e ordenar nossos pensamentos. Devemos olhar para

dentro e não apenas para fora em busca da verdade. Precisamos indagar a

nós mesmos, cada um do nosso grupo: "o que *eu* sei sobre o assassino?" E

assim devemos obter um retrato bem aproximado do homem que estamos

procurando.

121

- Nada sabemos a seu respeito – disse Thora Grey, com ar desanimado.

- Não, *mademoiselle*. Isso não é verdade. Cada um de nós aqui

conhece algo sobre ele... *desde que saibamos discernir o que conhecemos.*

*Estou convencido de que a fonte está aí, bastando somente apreendê-la.*

Clarke moveu a cabeça, retrucando:

- Não sabemos nada, se ele é velho ou moço, bonito ou feio! Nenhum

de nós jamais o viu ou falou com ele! E já analisamos tudo que poderíamos

saber inúmeras vezes.

- Tudo não! A Srta. Grey, por exemplo, nos disse que não vira nem

falara com nenhum estranho no dia em que Sir Carmichael foi assassinado.

- E é verdade – assentiu Thora Grey.

- É mesmo? *Pois Lady Clarke contou-nos, mademoiselle, ter visto da janela de seu quarto a senhorita parada à porta da frente da casa conversando*

*com um homem.*

- Ela *me* viu falando com um estranho? – A jovem parecia realmente

surpresa.

Seguramente, pensei então, aquele olhar tão límpido só poderia

expressar a verdade

Thora balançou a cabeça, dizendo:

- Lady Clarke deve ter cometido um engano. Eu nunca... Oh!

A exclamação saiu de repente, num jato. Um súbito rubor cobriu seu

rosto e ela explicou:

- Agora me lembro! Que cabeça a minha! Já me esquecera desse fato.

Mas nada tem de importante. Foi apenas um desses homens que vão de casa

em casa vendendo meias, o senhor sabe, ex-combatentes de preferência. E

são muito persistentes. Tive que despachar um deles naquele dia. Eu estava

justamente passando pelo hall quando ele chegou à porta. Falou comigo em

vez de tocar a campainha, mas tratava-se, como vi logo, de uma pessoa

inofensiva. Imagino ter sido por isso que eu me esqueci dele.

Poirot deu alguns passos miúdos para cá e para lá, as mãos alisando a

testa. Monologava com tal veemência que ninguém ousou dizer nada, ficando

todos a olha-lo intrigados.

- Meias – ele murmurou. – Meias... meias... *ça vient...* meias... meias...

eis aí o *motivo, sim...* há três meses atrás... no outro dia... e agora. *Bom Dieu,*

eu o tenho!

Sentou-se muito ereto agora, e me dirigiu um olhar imperioso.

- Lembra-se, Hastings? Andover. A tabacaria. Subimos a escada. O dormitório. E sobre a cadeira *um par de meias novas de seda*. E agora sei o

que era que aquilo despertou minha atenção há dois dias. Foi você, *mademoiselle...* – Voltara-se para Megan. – Me contou que sua mãe chorara

*porque tinha comprado meias novas para a filha no dia exato do crime...*

Passou então o olhar por todos nós.

- Estão percebendo? *Trata-se do mesmo motivo* repetido em três ocasiões. Isso não pode ser coincidência. Quando *mademoiselle* me contou

aquilo tive a impressão de que o que ela dizia se encaixava em algo. E agora

sei do que se trata. As coisas ditas pela Sra. Ascher à sua vizinha mais

próxima, a Sra. Fowler. Sobre pessoas que estão sempre empurrando coisas

para nós *comprarmos...* e ela mencionou *meias*. Diga-me, *mademoiselle*, é

verdade ou não que sua mãe comprou aquelas meias, não numa loja, mas de

alguém que batera à sua porta?

- Sim... sim, agora me lembro. Ela me disse qualquer coisa sobre o incômodo causado por esses homens teimosos que andam de casa em casa

tentando vender seus artigos quase à força.

- Mas onde está a conexão com o caso? – exclamou Franklin. – O fato

de um homem andar vendendo meias por aí não prova nada!

- Repito, meus amigos, isso *não pode* ser coincidência. Houve três crimes, e de cada vez um homem apareceu vendendo meias e sondando o terreno.

Voltando-se bruscamente para Thora, disse:

- *A vous la parole!* Descreva o tal homem.

Olhando para Poirot desconcertada, Thora murmurou:

- Não posso... Não sei bem como descreve-lo... Usava óculos, penso que sim... e um casacão surrado...

- *Mieux que ça, mademoiselle.*

- Ele ficou parado... Não me recordo direito. Mal olhei para ele. Não era

o tipo de homem que chame a atenção...

123

Poirot disse com ar muito sério:

- Tem toda a razão, *mademoiselle*. O verdadeiro segredo dos assassinos reside na descrição que fez do assassino, por que não há dúvida

de que ele foi o assassino! "*Não era o tipo de homem que chame a atenção*".

Sim, isso é um fato... *Mademoiselle* acaba de descrever o assassino!

CAPÍTULO 22 - (NÃO FAZ PARTE DA NARRATIVA PESSOAL

DO CAPITÃO HASTINGS)

O Sr. Alexander Bonaparte Cust estava sentado muito quieto. O prato

com sua refeição matinal permanecia intocado. Um jornal estava aberto e

apoiado no bule de chá e o Sr. Cust o lia com grande interesse.

De repente levantou-se, deu alguns passos para lá e para cá e então

foi sentar-se numa cadeira perto da janela. Comprimiu a cabeça com as duas

mãos, soltando um gemido rouco.

Não escutou assim o ruído da porta sendo aberta. Sua senhoria, a Sra.

Marbury, parou no umbral, dizendo com admiração:

- Estive pensando, Sr. Cust, se gostaria de um saboroso... mas o que

houve? Não está se sentindo bem?

O Sr. Cust afastou as mãos da cabeça, retrucando:

- Não é nada. Nada mesmo, Sra. Marbury. Só não estou... me sentindo

muito bem esta manhã.

A Sra. Marbury fitou a bandeja com o pequeno almoço.

- Estou vendo. Nem tocou na comida. É a sua cabeça que está doendo de novo?

- Não. Um pouco apenas... Eu... eu costumo sentir uma série de coisas.

- Bem, eu sinto muito, acredite. Então não vai sair hoje, não é?

O Sr. Cust ergueu-se bruscamente, retrucando:

- Não eu tenho que sair. É um negócio importante. Muito importante.

Suas mãos tremiam e ao vê-lo tão agitado, a Sra. Marbury procurou

acalma-lo.

- Bem, se precisa mesmo sair, saia. Vai para longe desta vez?

124

- Não. Irei a ... – hesitou um instante antes de completar: -

Cheltenham.

Havia qualquer coisa tão especial no modo como ele chegara a mencionar aquele lugar que a Sra. Marbury olhou-o meio surpresa.

- Cheltenham é um belo lugar – disse a senhoria, puxando conversa. –

Estive lá quando vivia em Bristol. As lojas são tão vistosas...

- Suponho que sim.

A Sra. Marbury estava muita tesa, porque ficar parada não combinava

com seu temperamento, e moveu-se para apanhar o jornal que estava caído no

chão.

- Só se vê crimes nos jornais de agora – disse ela, dando uma olhadela

nas manchetes antes de colocar o exemplar sobre a mesa. – Sinto arrepios se

ler essas coisas. É como se Jack, o Estripador e tudo aquilo estivesse de volta.

Os lábios do Sr. Cust se moveram, mas sem emitir nenhum som.

- Doncaster, é este o lugar onde esse louco pretende cometer seu próximo crime – disse então a Sra. Marbury. – E será amanhã! Isso nos deixa

até arrepiados, não é mesmo? Se eu vivesse em Doncaster e meu nome

começasse com um D, tomaria logo o primeiro trem para o fim do mundo, se

pudesse. Não iria correr nenhum risco. Que me diz disso, Sr. Cust?

- Nada, Sra. Marbury... nada.

- E haverá as corridas e tudo mais. Não duvido que ele encontre sua oportunidade ali. Mas centenas de policiais, dizem os jornais, estão em ação

e... Mas por que o senhor está *fazendo* essa cara tão desolada? Não seria

melhor tomar um pequeno gole de algum licor? Realmente, agora acho que

não devia viajar hoje.

O Sr. Cust empertigou-se, protestando:

- Mas é preciso, Sra. Marbury. Sempre sou pontual em meus...

compromissos. As pessoas assim adquirem mais... confiança em nós! Quando

eu me comprometo a fazer uma coisa, vou até o fim. É o único modo de se

conduzir a bom termo um... negócio.

- Mas se o senhor está doente...

- Não estou doente, Sra. Marbury. Apenas um pouco preocupado...

vários problemas pessoais a resolver. E não tenho dormido bem. Não estou

com nada de grave, pode crer.

125

Seu modo de falar era tão firme que a Sra. Marbury recolheu a bandeja

com a refeição e, embora relutante, saiu do quarto.

O Sr. Cust puxou uma maleta que estava debaixo da cama e começou

a arruma-la. Pijama, estojo de barba, uma camisa engomada, chinelo de couro.

A seguir, abriu o armário, de onde retirou umas doze caixas de papelão

achatadas de uns vinte e cinco por dezesseis centímetros, transferindo-as

então para a valise.

Olhou de relance para o guia de trens sobre a mesa e então deixou o

quarto, segurando a maleta.

Já no hall, colocou o chapéu na cabeça e vestiu o sobretudo. Ao fazer-

lo suspirou tão profundamente que a moça que acabava de sair de um quarto

ao lado olhou-o intrigada.

- Alguma coisa o incomoda, Sr. Cust?

- Nada, Srta. Lily.

- Está suspirando tanto...

O Sr. Cust disse bruscamente:

- É sujeita a premonições, Srta. Lily? Costuma ter pressentimentos?

- Bem, não sei se sou assim como diz... Naturalmente, há dias em que

sentimos que na realidade tudo sairá, e em outros a gente tem a impressão de

que tudo dará certo.

- Exatamente – disse o Sr. Cust. E suspirando fundo de novo: - Bem,

vou indo, Srta. Lily. Adeus. Sei o quanto a senhorita tem sido atenciosa comigo

aqui.

- Bem, mas não deve dizer adeus, assim parece que o senhor está se

despedindo para sempre.

- Oh, não, naturalmente que não.

- Voltarei a vê-lo na sexta – riu a garota. – Aonde vai desta vez? Já sei,

ao balneário de novo.

- Não, não... vou a Cheltenham.

- Bem é um lugar bacana. Mas não tanto como Torquay. É uma praia

adorável. Espero ir lá nas minhas férias do ano que vem. Mas por falar nisso, o

senhor deve ter estado bem perto de onde aconteceu o crime, o do ABC. Foi

justamente quando o senhor estava naquela praia, não foi?

- Sim... Mas Churston fica a umas seis ou sete milhas antes.

126

- Ainda assim, deve ter sido emocionante! Afinal, o senhor pode ter cruzado com o assassino na rua! Deve ter estado bem perto dele!

- Sim, é possível, naturalmente – disse o Sr. Cust, com um sorriso tão

apagado e torcido que Lily Marbury não pode deixar de observar:

- Oh, Sr. Cust, *não deve* estar se sentindo bem.

- Estou bem, perfeitamente bem. Adeus, Srta. Marbury.

Fez um cumprimento desajeitado erguendo um pouco o chapéu, recolheu sua valise e apressou-se a sair pela porta principal.

- Um tipo fora de moda, mas pitoresco – disse Lily Marbury, com ar indulgente. – Para mim, parece meio gira.

O Inspetor Crome disse a seu subordinado:

- Providencie uma relação de todos os fabricantes de meias e depois

mande fazer circulares da mesma. Quero uma lista de todos os seus representantes, sabe do que estou falando, sujeitos que vendem esses artigos

a domicilio na base da comissão.

- Trata-se do caso ABC, senhor?

- Sim. É mais uma das idéias do Sr. Hercule Poirot. – A entonação do

inspetor foi de pouco caso. – Provavelmente resultará em nada, mas não se

deve deixar de lado nenhuma possibilidade, por menor que seja.

- Perfeitamente, senhor. O Sr. Poirot fez muito sucesso em seu tempo,

mas acho que agora ele está um pouco gagá.

- Ele é um charlatão – disse o Inspetor Crome. – Sempre com aquela

pose que impressiona a muita gente. Mas a *mim* não consegue impressionar.

Bom, agora vamos às providências para Doncaster...

Tom Hartigan disse para Lily Marbury:

- Vi seu velho admirador esta manhã.

- Quem? O Sr. Cust?

- Sim, ele mesmo. Estava em Euston. Olhando como uma galinha

perdida, como de costume. Acho que esse cara está meio doido. Precisa de

que alguém olhe por ele. Primeiro deixou cair seu jornal e logo depois a

passagem de trem. Eu a apanhei do chão e ele... nem tinha idéia de que a

perdera. Agradeceu-me de um modo muito confuso, mas não acho que tenha

me reconhecido.

127

- Ora, meu bem – disse Lily. – Ele só viu você de passagem, poucas vezes, no vestíbulo.

Os dois dançavam agora ao som de uma vitrola.

- Você dança que é uma beleza – disse Tom.

- Me abrace mais – murmurou Lily e se agarrou mais ao rapaz.

Continuaram a dançar até que Lily perguntou de repente:

- Você disse há pouco Euston ou Paddington? Falo de onde encontrou

o velho Cust.

- Foi em Euston.

- Tem certeza?

- Claro que sim. No que está pensando?

- Curioso. Sempre pensei que se fosse a Cheltenham pela estrada de

Paddington.

- E você está certa. Mas acontece que o velho Cust não ia para Cheltenham e sim para Doncaster.

- Cheltenham, querido.

- Doncaster. Eu vi garota! Além do mais, não te disse que apanhei a passagem de trem que ele deixara cair?

- Está bem, mas ele *me* falou que ia a Cheltenham. Tenho certeza.

- Você pode ter ouvido mal. O certo é que tomou o trem para Doncaster. Algumas pessoas vão lá arriscar a sorte. Eu também fiz uma aposta

no *Pirilampo*, no Prêmio S. Leger, e gostaria de vê-lo correr.

- Não acho que o Sr. Cust freqüente hipódromos, não tem pinta de

turfista. Oh, Tom, faço votos para que ele não seja vítima desse assassino que

anda por aí. É em Doncaster que o ABC pretende cometer novo crime.

- Cust não corre esse perigo. Seu nome não começa por D.

- Ele podia ter sido morto da última vez. Estava bem perto de Churston,

em Torquay, quando aconteceu o assassinato anterior.

- Estava ali, hem? É muita coincidência junta, não? – Riu – Mas ele não

esteve em Bexhill daquela outra vez, ou esteve?

Lily franziu as sobrancelhas, retrucando:

- Sei que estava ausente... Sim, me lembro disso porque ele esquecera

seu calção de banho. Mamãe estava consertando-o para ele. E ela disse então:

“E o Sr. Cust acabou viajando ontem sem o seu traje de banho”, e eu comentei:

128

“Oh, pensar agora num calção de banho quando uma garota acaba de ser

estrangulada em Bexhill. Um crime horrível!”

- Bem, se ele pediu à sua mãe para ajeitar o calção de banho é porque

pretendia ir à praia. Escute, Lily – disse Tom com ar divertido, - que me diz

desse velho maluco ser o assassino em pessoa?

- O pobre Sr. Cust? Seria incapaz de matar uma mosca – riu.

Voltaram a dançar muito felizes. Aparentemente para eles só importava

o prazer de estarem juntos. Mas em seus subconscientes algo os inquietava...

## CAPÍTULO 23 - DONCASTER, 11 DE SETEMBRO

DONCASTER!

Acho que nunca me esquecerei daquele 11 de setembro. O fato é que

toda vez que ouço falar do Prêmio S. Leger, automaticamente meus

pensamentos se voltam, não para a corrida de cavalos, mas para aquele crime.

Ao evocar minhas próprias sensações, o que mais se impõe é um

incômodo sentimento de insuficiência. Estávamos ali, no centro dos

acontecimentos, Poirot, eu, Clarke, Fraser, Megan Barnard, Thora Grey e Mary

Drower, e, em última instância, o *que podíamos fazer?*

Tínhamos formado um grupo para uma missão desesperada, buscando

reconhecer entre uma multidão de milhares de pessoas um rosto ou figura vista

de relance uma vez apenas, havia dois ou três meses.

As dificuldades na realidade eram ainda maiores. De todos nós a única

pessoa em condições de fazer tal reconhecimento era Thora Grey.

Mas uma boa parte de sua serenidade nórdica desaparecera sob a tensão daqueles dias. Seu modo de ser, habitualmente comedido e eficiente,

se modificara. Sentada na sala, ela cruzava e descruzava as mãos, quase

chorando, tendo no olhar um apelo incoerente para Poirot.

- Na verdade, nem cheguei a observa-lo... Por que devo reconhecê-lo?

Mas que tola eu sou! Todos vocês dependendo de mim, todos... e não posso

ajudar em nada. Porque mesmo se o visse de novo não saberia reconhecê-lo.

Tenho uma péssima memória fisionômica.

129

Apesar de tudo que já me dissera sobre Thora Grey e ainda que

parecesse não apreciá-la. Poirot mostrou-se gentil com ela nessa ocasião.

Havia um toque de ternura em sua voz e gestos ao dirigir-se à moça. Deduzi

então que Poirot, tanto como eu, não era indiferente a uma bela mulher em

apuros.

Pousando a mão com suavidade no ombro da jovem, ele disse:

- Que é isso, *petite*, nada de nervosismo. Não queremos vê-la assim.

Se você puder ver esse homem, será capaz de reconhecê-lo.

- Como o senhor sabe disso?

- Oh, por muitos motivos... um deles, porque ao negro se segue o vermelho.

- Que quer dizer com isso, Poirot? – exclamei.

- Estou usando o linguajar do jogo. Na roleta pode ocorrer uma incidência do preto... mas no fim o *vermelho deve aparecer*. Trata-se da lei

matemática das probabilidades.

- Fala de uma reviravolta da sorte?

- Exatamente, Hastings. E é aí que o jogador (e o assassino, que afinal

de contas é apenas um tipo superior de jogador, já que não arrisca seu dinheiro

mas a sua vida) deixa de ser previdente. Como está ganhando, pensa que

*continuará* a ganhar! Assim não se retira da mesa de jogo na hora certa, com

os bolsos cheios. Também no terreno do crime o assassino que é bem

sucedido *não pode admitir a possibilidade de vir a fracassar!* Ele se acredita

destinado a vencer sempre, mas eu lhe digo, meus amigos, por melhor

planejado que seja, um crime para ser bem sucedido depende da sorte!

- Não acha que está exagerando um pouco? – objetou Franklin Clarke.

Poirot moveu as mãos com veemência.

- Não, não. As chances podem ser equilibradas, se prefere assim, mas

a sorte *deve* inclinar-se a seu favor. Pense bem! Podia ter acontecido que

alguém entrasse na loja da Sra. Ascher justamente quando o assassino saia

dali. Essa pessoa podia cismar de olhar atrás do balcão, ter visto então a

mulher morta e correr para deter o criminoso ou ainda descreve-lo

corretamente para a policia, que deveria prende-lo logo a seguir.

- Sim, naturalmente, isso é possível – admitiu Clarke. – O que equivale

a dizer que a sorte coube nesse caso ao assassino.

130

- Precisamente. Um assassino é sempre um jogador. E, como muitos jogadores, nem sempre sabe quando deve parar. A cada novo crime sua

opinião acerca de suas próprias aptidões é reforçada. Seu senso de equilíbrio

fica embotado. Ele não dirá: “Tenho sido esperto e contado com a *sorte!*” E o

alto conceito em que tem sua engenhosidade se amplia e aí então, *mes amis*, a

roleta gira, e a seqüência colorida se encerra... a bolinha incide sobre um novo

número e o crupiê grita: “ Vermelho”.

- Acha então que isso ocorrerá nesse caso? – perguntou Megan, erguendo as sobrancelhas.

- *Terá que acontecer, mais cedo ou mais tarde! Até agora a sorte tem*

*acompanhado o criminoso*, mas de repente deverá mudar e ficar do nosso

lado. E acredito que já *tenha* mudado! A pista fornecida pelas meias é o

começo. Agora, em vez de tudo dar *certo* para ele, tudo lhe sairá *errado*. E ele,

também, deve começar a cometer erros...

- Reconheço que está nos encorajando – disse Franklin Clarke. Todos

nós precisamos de um pouco de estímulo. Desde que acordei hoje estou

sentindo um desânimo realmente inibidor.

- Acho muito difícil que possamos realizar algo de alcance prático – disse Donald Fraser.

- Não seja derrotista, Don – observou Megan, com energia.

Mary Drower, um pouco constrangida, disse:

- Só sei que nunca se sabe com quem estamos lidando. Esse maníaco

anda por aí e no entanto nós estamos aqui sem saber como reconhece-lo. E

pensar que às vezes nos reencontramos com alguém do modo mais pitoresco

possível, quando não desejaríamos...

Eu disse com certa exasperação:

- Se ao menos pudéssemos fazer algo mais.

- Hastings, deve saber que a polícia está fazendo tudo que é

humanamente possível. Agentes especiais foram convocados. O nosso bom

Inspetor Crome pode ter lá seus defeitos como pessoa, mas é um oficial de

polícia competente, e o Coronel Anderson, o Comissário-Chefe, é um homem

de ação. Eles tomaram todas as providências para vigiar e patrulhar a cidade e

especialmente o hipódromo. Policiais à paisana estarão espalhados por toda

131

parte. E há também a campanha feita na imprensa. O público está devidamente alertado.

Donald Fraser moveu a cabeça, dizendo:

- Ele não irá atacar desta vez. – Mostrando-se mais esperançoso, concluiu: - Só sendo mesmo um louco!

- Infelizmente ele é louco – retrucou Clarke, secamente. – O que acha,

Sr. Poirot? Esse homem irá desistir ou tentará levar adiante seu plano?

- A meu ver, sua obsessão é tão intensa que ele *deverá* tentar cumprir

sua promessa! Desistir seria como admitir seu fracasso, algo que seu egoísmo

doentio jamais admitiria. Devo dizer que é esta, também, a opinião do Dr.

Thompson. Nossa esperança é que ele venha a ser capturado ao tentar a

consumação do crime.

- Ele terá que ser bem esperto – disse Donald.

Poirot olhou seu relógio. Compreendemos seu gesto. Fora combinado

que nós estaríamos em ação o dia todo, percorrendo o maior número possível

de ruas pela manhã, e mais tarde, ocupando os vários locais de acesso ao

hipódromo.

Eu disse “nós”. Naturalmente, no meu caso particular, tal

patrulhamento era de pouca valia, já que nunca pusera os olhos no ABC.

Contudo, como a idéia era nos separarmos a fim de cobrir uma área a mais

ampla possível, sugerira que me permitissem atuar como escoltante de uma

das três moças.

Poirot concordara e tive a impressão de que havia uma ponta de malícia em seu olhar.

As moças foram apanhar seus chapéus. Donald Fraser estava parado

junto à janela, olhando para fora, aparentemente mergulhado em seus

pensamentos.

Franklin Clarke relanceou o olhar para o rapaz e notando, pela sua abstração, que não iria prestar atenção na conversa, ergueu a voz um pouco,

dirigindo-se à Poirot.

- Ouça, Sr. Poirot. Sei que estive em Churston, e conversei com minha cunhada. Terá ela dito, ou insinuado... quero dizer, sugerido qualquer

coisa... – interrompeu-se, embaraçado.

132

Poirot retrucou com um ar de pura inocência que despertou em mim uma forte suspeita.

- *Coment?* Sua cunhada disse, insinuou, ou sugeriu o que afinal?

Franklin Clarke mostrou-se mais embaraçado ainda ao observar:

- Talvez o senhor ache que não é hora de tratarmos de assuntos pessoais...

- *Du tout!*

- Mas eu gostaria de ver as coisas bem esclarecidas.

- Um propósito muito elogiável.

Dessa vez senti que Clarke começara a desconfiar de que a expressão

suave e cordial de Poirot ocultava um divertimento íntimo. E ele passou a se

expressar de maneira mais rudemente objetiva.

- Minha cunhada é uma mulher muito distinta, amável, sempre a estimei muito, mas já se acha enferma há algum tempo. E tratando-se desse

tipo de doença, tendo de tomar certas drogas para suportar as dores, é natural

que se exaspere ou, como é muito comum, passe a *inventar* coisas sobre as

pessoas!

- Ah, sim?

Agora não havia como ignorar o brilho meio irônico do olhar de Poirot.

Mas Franklin Clarke, absorvido em seus rodeios diplomáticos, não notou tal detalhe.

- O assunto se refere a Thora... à Srta. Grey – disse Clarke.

- Ah, é sobre a Srta. Grey que está falando? – A entonação de Poirot

aparentava uma certa surpresa ingênua.

- Sim. Lady Clarke enfiou certas idéias na cabeça. O senhor sabe,

Thora... a Srta. Grey é uma bonita moça...

- Acho que sim – admitiu Poirot.

- E as mulheres, mesmo a melhor delas, são um bocado maldosas em

relação a outras mulheres. Naturalmente, Thora era uma auxiliar inestimável

para meu irmão, ele sempre dizia ser ela a melhor secretária que já tivera, e a

apreciava bastante, sem duvida. Mas entre ambos o que houve foi sempre uma

amizade franca e honesta. Quero dizer que Thora não é do tipo de moça que...

- Não? – disse Poirot, levando o outro a prosseguir.

133

- Mas o fato é que minha cunhada passou a alimentar certas idéias...

ciúmes, suponho. Não que o demonstrasse abertamente. Mas após a morte de

Car, quando se tratou da permanência da Srta. Grey em nossa casa... Bem,

Charlotte assumiu uma atitude drástica. Naturalmente, isso se deve à sua

doença e às doses de morfina e tudo mais, a enfermeira Capstick o atesta, e

diz que não devemos censurar Charlotte por ter esses caprichos...

Clarke fez uma pausa um pouco demorada.

- E então?

- O que desejo que entenda, Sr. Poirot, é o fato de não haver nenhum

fundamento nessa história toda. São apenas fantasias próprias da imaginação

de uma mulher enferma. Veja – tirou um envelope do bolso do casaco – aqui

está uma carta que recebi de meu irmão quando me encontrava na Malásia.

Gostaria que a lesse porque esclarece justamente o relacionamento que havia

entre Car e a Srta. Grey.

Poirot pegou a carta. Franklin colocou-se ao lado de meu amigo e leu

em voz alta alguns trechos que indicou com o dedo.

“... as coisas aqui continuam correndo como sempre. Charlotte tem tido

suas dores minoradas na medida do possível. Gostaria que se pudesse fazer

algo mais por ela. Você se lembra de Thora Grey? É uma ótima moça e não

posso dizer-lhe o quanto sua presença me reconforta. Não saberia o que fazer

nesta fase tão difícil não fosse ela. Sua simpatia e dedicação são constantes.

Ela tem bom-gosto e sabe apreciar as coisas belas além de compartilhar da

minha paixão pela arte chinesa. Tive sorte realmente em encontrá-la. Nem uma

filha poderia me servir de companhia tão dedicada e atenciosa. A vida dessa

moça tem sido difícil e nem sempre feliz, mas me sinto contente que agora ela

encontre aqui um lar e uma afeição verdadeira”.

- Como vê – disse Franklin, - *eis* como meu irmão se sentia em relação

a ela. Ele a imaginava como a uma filha. Assim, achei muito injusto que mal

meu irmão morreu, sua esposa praticamente a expulsasse de Combeside! As

mulheres são realmente uns demônios, Sr. Poirot.

- Lembre-se de que sua cunhada está muito doente e sofrida.

- Eu sei. Eis por que guardo certas coisas só para mim. Não se deve

julga-la. Mas, mesmo assim, achei que devia mostrar-lhe a carta.  
Não desejo

134

que tenha uma impressão errada de Thora devido ao que Lady  
Clarke possa

ter dito.

Poirot devolveu-lhe a carta, dizendo com um leve sorriso:

- Posso garantir que nunca me deixo levar por impressões falsas

decorrentes de algo que me é dito. Tenho minha maneira pessoal  
de julgar os

fatos.

- Bem – disse Clarke, guardando a carta. – De qualquer modo,  
estou

contente por ter esclarecido a questão com o senhor. Aí vêm as  
moças. Será

melhor irmos logo.

Assim que deixamos a sala, Poirot me chamou a um canto.

- Está decidido a acompanhar a expedição, Hastings?

- Oh, sim. Não me sentiria bem permanecendo aqui inativo.

- A atividade mental é tão boa quanto a corporal, Hastings.

- Bom, acho que você é melhor nisso do que eu.

- Tem toda razão, Hastings. Estarei certo ao supor que você pretende

servir de cavalheiro para uma das moças?

- Essa é minha intenção.

- E a qual delas você se propõe a honrar com sua companhia?

- Bem... eu... ainda não pensara nisso.

- Que tal a Srta. Barnard?

- Tem um modo de ser muito independente, a meu ver.

- E a Srta. Grey?

- Seria a mais indicada.

- Estou achando você clara e particularmente desonesto! Descubro

agora que durante todo esse tempo só pensou em passar o dia com seu anjo

louro!

- Ora, francamente Poirot!

- Lamento alterar seus planos, mas devo requisita-lo para escoltar outra pessoa.

- Muito bem. Já percebi que você tem um fraco por aquela garota com

um jeito de boneca holandesa.

- Mary Drower é a pessoa que você deve acompanhar, e peço que não

a deixe sozinha um instante.

- Mas por que, Poirot?

135

- Porque, meu caro amigo, o sobrenome dela começa com um D. Não

podemos correr nenhum risco.

Reconheci o acerto de sua observação. De saída me parecera algo forçada, mas então raciocinei que se o ABC tinha um ódio fanático por Poirot,

devia estar bem informado sobre os movimentos e relações do meu amigo. E

nesse caso a eliminação de Mary Drower deveria afeta-lo como um autentico e

contundente quarto golpe.

Prometi então ser merecedor da sua confiança.

Ao sair, vi que Poirot estava sentado numa cadeira perto da janela. À

sua frente uma miniatura de roleta. Ele girou a esfera e quando eu já alcançara

a porta de saída, gritou para mim:

- *Rouge...* isto é um bom presságio, Hastings a sorte está mudando!

CAPÍTULO 24 - (NÃO FAZ PARTE DA NARRATIVA PESSOAL  
DO CAP. HASTINGS)

O Sr. Leadbetter empurrou o corpo mais para trás na poltrona e conteve um resmungo de impaciência quando seu vizinho de fila passou por

ele, roubando-lhe a visão do que se passava na tela. O homem movia-se meio

pesadão, desajeitado e antes de passar por Leadbetter, inclinara-se um pouco

para recolher seu chapéu que ficara numa poltrona em frente.

E isso acontecia logo no momento culminante de *Not a Sparrow*, pleno

de empatia e beleza poética, um filme que o Sr. Leadbetter esperara uma

semana inteira para assistir.

A mocinha do filme, de cabelo dourado, interpretada por Katherine

Royal (na opinião do Sr. Leadbetter a estrela máxima do cinema mundial)

estava justamente dizendo num desabafo cheio de revolta:

- "Nunca. Preferia antes morrer de fome. Mas eu não morrerei de inanição. Grave estas palavras: *nem um só pardal sucumbe assim...*"

O Sr. Leadbetter moveu a cabeça com irritação, da direita para a

esquerda, duas vezes. “Que gente! Por que afinal de contas certas pessoas

não podiam esperar o filme *terminar* para saírem... E se retiravam justamente

no momento de maior impacto espiritual”.

136

Mas finalmente aquele individuo importuno já se afastara. O Sr.

Leadbetter pode, assim, ter uma plena visão da tela, onde aparecia a figura de

Katherine Royal imóvel junto à janela da mansão Van Schreider, em Nova

Iorque.

E na próxima cena a heroína estava tomando o trem, a criança em seus braços... Como eram curiosos os trens americanos, não se pareciam com

os ingleses.

Ah, ali estava Steve de novo em sua cabana nas montanhas...

E o filme se encaminhava rapidamente para seu final emotivo e semi-

religioso.

O Sr. Leadbetter soltou um suspiro, deliciado com o que vira, assim

que as luzes foram acesas. Então ergueu-se, a vista ainda se acomodando à

luz.

Ele nunca deixava o cinema depressa. Sempre levava um minuto ou dois para retornar à realidade prosaica da vida cotidiana.

Olhou de relance à sua volta. Havia pouca gente no cinema naquela tarde. Quase todo mundo fora ver as corridas. O Sr. Leadbetter não gostava de

corridas de cavalo nem de jogar cartas ou de beber e fumar. Assim tinha mais

disposição ainda para desfrutar de seu prazer em ir ao cinema.

Todos se apressavam em sair da sala de exibições. E o Sr. Leadbetter

se dispôs a imita-los. O homem sentado na fila da frente estava adormecido,

derreado na poltrona. O Sr. Leadbetter sentiu-se indignado ao pensar que

havia alguém capaz de dormir durante a projeção de um drama tão emocionante como *Not a Sparrow*.

Foi então que ouviu um cavalheiro bem vestido dizer ao dorminhoco,

cujas pernas, esticadas, lhe estorvavam a passagem:

- Por favor, senhor.

O Sr. Leadbetter já se achava agora próximo da saída. Então olhou

para trás, instintivamente.

Parecia que algo de anormal acontecia na fila onde se achava o dorminhoco. O porteiro... um grupinho de curiosos... Talvez aquele homem que

estivera sentado à sua frente não tivesse adormecido, quem sabe, bebera

demais ou...

137

Hesitou um instante, mas então resolveu sair de vez do cinema. E assim perdeu a ocasião de ver a sensação do dia, bem maior do que a da

vitória de *Not Half*, um azarão que rateara no Grande Prêmio S. Leger uma

pule altíssima.

O porteiro do cinema dizia agora ao cavalheiro elegante:

- Acho que tem razão, senhor... Ele está passando mal... Mas o que é

isso?

O outro olhava agora a sua mão direita meio aturdido. Era visível a mancha de algo viscoso, avermelhado.

- É sangue...

O porteiro soltou uma exclamação abafada pois acabara de ver alguma

coisa de cor amarelada quase embaixo do assento da poltrona, entre as pernas

do pretense dorminhoco.

- Caramba! – exclamou. – *Isto aí é um... ABC!*

## CAPÍTULO 25 - (NÃO FAZ PARTE DA NARRATIVA PESSOAL DO CAP. HASTINGS)

O Sr. Cust saiu do Cine Regal e olhou para o céu.

Um belo anoitecer... Uma noite realmente bela...

E lhe veio à mente uma citação poética de Robert Browning...

“Deus está em Sua morada celestial. Tudo está em ordem”.

Sempre apreciara essa mensagem poética. Só que havia ocasiões,

bem freqüentes, em que ele achava que o conteúdo da mesma não era

verdadeiro...

Continuou caminhando sem pressa pela rua, sorrindo para si mesmo

até chegar ao Cisne Negro onde se hospedara.

Subiu a escada e alcançou seu quarto, pequeno e abafado, no

segundo andar e que dava para um pátio interno cimentado e uma garagem.

Assim que entrou no quarto seu sorriso murchou de repente. Havia uma mancha na manga do seu paletó, perto do punho. Tocou-a de leve: úmida e vermelha... Sangue...

138

Enfiou a mão no bolso e esta pescou uma fina e alongada faca. A lâmina também estava pegajosa e vermelha...

O Sr. Cust ficou ali sentado um longo tempo.

Por uma vez apenas seu olhar, como o de um animal acuado, vagou pelo quarto.

Umedecia sem cessar os lábios ressecados.

- A culpa não foi minha – murmurou.

Era como se estivesse argumentando com alguma pessoa, um menino

suplicando ao diretor da sua escola.

Continuou a passar a língua pelos lábios, angustiado.

Novamente, tateou a manga do casaco.

Seu olhar percorreu então o quarto e parou na bacia.

Um minuto depois já estava derramando a água na bacia com um jarro

fora de moda. Tirando o casaco, pôs-se a lavar a manga com cuidado,

buscando remover a mancha de sangue...

Com horror, viu que a água agora estava avermelhada...

Bateram à porta e ele ficou imóvel, tenso.

A porta foi aberta. Uma mulher moça ainda e gorducha, com uma vasilha na mão.

- Oh, desculpe, senhor. Sua água quente.

Cust se esforçou para dizer algo.

- Obrigado... Mas lavei as mãos com a fria mesmo...

Por que dissera isso? Imediatamente seu olhar pousou na bacia.

Disse depressa, com agitação: - Eu... eu feri minha mão...

Houve uma pausa, na realidade bem longa, até que a moça disse: -

Sim, senhor.

Ela saiu, fechando a porta.

O Sr. Cust ficou imóvel, como se transformado em estátua de pedra.

Permaneceu tenso, à escuta.

Finalmente... Seriam vozes, exclamações abafadas, passos subindo as

escadas?

Nada podia escutar a não ser as batidas de seu próprio coração...

Então, subitamente, saindo de sua imobilidade, passou a agir.

139

Vestiu rapidamente o casaco, foi na ponta dos pés até a porta e abriu-a

. Nenhum ruído exceto o murmúrio dos que conversavam no bar. Alcançou o

alto da escada, movendo-se devagarinho...

Ninguém ali também. Era uma sorte. Desceu a escada. Que caminho

tomaria agora?

Tomou uma decisão rápida, passando depressa pelo corredor e

alcançando logo a porta que dava para o pátio. Dois motoristas estavam ali na

garagem consertando seus carros e discutindo sobre perdas e danos.

O Sr. Cust atravessou rapidamente o pátio e logo ganhava a rua.

Dobrou a primeira esquina à direita, depois à esquerda, de novo à direita...

Correria o risco de ir até a estação?

Mas sim, ali haveria muita gente em movimento, trens especiais e se a

sorte continuasse de seu lado tudo lhe sairia certo...

Se ao menos a sorte estivesse com ele...

## CAPÍTULO 26 - (NÃO FAZ PARTE DA NARRATIVA PESSOAL

### DO CAP. HASTINGS)

O Inspetor Crome ouvia as declarações feitas com grande nervosismo

pelo Sr. Leadbetter.

- Eu lhe asseguro, inspetor, meu coração ameaça parar quando penso

no que houve. *Ele* devia estar sentado ao meu lado durante a projecção!

Crome, indiferente de todo ao comportamento do coração do Sr.

Leadbetter, disse:

- Pode me explicar com clareza o que aconteceu? Aquele homem saiu

quase ao final do grande filme...

- *Not a Sparrow*, com Katherine Royal – murmurou Leadbetter,

automaticamente.

- Ele passou pelo senhor movendo-se desajeitadamente...

- *Simulava* isso, percebo agora. Então inclinou-se sobre a poltrona da

frente para apanhar seu chapéu. Foi quando deve ter apunhalado aquele pobre

homem.

140

- E o senhor não escutou nada? Um grito? Ou um gemido?

O Sr. Leadbetter nada ouvira a não ser a explosão de revolta de

Katherine Royal na pele da heroína do filme, mas com a sua imaginação muito

viva inventou um gemido.

O Inspetor Crome tomou esse gemido em seu valor aparente e convidou Leadbetter a prosseguir.

- E então ele saiu...

- Pode descreve-lo para nós?

- Era bem alto. Uns dois metros. Parecia um gigante.

- Louro ou moreno?

- Bem... não sei exatamente. Acho que era calvo. Um tipo de aspecto

sinistro.

- Por acaso ele era coxo? – indagou o Inspetor Crome.

- Sim, sim, agora que o senhor tocou nisso, acho que ele mancava um

pouco. E era muito moreno, pode ser um mestiço.

- E estava sentado ao lado do senhor antes de começar a sessão?

- Não. Ele chegou depois de começado o filme.

O Inspetor Crome inclinou a cabeça assentindo, pediu ao Sr.

Leadbetter para assinar sua declaração e se viu livre dele.

- Como testemunha não se poderia encontrar outra pior – observou

Crome, com ar pessimista. – Não disse coisa com coisa. Está claro que não

tem a menor idéia da aparência do nosso homem. Vamos ouvir o que o porteiro

do cinema tem para dizer.

O porteiro, muito teso e com pose de militar, entrou e ficou à espera, o

olhar fixado no Coronel Anderson.

- Agora, Jameson, conte-nos o que viu.

- Sim, senhor. A sessão terminara e foi aí que vieram me dizer que

havia um homem passando mal. Ao me aproximar, vi que ele estava afundado

na poltrona. Algumas pessoas olhavam a cena e um senhor bem vestido tocou

o casaco do homem doente, manchando seus dedos de algo que vimos logo

ser sangue, senhor. Estava claro que aquele homem morrera... apunhalado. Aí

minha atenção foi despertada por um guia ABC caído entre os pés do morto.

Achei melhor não tocar em nada e avisei imediatamente a polícia, relatando o

ocorrido.

141

- Muito bem, Jameson. Você agiu corretamente.

- Obrigado, senhor.

- Terá visto um homem sair da fila logo atrás uns cinco minutos antes

de terminar a sessão?

- Vi vários, senhor.

- Poderia descreve-los?

- Sinto que não, senhor. Sei apenas que um deles era o Sr. Geoffrey Parnell. E havia também um moço que conheço, Sam Baker, com sua jovem

esposa. Não notei mais ninguém em especial.

- Uma pena. É tudo, Jameson.

- Sim, senhor.

Jameson saiu depois de uma breve saudação cerimoniosa.

- O legista já nos entregou o seu laudo – disse o Coronel Anderson.

–

Seria bom falarmos com o cavalheiro que chegou a tocar no morto.

Nesse momento um policial entrou na sala, dizendo após perfilar-se diante do coronel:

- O Sr. Hercule Poirot está aqui com um outro senhor.

O Inspetor Crome franziu a testa, comentando:

- Muito bem. Suponho que será melhor recebê-los...

## CAPÍTULO 27 - O CRIME DE DONCASTER

Entrando logo após Poirot, pude ouvir o final do comentário do Inspetor

Crome.

Mas tanto ele como o Comissário-Chefe pareciam preocupados e deprimidos.

O Coronel Anderson cumprimentou-nos com um gesto de cabeça.

- Estou contente que tenha vindo, Sr. Poirot – disse polidamente. Acho

que ele supunha que tínhamos ouvido o comentário meio irônico de Crome. –

Como vê, estamos com a garganta entalada de novo.

- Um outro crime do ABC?

- Sim. Um trabalho um bocado audacioso. Nosso homem só fez inclinar-se sobre uma poltrona e apunhalar a vítima pelas costas.

- Usou outra arma desta vez.

- Sim, ele varia um bocado de métodos, hem? Golpe na cabeça, estrangulamento, agora uma facada. Diabolicamente versátil... Aqui está o

laudo do legista se desejar vê-lo.

Anderson empurrou os papéis sobre a mesa para que Poirot os recolhesse.

- O morto já foi identificado? – indagou Poirot. – Sei que havia um guia

ABC sob o assento da poltrona – acrescentou de imediato.

- Sim. Um ABC voltou a ser encontrado... se isso é motivo de satisfação para nós. O morto chamava-se George Earlsfield e era barbeiro.

- Curioso – observou Poirot.

- Nosso homem pode ter saltado uma letra – sugeriu o coronel.

Meu amigo moveu a cabeça com ar de dúvida.

- Poderíamos fazer entrar a próxima testemunha? – perguntou Crome.

– Ele está ansioso para voltar para casa.

- Sim, sim faça-o entrar.

Um homem de meia-idade parecidíssimo com a rã-lacaio de *Alice no*

*País das Maravilhas* foi introduzido na sala. Estava bastante nervoso e sua voz

vibrava de excitação.

- Foi a experiência mais chocante que já vivi – ele confessou, com voz

meio esganiçada. – Tenho uma deficiência cardíaca, senhor... um coração

muito fraco, podia até ter morrido.

- Seu nome, por favor – disse o inspetor.

- Downes. Roger Emmanuel Downes.

- Profissão?

- Sou professor na Highfield School.

- Agora, Sr. Downes, desejamos que nos conte com suas próprias palavras o que aconteceu no cinema.

- Posso resumir com facilidade o que houve, senhores. Terminada a sessão, eu me levantei. A poltrona à minha esquerda estava vazia, mas a

seguinte permanecia ocupada por um homem aparentemente adormecido. Não

podia passar por ele porquanto estava com as pernas esticadas para a frente.

Pedi-lhe então licença para passar. Como não se movesse, repeti meu pedido

num tom... bem, um pouco mais alto. Nenhuma resposta. Então toquei em seu

143

ombro para despertá-lo. Foi quando seu corpo pendeu para a frente e me dei

conta de que ele estava desmaiado ou seriamente doente. Aí gritei: "Este

homem está passando mal. Chamem o porteiro". Este veio. Assim que eu olhei

minha mão com a qual segurara aquele homem notei que estava pegajosa...

Havia sangue em meu dedos... Vi então que o homem fora apunhalado. No

mesmo instante o porteiro deparou com o guia de trens ABC... Asseguro,

senhores, foi um choque terrível! Podia ter acontecido algo sério comigo! Eu

que há anos sofro de deficiência cardíaca...

O Coronel Anderson estava olhando para o Sr. Downes com uma expressão realmente curiosa. Então observou:

- Pode considerar-se um homem de sorte, Sr. Downes.

- E sou, senhor. Nem tive palpitações!

- Creio que não me entendeu bem, Sr. Downes. Não disse que estava

sentado numa poltrona próxima da ocupada pelo morto?

- Na realidade me sentara primeiro na poltrona ao lado da do homem

assassinado, depois passei para a outra, pois a da frente estava vazia

permitindo-me ver melhor o filme.

- O senhor tem praticamente a mesma constituição e altura do morto,

certo? E estava usando na ocasião um cachecol de lã da mesma forma que

ele, não é assim?

- Não estou percebendo... – começou a dizer o Sr. Downes, confuso.

- Pois estou tentando dizer-lhe, meu amigo, por que o senhor teve sorte. De um modo ou de outro, quando o assassino seguia o senhor, ele

cometeu um engano. Em outras palavras, *ele pegou o homem errado*. Sou

capaz até de comer o meu chapéu, Sr. Downes, se aquela facada não lhe era

destinada!

E apesar de o coração do Sr. Downes ter suportado o teste anterior,

desta vez foi incapaz de evitar fortes palpitações. O professor afundou numa

poltrona, o rosto muito pálido, quase sufocado.

- Água – balbuciou. – Um copo d’água...

Foi logo atendido. Ele bebeu a água e então seu rosto readquiriu a cor

normal.

- Mas eu? Por que eu? – murmurou então.

144

- Porque parece ter sido assim – respondeu Crome. – Na verdade, é a

única explicação plausível para o caso.

- Está querendo dizer que aquele homem... o demônio personificado,

um louco sedento de sangue *me* seguiu ao interior do cinema aguardando a

oportunidade para?...

- Tudo indica que sim.

- Mas em nome de Deus, por que *eu*? – indagou o professor da escola

para rapazes, com ar ofendido.

O Inspetor Crome sentiu-se tentado a responder: “Por que não?”  
Mas

em vez disso, comentou: - Acho que não se pode esperar que um maníaco

tenha razões para fazer o que faz.

- Valha-me Deus! – exclamou o Sr. Downes, quase choramingando.

Levantou-se. Parecia de repente mais velho e alquebrado.

- Se não desejam mais nada de mim, preciso voltar para casa, senhores. Eu... não me sinto muito bem.

- Pode ir em paz, Sr. Downes. Um policial irá acompanhá-lo, apenas para a sua segurança pessoal, já que não se sente bem.

- Oh, não, não é preciso, obrigado.

- Mas pode ser necessário – disse o Coronel Anderson, secamente.

Lançou um olhar disfarçadamente ao inspetor, fazendo-lhe uma pergunta muda. Crome fez um gesto quase imperceptível.

O Sr. Downes retirou-se meio vacilante.

- Positivamente ele não entendeu bem a situação – disse o Coronel Anderson. – Um ou dois homens devem vigiá-lo, certo?

- Sim senhor. O Inspetor Rice já tomou providências. A casa será vigiada.

- O senhor acha que ao dar pelo seu engano o ABC tentará um novo golpe? – perguntou Poirot.

- Existe tal possibilidade – disse Anderson. – Esse ABC parece ser um

sujeito metódico. O fato de que as coisas não tenham saído de acordo com o

programa deverá transtorna-lo.

Poirot moveu a cabeça pensativo.

- Se pudéssemos contar com uma descrição desse indivíduo – disse o

Coronel Anderson, irritado. – Agora estamos mais no escuro do que antes.

- Ele vai aparecer – disse Poirot.

- Pensa assim? Bem, é possível. Mas que diabo, será que ninguém chegou a pôr os olhos no rosto desse sujeito?

- Tenha paciência.

- Parece muito confiante, Sr. Poirot. Há algum motivo para esse otimismo?

- Sim, Coronel Anderson. Até agora o assassino não cometera um erro.

Agora vê-se forçado a cometer outro.

- Se isso é tudo que tem a dizer... – começou o Coronel Anderson, com

certa mordacidade, mas foi interrompido nesse instante.

- Sr. Ball, do Cisne Negro, está aqui com uma mocinha, senhor – disse

um policial. – Ele afirma que tem algo a dizer que poderá ajuda-los.

- Pois faça-os entrar. Precisamos mesmo de ajuda.

O Sr. Ball, do hotel Cisne Negro, era um homem corpulento, de

movimentos e reflexos um pouco lentos. Cheirava a cerveja de longe. Com ele

estava uma moça gordinha, olhando para tudo ali com evidente nervosismo.

- Espero não me intrometer ou roubar seu precioso tempo – disse o Sr.

Ball, com uma voz grossa, arrastada. – Mas esta pequena, a Mary, garante ter

alguma coisa para contar que interessará aos senhores.

Mary riu baixinho, com ar inibido.

- Bem, minha jovem, de que se trata? – indagou Anderson. – Qual é seu nome?

- Mary, senhor, Mary Stroud.

- Está bem, Mary, agora conte o que sabe.

Mary buscou seu patrão com o olhar.

- Faz parte do serviço dessa garota levar água quente ao quarto dos hóspedes – disse o Sr. Ball, vindo em auxílio da jovem. – No momento temos

doze cavalheiros no hotel. Alguns vieram para as corridas e outros são

caixeiros-viajantes.

- Sim, sim – disse Anderson, impaciente.

- Vamos, pequena – insistiu o Sr. Ball. – Conte sua história. Não há motivo para ficar com medo.

Mary suspirou, tomou fôlego e com a voz meio travada começou a

contar:

146

- Bati na porta e como não obtivesse resposta, esperei um instante.

Não devia ter entrado a menos que o hóspede me autorizasse, mas como não

houve resposta quando insisti, resolvi abrir a porta que não estava fechada à

chave. E aí eu o vi lavando as mãos... – A garota fez uma pausa, meio

ofegante devido ao nervosismo.

- Continue, minha jovem – disse Anderson.

Mary arriscou um olhar para seu patrão, meio indecisa, mas ele a

animou com um aceno de cabeça e ela prosseguiu no mesmo tom excitado:

- “Trouxe sua água quente, senhor”, eu disse, mas ele respondeu: - “Eu

me lavei com a fria mesmo”, então, naturalmente, olhei para a bacia, e... Oh,

meu Deus, *a água estava toda vermelha!*

- Vermelha? – exclamou Anderson, vivamente.

Ball ajudou novamente a garota:

- Ela me disse que o hóspede tirara o paletó e segurava a manga que

estava molhada... não foi assim, garota?

- Sim, senhor, foi o que vi. – E acrescentou com precipitação: - O rosto

dele... Oh, senhor, estava muito esquisito, com um olhar que me deu medo.

- E quando foi isso? – perguntou Anderson, bruscamente.

- Se estou bem lembrada, por volta de cinco e quinze.

- Há três horas atrás – resmungou Anderson. – Por que não veio logo

procurar-nos?

- Não soube dessa história na hora – retrucou Ball. – Só quando ouvi

algo a respeito de um novo crime é que a Mary, muito nervosa, me contou o

incidente, senhor. Ela falou que a água da bacia estava suja de sangue. Bem,

eu não confiei muito na história e fui verificar. Não havia ninguém no quarto do

tal hóspede. Andei fazendo perguntas e um dos rapazes lá da garagem me

disse que vira um sujeito sair apressado do hotel. A descrição conferia. Então

disse para Mary que devia ir à polícia. Ela não gostou muito da sugestão,

estava muito nervosa e aí me prontifiquei a acompanhá-la.

O Inspetor Crome apanhou uma folha de papel e, fitando a mocinha,

disse:

- Descreva o tal homem. Seja clara e breve, não há tempo a perder.
- Era de estatura normal, meio encurvado e usava óculos.
- Como estava vestido?

147

- Com um terno preto e um chapéu mole de feltro. Sua roupa parecia

surrada.

Pouco mais ela conseguiu acrescentar a esses dados.

O Inspetor Crome não quis ir além no interrogatório, pois seria inútil. Os

telefones da central de entraram logo em ação, mas nem o inspetor nem o

delegado mostravam-se muito otimistas.

Crome focalizou o detalhe de que o homem não levava nenhuma valise ou embrulhos quando fora visto saindo do hotel.

- Assim, há uma chance ainda – ele comentou.

Dois policiais foram enviados ao Cisne Negro.

O Sr. Ball, com ar de quem se sente orgulhoso e importante, e Mary, ainda assustada, acompanharam-nos.

Um dos agentes voltou dez minutos depois.

- Eu trouxe o livro de registro de hóspedes, senhor – Aqui está a assinatura do tal homem.

Todos nós olhamos o livro. A letra era miúda e apertada, nada fácil de

ler.

- A B. Case... ou será Cash? – disse Anderson.

- ABC – murmurou Crome, de modo significativo.

- E quanto à bagagem? – perguntou Anderson.

- Uma valise de bom tamanho, senhor, cheia de caixas pequenas de papelão.

- Caixas? Com o que dentro?

- Meias, senhor. Meias de seda.

Cromo voltou-se para Poirot e disse:

- Meus parabéns. Seu palpite estava certo.

CAPÍTULO 28 - (NÃO FAZ PARTE DA NARRATIVA PESSOAL DO CAP. HASTINGS)

O Inspetor Crome estava em sua sala na Scotland Yard.

O telefone sobre a sua mesa soou sem muito ruído e ele atendeu logo.

148

- É o Jacobs, inspetor. Aqui está um rapaz que me contou algo que o

senhor talvez goste de ouvir.

O inspetor suspirou. Diariamente umas vinte pessoas em média apareciam ali com alguma pretensa informação importante sobre o caso ABC.

Alguns eram simplesmente tipos desequilibrados, outros, criaturas bem

intencionadas que acreditavam realmente que tinham algo útil a informar. Era

dever do Sargento Jacobs agir como uma peneira humana, retendo o material

imprestável e selecionando o que parecia aproveitável para o inspetor.

- Muito bem, Jacobs – disse Crome. – Mande-o entrar.

Pouco depois batiam à porta do inspetor e o Sargento Jacobs entrava,

acompanhando um rapaz alto, de aparência razoável.

- Este é o Sr. Tom Hartigan, chefe. Ele tem informações que talvez tragam algum esclarecimento sobre o caso ABC.

O inspetor ergueu-se e, com amabilidade, apertou a mão do rapaz.

- Bom dia, Sr. Hartigan. Não quer sentar-se? Fuma? Quer um cigarro?

Tom Hartigan sentou-se meio desajeitado, olhando com certo temor respeitoso aquele homem que catalogara mentalmente como "um dos manda-

chuvas". Mas logo as maneiras aparentes do inspetor o desapontaram um

pouco. Parecia uma pessoa tão comum!

- Agora vamos – disse Crome. – Tem algo a nos contar e acha que servirá para ajudar-nos a esclarecer o caso. Pois vá em frente.

Tom começou a falar meio nervoso.

- Bem, pode ser que não valha a pena. É apenas uma idéia minha.

Talvez esteja roubando seu tempo.

O Inspetor Crome suspirou de novo, discretamente. Que tempo enorme

tinha de perder para animar as pessoas a falar!

- Quem pode julgar melhor isso, somos nós aqui. Vamos aos fatos, Sr.

Hartigan

- Bem, senhor, o caso é o seguinte. Eu namoro uma jovem, sabe, e a

mãe dela aluga quartos. Lá pelos lados de Camden Town. O quarto dos

fundos, no segundo andar, fora alugado por um ano a um homem chamado

Cust.

- Cust...

149

- Exato, senhor. Um tipo de meia-idade com um jeito de quem já apanhou muito da vida, meio confuso e caladão. Dessas pessoas que nunca

matariam uma mosca, o senhor sabe... e eu nunca pensaria que ele fosse

capaz de fazer algo ruim se não tivesse acontecido uma coisa que achei muito

estranha.

E de um modo algo enrolado e se repetindo com freqüência, Tom descreveu seu encontro casual com o Sr. Cust na estação de Euston e o

incidente do bilhete perdido.

- Como o senhor pode observar, de qualquer modo que se encare o fato, não deixa de ser divertido. Lily, a minha garota, afirmou que ele se referira

a Cheltenham, e sua mãe confirma isso. Ela se recorda distintamente de terem

falado nisso na manhã em que ele partiu. Naturalmente, não prestei muita

atenção a esse detalhe na ocasião. Lily, minha pequena, disse recear que Cust

fosse vítima desse tal ABC ao ir a Doncaster, e falou também que havia muita

coincidência no fato de Cust ter estado perto de Churston por ocasião do crime

anterior. Rimos e lhe perguntei então se ele por acaso não estivera em Bexhill

anteriormente, e ela respondeu não saber exatamente se Cust estivera lá, mas

que fora a um balneário, disso tinha certeza. Foi aí que eu comentei com ela a

hipótese dele ser o próprio ABC. Uma piada, é claro. Ela falou que o pobre Sr.

Cust não mataria uma mosca, e a coisa morreu aí. Não pensamos mais no

assunto. Pelo menos da maneira como eu tinha feito até ali. Depois comecei a

matutar sobre esse tal Cust e pensei que, afinal de contas, inofensivo como ele

parecia, devia ser um bocado biruta.

Tom parou para tomar fôlego, e então prosseguiu. O Inspetor Crome

agora já o ouvia com interesse.

- E aí aconteceu esse crime em Doncaster, senhor, e li nos jornais que

se buscava informações sobre o paradeiro de um certo A B. Case ou Cash. A

descrição desse indivíduo combinava bastante com a de nosso amigo. Dei um

pulo na pensão e perguntei a Lily se ela sabia as iniciais do nome todo do Sr.

Cust. Ela não soube me dizer, mas sua mãe se lembrou que eram A B. Aí

fomos mais longe no assunto e imaginamos então se Cust não teria estado em

Andover por ocasião do primeiro assassinato. Bem, o senhor sabe que não é

fácil rebuscar coisas passadas há três meses atrás. Tivemos uma trabalhadeira,

mas acabamos tendo sorte no final, porque um irmão da Sra. Marbury viera do

150

Canadá para visitá-la justamente no dia 21 de junho. Ele chegou

inesperadamente e sua irmã quis providenciar um quarto para alojá-lo na

pensão. Aí Lily sugeriu que Bert poderia ficar no dos fundos já que o Sr. Cust

*estava ausente.* Mas a Sra. Marbury não concordou, achando que não estaria

agindo direito com seu inquilino, ela que sempre gosta de proceder com

franqueza e honestidade. Mas graças a esse pequeno incidente, e ao fato do

barco de Bert Smith estar ancorado em Southhampton naquela data,

chegamos a um bom resultado.

O Inspetor Crome escutara com muita atenção, tomando uma ou outra

anotação. Então indagou:

- É tudo?

- Sim, senhor. Espero que não tenha tomado seu tempo à toa com algo

que talvez não signifique nada. – E Tom enrubesceu ligeiramente.

- Não de todo. Você agiu certo vindo aqui. Naturalmente, a margem de

evidência é pequena, essas datas podem significar uma simples coincidência

assim como a questão do nome, também. Mas certamente merece meu

interesse em ter uma conversa com esse Sr. Cust. Ele está em casa agora?

- Sim, senhor.

- Quando voltou?

- Na noite do crime de Doncaster.

- E que esteve fazendo desde então?

- Ele fica em casa a maior parte do tempo, senhor. E anda com um ar

muito esquisito, segundo a Sra. Marbury. Compra um monte de jornais, deita-

se bem cedo depois de lê-los, naturalmente, e pela manhã bem cedo sai para

comprar os matutinos. A Sra. Marbury nos contou também que ele fala um

bocado sozinho. Ela acha que o Sr. Cust está ficando meio gira.

- Qual é o endereço da Sra. Marbury?

Tom disse onde ficava a casa da mãe de sua namorada e Crome

observou:

- Obrigado pela informação. Possivelmente cuidarei do assunto ainda

hoje. Não preciso recomendar-lhe cuidado e discrição se estiver com esse Sr.

Cust.

Crome levantou-se, imitado pelo rapaz e trocaram um aperto de mão.

151

- Acredite que fez o que devia fazer vindo procurar-nos. Bom dia, Sr. Hartigan.

Pouco depois que o rapaz saiu, Jacobs voltou a entrar na sala de seu

superior, perguntando:

- E então, senhor? Achou boas as informações?

- São promissoras – retrucou o inspetor. – Isto é, se os fatos são realmente como o rapaz expôs. Ainda não conseguimos nada junto aos

fabricantes de meias. Já era tempo de tentar outra coisa. Por falar nisso, traga-

me o dossiê do caso de Churston.

Jacobs gastou alguns minutos procurando o que seu chefe pedira.

- Sim, é este. O que eu queria está aqui, entre os depoimentos prestados à polícia de Torquay. Um jovem chamado Hill. Declarou que deixava

o Torquay Palladium após a exibição do filme *Not a Sparrow* quando sua

atenção foi despertada por um homem que se comportava de modo esquisito.

Falava sozinho. Hill o ouviu dizer: "Eis aí uma boa idéia". Esse filme não é o

que estava passando no Cine Regal de Doncaster?

- Sim, senhor.

- Isso pode significar alguma coisa. Às vezes trata-se apenas de uma

simples impressão... mas é possível que a idéia do *modus operandi* para seu

próximo crime surgisse então na mente de nosso homem. Vejo que temos o

nome completo desse Hill e seu endereço. A descrição que fez do tal homem é

vaga, mas se encaixa muito bem nas descrições feitas por Mary Stroud e por

Tom Hardigan...

Jacobs assentiu, pensativo.

- Talvez estejamos animados agora, quem sabe se com razão, pelo

fato de que esse homem tenha se mostrado sempre reservado, meio estranho.

- Alguma ordem, senhor?

- Coloque dois homens vigiando essa casa de Camden Town, mas que

não façam nosso pássaro voar. Eu terei uma conversinha com esse A C.

Pensei em ir lá porque achei mais acertado do que trazer esse Cust aqui e

perguntar-lhe se gostaria de prestar declarações. Isto daria a impressão de que

estávamos prontos para engaiola-lo.

Tom Hartigan acabara de se encontrar com Lily Marbury que ficara esperando por ele.

152

- Foi tudo bem, Tom?

O rapaz assentiu, explicando:

- Falei com o próprio Inspetor Crome. É quem está encarregado do caso.

- Como é ele?

- Um bocado tranqüilo e cheio de maneirismos, não faz meu tipo de detetive.

- Esse é o novo modelo de Lorde Trenchard – disse Lily, com um toque

de respeito na voz. – Alguns deles são de primeira. Bem, o que ele falou?

Tom fez um rápido resumo do encontro.

- Então acham que foi realmente ele?...

- Pensam que deve ser. Seja como for, o inspetor me disse que lhe farão algumas perguntas.

- Pobre Sr. Cust.

- Não fica bem ter pena do Sr. Cust, garota. Se ele é o ABC, cometeu

quatro terríveis assassinatos.

Lily suspirou e balançou a cabeça.

- Isso me parece horrível.

- Bom, agora vamos voltar e tomar um bom lanche, querida. Já pensou

se minhas suspeitas estiverem certas e meu nome sair nos jornais?

- Oh, Tom, será mesmo?

- Melhor ainda. O seu nome também vai aparecer e o de sua mãe. E tenho um palpite de que seu retrato será publicado, também.

- Que bacana, Tom! – E Lily pendurou-se no braço do namorado, deliciada com a idéia.

- E nesse meio tempo o que me diz de comermos algo no *Córner House*?

Lily aconchegou-se ainda mais ao rapaz, exclamando:

- Então vamos logo!

- Certo. Espere apenas um minuto. Devo telefonar da estação.

- Para quem?

- Para uma garota com quem eu ia me encontrar...

153

Lily afastou-se dele bruscamente, mas pouco depois desistia de andar

sozinha e se juntava ao rapaz, meio sem jeito por levar a sério uma brincadeira.

- Agora, falemos sério, Tom – ela disse, enfiando o braço no dele de novo. – Fale mais sobre sua visita à Scotland Yard. Não viu aquele outro lá?

- De quem está falando?

- Do cavalheiro belga. Aquele a quem o ABC escreve sempre.

- Não. Ele não estava lá.

- Bem, me conte mais coisas. Que aconteceu quando você estava lá dentro? Quem o atendeu e o que você disse?

O Sr. Cust depôs o fone no gancho com delicadeza.

Voltou-se então para a Sra. Marbury que estava parada à porta de um

dos quartos, morta de curiosidade, evidentemente.

- Não é sempre que recebe telefonemas, não, Sr. Cust?

- Não... mesmo, Sra. Marbury.

- Espero que não sejam más notícias...

- Não... não. – Como era insistente aquela mulher. Então arriscou um

olho para as manchetes do jornal que segurava.

Nascimentos... Casamentos... Mortes...

- Minha irmã acaba de ter um bebê – foi a saída que o Sr. Cust encontrou.

Ele... que nunca tivera irmãs!

- Oh, meu Deus! Agora... bem, isso é ótimo, sem dúvida. (“Ele nunca

mencionou essa irmã em todos esses anos”, foi o que ela pensou. “E ainda

pensam que esse homem!...”) Fiquei surpresa, confesso ao senhor, quando

aquela senhora me pediu para falar com o “Sr. Cust”. No primeiro minuto, tive a

impressão de estar ouvindo a voz da minha Lily, era muito parecida, realmente,

mas acredite que senti uma espécie de euforia no ar. Bem, Sr. Cust, aceite

meus parabéns sinceros. É o primeiro, ou o senhor já tem outros sobrinhos?

- Este é o primeiro e o único que já tive ou gostaria de ter, e... agora

acho que devo viajar. Eles... eles devem estar me esperando lá.  
Eu... eu penso

que ainda dá para apanhar o próximo trem se me apressar.

- Pretende ficar muito tempo fora, Sr. Cust? – perguntou a Sra. Marbury

quando ele já subia a escada.

154

- Oh, não... dois ou três dias apenas.

O Sr. Cust entrou em seu quarto. A Sra. Marbury entrou na cozinha, pensando, sentimental como era, naquela “pobre e gentil criatura”.

Sentiu uma ponta de remorso na consciência ao lembra-se de algo.

Na noite passada Tom e Lily e toda aquela busca e conferência de

datas! Tentando provar que o Sr. Cust era aquele monstro horrível, o ABC.

Apenas por causa de suas iniciais e devido a algumas poucas coincidências.

“Espero que eles não estejam levando isso a sério”, pensou a Sra.

Marbury, buscando despreocupar-se. “E agora confio em que se envergonhem

do que imaginaram”.

De uma maneira muito íntima e inexplicável, o fato do Sr. Cust ter dito

que sua irmã tivera um filho removera efetivamente quaisquer dúvidas

porventura alimentadas pela Sra. Marbury, de boa fé, acerca de seu inquilino.

“Espero que ela não tenha tido problemas com o parto, pobrezinha”,

pensou a Sra. Marbury, ainda sentimental, testando a temperatura do ferro com

a ponta do dedo úmido antes de passar a blusa de seda de Lily.

Sua mente aquietou-se quando o rumo de seus pensamentos fixou-se

em coisas mais corriqueiras.

Enquanto isso, o Sr. Cust descia silenciosamente a escada, maleta na

mão. Seu olhar pousou um instante no telefone sobre a mesinha.

Aquela curta conversa de há pouco ainda ecoava em sua mente.

- É o Sr. Cust quem fala? Penso que gostaria de saber que um inspetor

da Scotland Yard pretende ir aí conversar com o senhor...

O que ele respondera então? Não conseguia se lembrar...

Sim, dissera ao telefone algo assim:

- Obrigado... muito obrigado, minha querida... foi muito gentil da sua

parte...

Por que ela lhe telefonara? Seria possível que tivesse adivinhado?  
Ou

então apenas desejara sugerir que ele devia permanecer em casa  
aguardando

a visita do inspetor?

Mas como ela sabia que o tal inspetor viria?

E a sua voz... ela a disfarçara ao falar com a mãe.

Parecia... sim, parecia que ela já *estava a par...*

155

Era bem possível, pensou o Sr. Cust. As mulheres são muito  
estranhas. Cruéis e ternas de uma maneira insuspeitada e  
repentina. Uma vez

ele já vira Lily livrar um rato de uma ratoeira.

Uma garota gentil...

Uma gentil e bonita jovem...

Parou perto do grande armário do hall com sua carga de guarda-  
chuvas e casacos.

Poderia...?

Um leve ruído vindo da cozinha o levou a decidir-se...

Não, não daria tempo...

A Sra. Marbury poderia voltar à sala e...

Abriu a porta da rua, deu um passo à frente e fechou-a as suas costas...

Para onde?...

## CAPÍTULO 29 - NA SCOTLAND YARD

Nova reunião.

Presentes o Comissário-Assistente, o Inspetor Crome, Poirot e eu.

O C.A. estava dizendo no momento:

- Uma boa sugestão de sua parte, Sr. Poirot, essa de checar os que negociam com meias.

Poirot fez um gesto largo com as mãos, retrucando:

- Era o mais aconselhável. Esse homem não poderia ser um representante ou vendedor comum. Ele vendia os artigos diretamente sem nenhum vínculo com alguma firma.

- Obteve algo de positivo nesse sentido, inspetor?

- Acho que sim, senhor. – Crome consultou uma pasta. – Devo fazer um apanhado da situação até hoje?

- Sim, faça isso, por favor.

- A verificação que fiz incluiu inicialmente Churston, Paignton e

Torquay. Obtive uma relação de pessoas que ele visitou para vender meias.

Devo dizer que esse homem agiu de modo muito meticuloso. Hospedou-se no

156

Pitt, um pequeno hotel próximo da Torre Station. Na noite do crime retornou ao

hotel às dez e trinta. Pode ter tomado um trem em Churston às 9 e 57,

chegando a Torre às dez e vinte. Ninguém pôde descreve-lo, pois não se

fixaram nele no trem ou na estação. Mas naquela sexta-feira foi disputada a

Regata de Dartmouth e os trens que vinham de Kingswear estavam praticamente lotados.

- Em Bexhill ocorreu quase o mesmo. Registrou-se no Hotel Globo com

o seu próprio nome. Procurou vender meias em cerca de doze casas, incluindo

a da Sra. Barnard e a lanchonete *Ginger Cat*. Deixou o hotel no começo da

noite. Chegou de volta a Londres por volta de onze e trinta da manhã seguinte.

Em Andover procedeu da mesma forma. Alojou-se no Feathers. Tentou vender

as meias à Sra. Fowler, moradora da casa vizinha da Sra. Ascher, e a meia

dúzia de pessoas na rua. O par comprado pela Sra. Ascher eu obtive da sua

sobrinha (de nome Mary Drower) e são idênticas às do estoque do Sr. Cust.

- Até aqui muito bem – disse o C. A .

- Para apurar uma informação que recebi – continuou o inspetor – fui

ao endereço fornecido a mim por Hartigan, mas soube que Cust saíra dali uma

meia hora antes. Recebera um telefonema, segundo me informaram. Foi a

primeira vez que ele recebeu um telefonema desse tipo, me contou a dona da

casa.

- Terá um cúmplice? – insinuou o Comissário-Assistente.

- Muito improvável – disse Poirot. – É curioso que... a menos...

Todos nós o olhamos interrogativamente, mas ele não prosseguiu e

balançou a cabeça, levando o inspetor a prosseguir a leitura do dossiê.

- Revistei meticulosamente o quarto ocupado por Cust. Essa busca serviu para eliminar quaisquer dúvidas que ainda existissem. Encontrei um

bloco de papel de carta semelhante ao usado para as cartas de aviso, um bom

sortimento de artigos de malha, meias principalmente, e... no fundo do armário

onde estavam guardadas as meias, havia um pacote quase do mesmo formato

e tamanho mas com outro conteúdo, como verifiquei logo ao abri-lo. Ali

estavam *oito exemplares novos do guia ABC!*

- Uma prova concludente – disse o C. A .

- Descobri algo mais, também – retrucou o inspetor, cuja entonação de

voz mostrou-se de repente quase humana, na minha opinião, com ar triunfante.

157

– Só descobri isso esta manhã, senhor. Não tinha tido tempo ainda para anota-

lo. Não havia nem sinal daquela faca no quarto...

- Seria uma atitude imbecil guardar a arma do crime ali – observou

Poirot.

- Afinal de contas, ele não é uma criatura racional – observou o

inspetor. – Seja como for, me ocorreu que ele podia muito bem ter trazido a

arma para casa e aí então, intuindo ser perigoso guarda-la ali – como o Sr.

Poirot observou – no seu quarto, procurou escondê-la em outra parte. Que

lugar da casa escolheria? Encontrei logo a resposta. O *guarda-roupa do hall*,

ninguém costuma removê-lo. Sendo uma peça muito pesada tive dificuldade

em afastá-la da parede... E lá estava o que procurava! Não havia dúvida

alguma. Estava manchado de sangue ressecado.

- Bom trabalho, Crome. – disse o C. A . – Só precisamos de mais uma

coisa agora.

- Qual?

- Apanhar esse homem.

- Nós o pegaremos, senhor. Não se preocupe.

O inspetor falava com autoconfiança.

- Que tem a dizer, Sr. Poirot?

Poirot pareceu emergir de um sonho.

- Perdão, não ouvi bem o que dizia.

- Estávamos dizendo que a prisão do nosso homem é pura questão de

tempo, agora. Concorda conosco?

- Ah, era isso... sim. Sem dúvida alguma.

Estava tão abstraído que todos ali o olharam curiosos.

- Alguma coisa o preocupa, Sr. Poirot?

- Há algo que me preocupa e muito. Trata-se do *por que? O motivo.*

- Mas meu caro amigo, o homem é louco varrido – disse o Comissário-

Assistente, com certa impaciência.

- Entendo o que o Sr. Poirot quer dizer – observou Crome, vindo em seu socorro cortesmente. – Ele está certo. Uma obsessão definida está por trás

disso tudo. Acho que encontraremos a raiz do problema num complexo de

inferioridade exacerbado. Pode tratar-se, também, de mania de perseguição, e

158

nesse caso talvez visse o Sr. Poirot como um de seus perseguidores. Ele pode

ter a impressão de que o Sr. Poirot é um detetive contratado para caça-lo.

- Hum – murmurou o C. A . – Essa é maneira de explicar as coisas em

moda hoje em dia. No meu tempo se um homem era louco é porque era

mesmo e não se procurava usar termos científicos para disfarçar o fato.

Imagino que um médico de agora venha a sugerir-nos a internação de um

homem como esse ABC numa clínica psiquiátrica, dizendo-nos que após uns

quarenta e cinco dias de tratamento e repouso ele poderá reintegrar-se

normalmente à sociedade.

Poirot sorriu, mas não retrucou.

A reunião terminara.

- Bem, - disse o C. A . – Como já disse o Crome, prender esse homem

é mera questão de tempo.

- Já o teríamos agarrado antes se não fosse um sujeito de aparência

tão comum. Por causa disso chegamos a importunar pessoas absolutamente

inofensivas.

- Gostaria de saber onde ele se encontra neste momento – disse o

Comissário-Assistente.

CAPÍTULO 30 - (NÃO FAZ PARTE DA NARRATIVA PESSOAL

DO CAP. HASTINGS)

O Sr. Cust parou perto de uma quitanda.

Olhou para o outro lado da rua.

Sim, era ali.

*Sra. Ascher. Vendedora de revistas e cigarros...*

Na janela via-se uma tabuleta: *Aluga-se.*

Vazia...

Sem vida...

- Desculpe, senhor.

Era a mulher do quitandeiro, procurando apanhar uns limões.

O Sr. Cust se desculpou, saindo do caminho.

Lentamente pôs-se a caminhar, agora na direção da rua principal...

159

Era difícil, muito difícil mesmo a sua situação já que estava sem dinheiro...

Não ter comido nada durante aquele dia todo fazia-o sentir-se muito

esquisito e meio tonto...

Seu olhar esbarrou num cartaz afixado numa lojinha onde se vendiam

jornais e revistas.

“O caso ABC. Assassino Ainda Está Solto. Entrevistas com o Sr.

Hercule Poirot”.

O Sr. Cust monologou:

- Hercule Poirot. Será que ele sabe...

Afastou-se dali. Não devia ficar parado olhando aquele cartaz...

Pensou:

- Não tenho mais saída...

Pé ante pé... que estranho seu modo de caminhar...

Altamente ridículo...

Mas, afinal de contas, o homem é um animal ridículo...

E ele, Alexander Bonaparte Cust, era particularmente grotesco.

Sempre fora...

As pessoas costumavam rir dele...

E não podia censura-las por isso...

Aonde estava indo? Não sabia. Chegara ao fim da linha. Não olhava agora para outra coisa a não ser seus pés.

Caminhava como se flutuasse.

Olhou para cima. Luzes piscando à sua frente. E o letreiro...

Distrito policial.

- É engraçado – murmurou o Sr. Cust. Esboçou um risinho frouxo.

Então deu alguns passos à frente. Subiu os poucos degraus e já ia

entrar na delegacia quando cambaleou e caiu desmaiado.

160

## CAPÍTULO 31 - HERCULE POIROT INTERROGA

Era um dia de novembro de céu claro. O Dr. Thompson e o Inspetor-Chefe Japp tinham vindo informar a Poirot o resultado do inquérito policial

movido contra Alexander Bonaparte Cust.

Estando muito gripado, Poirot não pudera comparecer aos interrogatórios e à audiência preliminar. Felizmente ele não exigira que eu o representasse.

- Ele será enviado a julgamento. Eis o que ficou decidido – disse-nos

Japp.

- E não lhe será facultado o direito de defesa? Sempre pensei que fosse assim nessa fase do processo.

- É o procedimento usual nesses casos, realmente – retrucou Japp.  
—

Suponho que o jovem promotor Lucas queira apressar as coisas. Afinal de

contas, insanidade é uma única alegação que a defesa pode apresentar nesse

caso.

Poirot deu de ombros, observando então:

- Alegar insanidade não absolve ninguém. No passado certas prisões

para deleite de Suas Majestades pouco diferiam da morte.

- Imagino que Lucas receie que ainda haja uma chance para Cust.

Com um álibi de primeira classe para o crime de Bexhill, o caso poderia sofrer

certa reviravolta. Mas acho também que ele ignora a força de nossas provas

contra esse homem. Seja como for, Lucas adora esses casos originais. É moço

e deseja impressionar a opinião pública, promover-se.

Poirot voltou-se para Thompson.

- Qual a sua opinião, doutor?

- Sobre Cust? Palavra de honra que não sei o que dizer. Está atuando

como um tipo normal de maneira até bem convincente. Mas é um epilético,

naturalmente.

- Que desfecho surpreendente o desse caso! – observei.

- Refere-se à entrada de Cust na delegacia de Andover e ao seu

desmaio? Sim, foi um final realmente dramático para o caso. Aliás, o ABC

sempre planejou com requinte o efeito que seus atos causariam.

161

- É possível cometer-se um crime e não se ter consciência de havê-lo

consumado? – perguntei então. – Afinal as negativas de Cust parecem conter

boa dose de autenticidade.

O Dr. Thompson deu um leve sorriso, retrucando:

- O senhor não deve deixar-se levar por frases meio teatrais do tipo “Eu

juro por Deus que sou inocente”. Na minha opinião, *Cust sabe perfeitamente*

*que cometeu esses crimes.*

- Embora, como é comum nesses casos, o prisioneiro negue com veemência sua culpa – acrescentou Japp.

- Assim, segundo o senhor – disse Poirot – é perfeitamente possível que um indivíduo sujeito a ataques epiléticos e lapsos cometa certas ações em

estado de sonambulismo e não tenha, depois, consciência de tê-las praticado.

Mas é do consenso geral que um tal ato “não deva contrariar a vontade da

referida pessoa quando desperta”.

E ele passou a debater a questão, falando do *grand mal* e do *petit mal*

e, para ser franco, me deixou muito confuso, como acontece comumente

quando uma pessoa culta se aprofunda num assunto que lhe é familiar.

- Contudo, não concordo com a teoria de que Cust cometeu esses

crimes sem saber que os praticava. Ainda se poderia aceitar tal teoria se não

houvesse as cartas. Estas derrubam tal teoria pela base. Elas demonstram

premeditação e um cuidadoso planejamento do crime.

- E sobre essas cartas ainda não temos nenhuma explicação –

concluiu Poirot.

- Isso lhe interessa tanto assim?

- Naturalmente, já que foram escritas para mim. E sobre essas mesmas

cartas, Cust nem se manifesta. Até que descubra a razão dela me terem sido

endereçadas, não considero esse caso resolvido.

- Bem, dentro do seu ponto de vista posso entender tal atitude. Mas não haverá nenhum motivo para acreditar que esse homem tenha algo contra o

senhor de algum modo?

- Absolutamente.

- Tenho uma sugestão a fazer. Seu nome, por exemplo.

- Meu nome?

162

- Sim. Cust carrega – aparentemente devido ao capricho de sua mãe,

não me surpreenderia se se tratasse aqui do complexo de Édipo – dois nomes

de batismo extremamente pretensiosos: Alexandre e Bonaparte. Percebe as

implicações? Alexandre o Grande, figura histórica de conquistador do mundo e

supostamente invencível. Bonaparte, o grande imperador da França. Assim se

poderia dizer que ele aspira a um adversário, um adversário, digamos, de sua

classe. Bem... o senhor tem o nome de um gigante mitológico, Hércules.

- Suas palavras são muito sugestivas, Dr. Thompson. Despertam

idéias...

- Oh, trata-se apenas de uma sugestão. Bom, eu devo ir agora.

O Dr. Thompson retirou-se, mas Japp ficou mais um pouco.

- Essa questão do álibi o preocupa? – indagou Poirot.

- Um pouco – admitiu o inspetor. – Compreenda, não acredito nele, pois sei que não é verdadeiro. Mas vai ser o diabo para invalidá-lo. Esse

Strange é um osso duro de roer. Muito obstinado.

- Diga-me como ele é.

- Um quarentão, persistente, autoconfiante, presunçoso e engenheiro

de minas. Para mim, foi ele quem insistiu para que tomassem a termo seu

testemunho agora. Está com viagem marcada para o Chile. Assim, espera ver

a coisa resolvida logo.

- É uma das pessoas mais categóricas que já conheci – eu comentei.

- O tipo de homem que não gostaria de admitir um equívoco seu - disse

Poirot, com ar pensativo.

- Ele se aferra à sua versão e não admite ser interrompido com

argumentações contrárias. Jura por tudo que há de mais sagrado que

encontrou Cust no Hotel Whitecross, em Eastbourne, na noite de 24 de julho.

Estava sozinho e desejava ter alguém com quem bater um papo. Pelo que já

pude observar, Cust é o tipo do ouvinte ideal. Não interrompe ninguém! Após o

jantar, ele e Cust jogaram dominó. Parece que Strange era um craque nesse

jogo, mas, para sua surpresa, Cust mostrou-se também um hábil e apaixonado

praticante do dominó. Estranho jogo esse. Tem gente que é louca por ele. São

capazes de ficar jogando horas a fio. E foi o que Strange e Cust aparentemente

fizeram. Cust quis retirar-se para dormir, mas Strange não o permitiu e jura que

só se recolheram à meia-noite. Na verdade, afirma Strange, despediram-se

163

com um boa noite dez minutos após a meia-noite. E se Cust estava no

Whitecross em Eastbourne à meia-noite e dez da manhã do dia 25, obviamente

não poderia ter estrangulado Betty Barnard na praia de Bexhill entre meia-noite

e uma da madrugada.

- É, o problema parece realmente insuperável. – disse Poirot, pensativo. – Decididamente, isso dá o que pensar.

- É o que tem acontecido com Crome – observou Japp.

- Esse Strange é muito objetivo?

- Sim. É taxativo e obstinado, ficando realmente difícil descobrir onde

está o ponto fraco de seu testemunho. Supondo-se que Strange esteja

equivocado e o tal homem não fosse Cust, por que então ele *afirma* ser este o

nome de seu parceiro de dominó? E a assinatura no livro de registro do hotel

está correta. Não se poderia dizer que houve um cúmplice, maníacos

homicidas não os têm! Teria a jovem morrido mais tarde? O médico legista

mostrou-se categórico em seu laudo, e seja como for, não daria tempo para

que Cust deixasse o hotel de Eastbourne sem ser visto por ninguém e dirigir-se

a Bexhill, a cerca de quatorze milhas dali...

- Sim, isso é um problema – disse Poirot.

- Naturalmente, de uma maneira estrita, a acusação ainda fica de pé.

Nós prendemos Cust pelo assassinato de Doncaster, fundamentados em

provas como o casaco manchado de sangue, a arma do crime; não há

escapatória. Ninguém poderia levar nenhum júri a declara-lo inocente. Ele fica

isento apenas do cometimento de um dos crimes. Mas cometeu o de

Doncaster, o de Churston e o de Andover. Então, com mil diabos, ele *deve* ter

consumado o assassinato de Bexhill também. Mas o caso é que eu não vejo

como!

Japp balançou a cabeça e acrescentou:

- Essa é a sua oportunidade, Sr. Poirot. Crome está no escuro. Ponha

em ação essa sua excelente massa cinzenta, de que tanto já ouvi falar. Mostre-

nos como ele pôde fazer isso.

E o inspetor se retirou.

- Que me diz dessa história, Poirot – perguntei então. – Essas

pequenas e úteis células cerebrais estarão aptas a decifrar o problema?

Poirot respondeu a minha pergunta com outra indagação:

164

- Diga-me, Hastings, considera esse caso encerrado?

- Bem... sim, praticamente está. Já pegaram o homem. E há muitas provas. Restam apenas os remates.

- Então o caso está terminado. Qual! O caso é o *homem*, Hastings. Até

que tenhamos conhecido tudo sobre o homem, o mistério permanece tão

denso como antes. Não se pode cantar vitória só porque o colocamos atrás das

grades!

- Conhecemos um bocado de coisas sobre ele.

- Não sabemos realmente nada! Sabemos apenas onde ele nasceu.

Que esteve na guerra, recebeu um leve ferimento na cabeça e foi desligado do

exército devido à epilepsia. Sabemos que esteve como inquilino da Sra.

Marbury nos últimos dois anos. Que era quieto e reservado, o tipo de homem

que ninguém nota. Sabemos que ideou e levou avante um hábil esquema de

assassinato sistematizado. Que cometeu alguns erros incrivelmente tolos. E

que matou suas vítimas de modo impiedoso, atroz. Sabemos também que não

deixou, generosamente, que a culpa dos crimes por ele cometidos recaísse

sobre qualquer outra pessoa. Se ele esperava matar sem ser molestado então

seria fácil fazer outras pessoas sofrerem por seus crimes. Hastings, não

percebe que esse homem é uma massa de contradições? Simplório e astuto,

cruel e magnânimo, *e que deve haver algum fator dominante que reconcilie*

*suas duas índoles?*

- Se você o encara como objeto de um estudo psicológico, é claro...  
—

comecei a dizer.

- E qual foi outro senão este o caminho adotado nesse caso desde o início? Até agora estive apalpando o terreno, tentando *conhecer realmente o*

*assassino*. E agora, Hastings, eu vejo *que não o conheço de fato!*  
Estou

desorientado.

- A ânsia por poder... – eu comecei a dizer.

- Sim, isso explicaria um bocado de coisas... Mas não me satisfaz.  
Há

coisas que desejo saber. *Por que* ele cometeu esses crimes? *Por que*  
escolheu

particularmente essas pessoas como suas vítimas?...

- A ordem alfabética... – lembrei.

165

- Betty Barnard era, por acaso, a única pessoa em Bexhill cujo  
nome

começava por B? Betty Barnard... Acaba de me surgir uma idéia...  
Deve ser

verdade, sim deve ser verdade. Mas nesse caso...

Fez uma longa pausa e não quis interromper suas reflexões. E para  
ser

franco, acho que até acabei cochilando.

Despertei ao toque da mão de Poirot em meu ombro.

- *Mon cher* Hastings – me disse com carinho. – Meu anjo da guarda.

Fiquei muito confuso com essa repentina mostra de estima.

- É verdade – insistiu Poirot. – Você sempre me ajuda, me traz  
sorte. E

me inspira.

- E posso saber qual foi a inspiração desta vez?

- Enquanto me fazia certas indagações a mim mesmo me lembrei de

uma observação sua, Hastings, um comentário muito leve sobre algo bastante

simples e claro. – Já lhe disse certa vez que você tem um talento especial para

enunciar o que é óbvio. E foi justamente esse óbvio que deixei de lado até aqui.

- Qual foi essa brilhante observação de minha autoria?

- Ela torna tudo claro como cristal. Entrevejo as respostas a todas as

minhas indagações. A razão da morte da Sra. Ascher, que na verdade, cheguei

a vislumbrar há tempos, o motivo para a eliminação de Sir Carmichael Clarke, a

razão do crime de Doncaster, e por fim algo sumamente importante, *o motivo*

*em relação a Hercule Poirot.*

- Poderia ter a gentileza de me explicar?

- Não agora. Preciso primeiro de mais uma pequena informação. E

poderei obtê-la de um dos membros de nossa Legião Especial. Aí então...

*quando tiver conseguido a resposta a uma certa indagação, irei ver o ABC.*

Estarão frente a frente por fim ABC e Hercule Poirot... os adversários.

- E então?

- E então... teremos uma conversa! – retrucou Poirot. – *Je vous assure,*

Hastings, nada é tão perigoso do que uma conversa *para alguém que tem*

*algo a esconder!* Como me disse certa vez um velho e sábio francês, a fala é

uma invenção do homem para impedi-lo de pensar. E é também um meio

infalível de se descobrir o que ele deseja ocultar. Um ser humano, Hastings,

não pode resistir diante da oportunidade que uma conversa lhe dá de se

166

revelar e expressar sua personalidade. Cada vez ele revelará mais coisas e se

deixará trair.

- Que espera que Cust lhe diga?

Hercule Poirot sorriu e respondeu:

- Uma mentira! E, por meio dela, saberei a verdade!

## CAPÍTULO 32 - POIROT CAÇA UMA RAPOSA

Durante os próximos três dias Poirot andou muito ocupado. Saia sem

dizer aonde ia, falava muito pouco, mergulhado em suas reflexões, e se

recusava firmemente a satisfazer minha natural curiosidade sobre a idéia

luminosa que, segundo ele, eu lhe inspirara, mas que agora parecia coisa do

passado.

Não fui convidado acompanhá-lo em nenhuma de suas misteriosas

idas e vindas, fato este que de certo modo me magoou.

Já no fim da semana, contudo, ele me disse que pretendia fazer uma

visita a Bexhill e arredores e sugeriu que eu o acompanhasse. Não é preciso

dizer que aceitei com grande alegria o convite.

Mas esse convite, como descobri logo, não se estendera a mim

apenas. Os membros de nossa Legião Especial também foram convidados.

Tanto quanto eu, eles estavam intrigados com o pedido de Poirot. No

entanto, ao final do dia, eu teria de qualquer modo uma noção do rumo seguido

pelos pensamentos de Poirot.

Primeiro ele visitou o casal Barnard e obteve uma informação exata da

mãe de Megan acerca da hora em que o Sr. Cust batera à sua porta para

vender meias e o que ele dissera. Depois foi ao hotel onde Cust se hospedara

de passagem e conseguiu uma descrição pormenorizada da sua saída dali.

Pelo que pude observar, nenhum fato novo resultara dessas investigações,

mas Poirot parecia muito satisfeito.

A seguir Poirot foi à praia, observar de perto o trecho exato onde o

corpo de Betty Barnard fora encontrado. Pôs-se então a andar em círculos por

alguns minutos, observando a areia atentamente. Não consegui ver a utilidade

disso, já que a maré cobria o local duas vezes por dia.

167

Já me habituara, contudo, em meu convívio com Poirot, a perceber que

suas ações eram comumente ditadas por uma idéia, por mais absurdas que

viesses a parecer.

E agora eu o via caminhar da praia ao ponto mais próximo em que um

carro poderia estacionar. Dali voltou de novo ao local onde os ônibus de

Eastbourne faziam ponto antes de deixarem Bexhill.

Finalmente ele nos levou ao *Ginger Cat*, onde tomamos um chá já meio

velho servido pela gorducha garçonete, Milly Higley.

Poirot cumprimentou a garota usando um linguajar galês meio preciosista e aludindo aos seus tornozelos.

- As pernas das inglesas... são sempre tão finas! Mas, você, *mademoiselle*, tem pernas perfeitas. Têm forma... têm um charme!

Milly Higley riu baixinho, dengosa e lhe disse para não exagerar. Ela sabia da fama dos "franceses".

Poirot não se incomodou com a troca de nacionalidade e nem corrigiu a

garota. Meu velho amigo belga lançou um olhar tão malicioso para a jovem que

eu até me senti surpreso e quase chocado.

- *Voilà* – disse Poirot – já terminei a minha visita a Bexhill. Agora irei a

Eastbourne. Apenas para uma breve investigação. É desnecessário que vocês

todos me acompanhem. Antes voltaremos ao hotel e tomaremos um drinque.

Esse chá Carlton daqui é abominável!

Quando já saboreávamos um uísque. Franklin Clarke disse de modo curioso:

- Acho que podemos imaginar o que está pretendendo. Procura

invalidar aquele álibi de Cust. Mas só não posso entender por que está tão

satisfeito. Afinal não conseguiu apurar nada de novo que justifique tal atitude.

- Não consegui, é verdade.

- Bem, então?

- Paciência. Tudo se consegue, no devido tempo.

- Parece contente consigo mesmo, de certo modo.

- Nada até agora contradisse uma pequena idéia que eu tive, eis o motivo da minha satisfação.

Sua expressão se fez mais séria ao dizer:

168

- Meu amigo Hastings me contou certa vez que, quando jovem,

praticara um jogo chamado A Verdade. É um jogo onde a cada um dos

participantes são feitas três perguntas, duas das quais devem ser respondidas

com toda a sinceridade. A terceira poderia ser excluída dessa obrigatoriedade.

Claro que tais perguntas eram as mais indiscretas possíveis. Mas para entrar

no jogo todos tinham que jurar que só diriam a verdade, nada mais que a

verdade.

Poirot fez uma pausa.

- Bem? – disse Megan.

- *Eh bien...* eu desejo jogar esse tipo de jogo. Apenas não será

necessário formular três perguntas. Uma será suficiente. Uma pergunta para

cada um de vocês.

- Nós responderemos, naturalmente – disse Clarke, impaciente.

- Ah, mas para mim isso tem um cunho mais sério. Todos vocês juram

dizer a verdade?

Aquilo fora dito com expressão tão solene que os demais, intrigados,

assumiram um ar sério também. E todos prestaram o juramento solicitado.

- *Bon* – disse Poirot, incisivo. – Podemos começar...

- Estou pronta – disse Thora Grey.

- Ah, primeiro as damas... mas desta vez deixemos a cortesia de lado.

Começaremos de outra maneira. – E voltou-se para Franklin, perguntando: -

Que acha, *mon cher* Sr. Clarke, dos chapéus usados pelas senhoras elegantes

em Ascot nesta temporada?

Franklin Clarke ficou olhando-o curioso.

- Isso é uma brincadeira?

- Certamente que não.

- Então faz a pergunta a sério?

- Sim.

Clarke sorriu ao retrucar:

- Bem, Sr. Poirot, não estive realmente em Ascot, mas pelo que pude

notar ao vê-las em seus carros, as mulheres usavam este ano chapéus muito

mais interessantes do que os modelos que usam comumente.

- Extravagantes?

- Completamente.

Poirot sorriu e dirigiu-se então a Donald Fraser.

- Quando tirou suas férias deste ano, *monsieur*?

Foi a vez de Fraser expressar surpresa.

- Minhas férias? Na primeira quinzena de agosto.

Fraser contraiu os lábios. Imaginei que a pergunta lhe trouxera à mente

a perda da jovem a quem amara.

Mas Poirot não pareceu prestar muita atenção à resposta do rapaz.

Voltou-se para Thora Grey e aí notei alguma diferença em sua entonação.

Tornara-se mais premente. A pergunta soou incisiva e clara:

- *Mademoiselle*, na eventualidade da morte de Lady Clarke, aceitaria

ter-se casado com Sir Carmichael, se ele lhe pedisse?

A moça protestou com veemência.

- Como ousa me fazer tal pergunta. Isso é... é insultante!

- Talvez. Mas como jurou dizer a verdade. *Eh bien...* Sim ou não?

- Sir Carmichael comportava-se maravilhosamente bem comigo e foi

muito bom para mim. Tratava-me como se eu fosse sua filha. E era assim que

eu me sentia em relação a ele, afeiçoada e reconhecida.

- *Pardon*, mas ainda não respondeu sim ou não, *mademoiselle*.

Ela hesitou, antes de replicar:

- Claro que a resposta é não!

Poirot não fez comentários. Disse apenas:

- Obrigado, *mademoiselle*.

Voltou-se a seguir para Megan Barnard, cujo rosto estava muito pálido.

Estava meio tensa como se estivesse se submetendo a uma prova.

A voz de Poirot soou como o estalo de um chicote.

- *Mademoiselle*, na sua opinião que resultado terão as minhas investigações? Deseja que eu descubra a verdade... ou não?

Aprumou a cabeça com altivez. Eu estava praticamente seguro quanto

a sua resposta. Sabia que Megan tinha uma paixão quase fanática pela

verdade.

Por isso mesmo, sua resposta em tom claro e firme me deixou estupefato.

- Não!

A surpresa foi geral. Poirot inclinou-se um pouco, observando-a com atenção.

- *Mademoiselle* Megan – disse por fim Poirot, - pode rezear a verdade,

mas *ma foi*, deve dizer-la!

Voltou-se então para a porta e aí, recuperando a serenidade, disse a

Mary Drower.

- Diga-me, *mon enfant*, tem um namorado?

Mary, que parecia apreensiva, olhou-o inquieta e meio corada.

- Oh, Sr. Poirot. Eu... bem, não estou bem certa disso.

Ele sorriu.

- *Alors c'est bien, mon enfant.*

Olhou então para mim, dizendo:

- Agora iremos a Eastbourne, Hastings.

O carro estava à nossa espera e logo seguíamos pela estrada costeira

que leva a Eastbourne passando por Pevensey.

- Valeria a pena perguntar algo a você agora?

- Não neste momento, Hastings. Tente tirar suas próprias deduções como estou fazendo.

Mergulhei em silencio.

Poirot, que parecia contente consigo mesmo, pôs-se a cantarolar

baixinho uma toada. Ao passarmos por Pevensey, ele sugeriu uma parada para

que pudéssemos ver de perto o castelo.

Quando voltávamos para o carro, paramos um instante para observar

um grupo de crianças – escoteiras de oito a onze anos, como deduzi pela sua

disciplina mesmo ao brincar – que cantavam uma modinha, com suas vozes

finas e meio desafinadas...

- O que a letra quer dizer, Hastings? Não consigo apanhar o sentido das palavras.

Prestei mais atenção até gravar o refrão:

*"... E cacei uma raposa,*

*colocando-a numa caixa.*

*E nunca a deixei escapar."*

- "E cacei uma raposa, colocando-a numa caixa, colocando-a numa caixa e nunca a deixei escapar!" repetiu Poirot.

Sua expressão tornara-se de repente grave e severa.

- Isso é realmente terrível, Hastings. – Fez uma pausa antes de acrescentar: - Caçam raposas aqui?

- Não sei. Nunca tive condições para me dedicar à caça. E acho que não há muito para se caçar nesta parte do mundo.

- Me referia à Inglaterra de modo geral. Eis um estranho esporte. Fica-

se à espera num lugar coberto e então ouve-se o grito do caçador ao avistar a

raposa, não é assim?... E a corrida começa, através do campo, sobre cercas e

valas, e atrás da raposa lá se vão todos... algumas vezes a raposa se esquivava,

mas os cachorros...

- Cães de caça!

- ... os cães de caça seguem sua pista, e por fim a apanham e ela morre... rápida e horrivelmente.

- Suponho que seja cruel, mas na realidade...

- A raposa se diverte com isso? Não diga *bêtises*, meu amigo. *Tout de*

*même*, é melhor isso do que o tipo de morte sutil e cruel descrita na modinha

cantada por essas crianças...

- Ser encerrada numa caixa, para sempre... Não, isso não é nada bom,

sem dúvida.

Poirot assentiu com um gesto de cabeça. Então disse, em outro tom:

- Amanhã, farei uma visita a esse Cust. – E acrescentou para o motorista: - Volte para Londres.

- Mas não íamos a Eastbourne? – exclamei.

- Para que? Já sei bastante a respeito do que me interessava.

### CAPÍTULO 33 - ALEXANDER BONAPARTE CUST

Não estive presente à entrevista de Poirot com aquele estranho homem

chamado Alexander Bonaparte Cust. Graças à sua ligação com a polícia e às

circunstâncias incomuns do caso ABC, Poirot não teve dificuldades em obter

uma autorização do Ministério do Interior, mas essa permissão não se estendia

à minha pessoa, e era essencial também, na opinião de meu amigo, que tal

entrevista fosse estritamente confidencial.

No entanto, Poirot me fez um relato tão detalhado do que se passara

entre eles, que agora descrevo esse encontro como se o tivesse presenciado.

O Sr. Cust parecia ter encolhido de repente. A curvatura de seu corpo

acentuara-se. Não parava com as mãos e seus dedos deslizavam mecanicamente pelo paletó.

Imagino que, por alguns instantes, Poirot nada dissesse.

Sentado, ele fitava o homem à sua frente.

O clima era repousante, de efeito calmante, cheio de ilimitada despreocupação...

Deve ter sido um momento dramático, o do encontro dos dois adversários do longo drama. Se estivesse no lugar de Poirot, eu teria sentido o impacto dramático.

Mas Poirot era essencialmente prático, realista. E agora estava interessado em causar um certo efeito sobre o homem sentado diante dele.

Por fim, Poirot perguntou delicadamente:

- Sabe quem eu sou?

Cust moveu a cabeça em negativa.

- Não, eu não sei. A menos que seja o... como chamam mesmo?  
auxiliar do Sr. Lucas. Ou talvez venha da parte do Sr. Maynard?

(Maynard e Cole eram os defensores públicos.)

Seu tom de voz era cortês, mas sem revelar interesse. Parecia imerso

em profunda abstração.

- Eu sou Hercule Poirot...

Poirot emitiu tais palavras suavemente e aguardou a reação de Cust.

O prisioneiro ergueu um pouco a cabeça.

- Oh, sim?

Soltou tal exclamação de modo tão natural como o faria o Inspetor Crome, mas sem o toque de arrogância comum neste.

Então um minuto após, ele repetiu:

- Oh, sim? – Mas dessa vez com entonação diferente, denotando um interesse recém-despertado. Ergueu a vista e fitou Poirot.

Hercule Poirot sustentou aquele olhar e moveu a cabeça suavemente

duas vezes.

- Sim. Sou o homem a quem você escreveu as cartas.

De súbito o contato foi rompido. O Sr. Cust baixou a vista e retrucou,

com irritação e impaciência:

- Nunca lhe escrevi nada. Essas cartas não foram escritas por mim. Já

estou cansado de repetir isso.

- Eu sei – disse Poirot. – Mas se não as escreveu, quem foi então?

- Um inimigo. Devo ter um inimigo. Estão todos contra mim. A polícia...

todo mundo está contra mim. É um gigantesco complô.

Poirot não replicou.

Aí o Sr. Cust acrescentou:

- De qualquer modo todos têm me hostilizado... sempre.

- Mesmo quando era criança?

O Sr. Cust pareceu refletir antes de responder:

- Não... não exatamente nessa fase. Minha mãe me queria muito. Mas

era ambiciosa, demais até. Eis por que me pôs esses nomes próprios ridículos.

Ela alimentava certa idéia absurda de que eu seria uma figura de grande

renome neste mundo. Estava sempre me inculcando essa idéia... falando que

querer é poder... dizendo que qualquer um podia ser dono de seu destino...

enfim, ela dizia que eu podia fazer tudo!

Fez uma pausa, antes de prosseguir:

- Ela estava inteiramente equivocada, é claro. Percebi isso por mim mesmo desde cedo. Não era o tipo de pessoa destinada a vencer na vida.

Estava sempre cometendo tolices, tornando minha própria figura ridícula. E eu

era tímido, tinha receio das pessoas. Passei um mau pedaço na escola, os

garotos caçoavam de meus prenomes, costumavam me apoquentar ao repeti-

los... E me saí muito mal na escola: nos jogos, no estudo e tudo mais.

Balançou a cabeça e continuou suas confidências.

- Para minha mãe foi até uma felicidade que tivesse morrido cedo. Ela

teria ficado muito desapontada... Mesmo quando já freqüentava o Curso

Comercial me mostrei medíocre; custei mais a aprender taquigrafia e

datilografia do que qualquer outra pessoa. E no entanto não *me sentia* como

um ignorante, o senhor me entende?

Lançou um súbito apelo com o olhar para seu ouvinte.

- Entendo o que está dizendo – disse Poirot. – Prossiga.

174

- Veio-me justamente aquela impressão de que todos me  *julgavam* estúpido. Uma sensação muito inibidora. E aconteceu a mesma coisa quando

fui trabalhar num escritório.

- E tal sentimento prosseguiu durante a guerra? – indagou Poirot.

O olhar do Sr. Cust se iluminou de repente.

- O senhor sabe, eu apreciei a guerra. Tive então uma experiência diferente. Senti-me, pela primeira vez, como um homem igual aos outros.

Estávamos todos na mesma enrascada. E eu era tão bom ali como qualquer

outro.

Seu leve sorriso logo desapareceu.

- E então sofri aquele sofrimento na cabeça. Coisa leve. Mas eles descobriram que eu era sujeito a convulsões... Eu sempre sentira, é claro, que

havia ocasiões em que não sabia bem o que estava fazendo. Lapsos de

memória, o senhor sabe. E, naturalmente, por uma ou duas vezes sofrera

esses acessos. Mas não acho realmente que deviam me dar baixa por causa

disso. Não, penso que não foi direito.

- E mais tarde? – perguntou Poirot.

- Consegui um lugar de vendedor numa loja. Naturalmente que para começar, servia. E eu já me sentia melhor após a guerra. Mas não consegui

progredir como esperava. Na hora das promoções era sempre passado para

trás. Não saía do mesmo lugar. As coisas foram ficando cada vez mais

difíceis... principalmente quando ocorreu a depressão. Para ser franco, tive que

me esforçar bastante para me manter vivo – e o senhor sabe que um indivíduo

que lida com o público tem que se mostrar apresentável. Foi quando me surgiu

aquela oportunidade como vendedor de meias. Ganharia um salário e

comissões!

Poirot disse suavemente:

- Mas deve saber, claro, que a firma da qual o senhor se diz

empregado, nega esse fato?

O Sr. Cust enervou-se novamente.

- É por que estão conspirando também contra mim... devem fazer parte

da trama.

Tomou fôlego antes de acrescentar:

175

- Eu recebi um documento que vale como prova do que digo. Tenho cartas que eles me enviaram, dando-me instruções sobre os lugares aonde eu

devia ir e uma lista de possíveis fregueses.

- Mas não se trata de cartas *escritas* do próprio punho e sim *batidas* à

*máquina*. Não tem valor como prova.

- É a mesma coisa. Naturalmente as cartas expedidas por uma grande

firma de artigos manufaturados são datilografadas.

- O senhor não sabe que uma máquina de escrever pode ser identificada? Todas aquelas cartas foram batidas numa certa máquina.

- Que tem isso?

- E essa máquina era sua... a única que foi encontrada em seu quarto.

- Ela me foi enviada por essa mesma firma quando comecei a trabalhar para eles.

- Sim, mas essas cartas foram remetidas *depois*. Sendo assim, tem-se

a impressão, não acha, de *que você mesmo as redigiu e depois as expediu*

*para si mesmo?*

- Não, não! Isso tudo faz parte do complô contra mim!

Nova pausa e então o Sr. Cust acrescentou de repente:

- Além do mais, as cartas deles *devem* ser escritas no mesmo tipo de

máquina.

- Da mesma *marca*, mas não exatamente a mesma máquina que foi encontrada com o senhor.

O Sr. Custo repetia obstinadamente:

- Isso é um complô!

- E os exemplares do guia ABC que foram achados no armário?

- Nada sei sobre eles. Pensei que todas aquelas caixas só contivessem meias.

- Por que assinalou o nome da Sra. Ascher naquela primeira lista de pessoas a visitar em Andover?

- Porque resolvi começar por ela. É preciso começar por algum lugar.

- Sim, isso é verdade. *É preciso começar por algum lugar.*

- Não disse nesse sentido! – retrucou o Sr. Cust. – Não quis dizer o que

o senhor está imaginando!

- *Então sabe o que estou pensando?*

176

O Sr. Cust não replicou. Estava muito agitado.

- Eu não fiz isso! Sou inteiramente inocente! Estão todos enganados.

Veja, por exemplo, o segundo crime... o de Bexhill. Eu estava jogando dominó

em Eastbourne na ocasião. Tem que admitir!

Sua entonação de voz denotava animação agora.

- Sim – disse Poirot. Sua voz era serena, macia. – Mas é tão fácil, não

concorda, cometer um engano quanto a datas? E no caso de um homem tão

obstinado e incisivo como o Sr. Strange, ele nunca admitiria a possibilidade de

se ter equivocado. É o tipo de homem a que se aplica a frase: O que eu digo

você pode assinar em baixo... E quanto ao livro de registro do hotel, é fácil

colocar a data errada quando se está assinando... e provavelmente não se

dará pelo engano na ocasião.

- Eu estive jogando dominó naquela noite!

- Acredito que jogue muito bem dominó.

O Sr. Cust ficou um pouco sensibilizado com tal observação.

- Eu... eu... bem, creio que sim.

- É um jogo muito absorvente, não é mesmo? E exige muita

habilidade?

- Oh, há um bocado de jogadas a fazer, muitas! Costumávamos jogar

umas partidas lá na cidade, na hora do lanche. O senhor ficaria surpreso com o

número de curiosos que se juntam para apreciar uma partida de dominó.

Riu baixinho, mais para si mesmo.

- Me lembro de um homem, que nunca esqueci por causa de algo que

me disse. Nós trocamos algumas palavras enquanto tomávamos café e logo

depois o assunto dominó era abordado. Bem, depois de uns vinte minutos, era

como se já conhecesse aquele homem há anos.

- E que foi que ele lhe contou de especial? – perguntou Poirot.

Uma sombra passou pelo olhar do Sr. Cust antes que respondesse:

- Ele fez uma espécie de profecia... muito sombria. Falou dessa história

de o nosso destino estar escrito em nossa mão. Ele mostrou-me a sua e as

linhas que indicavam que escaparia duas vezes de morrer afogado. E

realmente escapara duas vezes de perecer dessa forma. Então me fitou e

pediu para ler minha mão. Disse coisas surpreendentes. Falou que antes de

morrer eu me tornaria um dos homens mais conhecidos da Inglaterra. Declarou

177

que o país inteiro falaria a meu respeito. Mas também disse que... –  
Aí a voz

lhe faltou.

- Sim?

O olhar de Poirot tinha um sereno magnetismo. O Sr. Cust fitou-o, desviou a vista e voltou a olhá-lo como um coelho hipnotizado.

- Ele disse... disse que as linhas da minha mão pareciam indicar que eu

morreria de morte violenta. Aí riu e acrescentou: "Quase se pode imagina-lo

sendo enforcado", e então voltou a rir e disse que se tratava apenas de uma

brincadeira...

Cust calou-se de repente. Seu olhar libertou-se do de Poirot e tornou-

se esgazeado.

- Minha cabeça, ela me incomoda demais... as dores que sinto nela são

por vezes muito fortes. E há ocasiões em que não sei de mim... e quando isso

acontece...

Baixou a cabeça, arrasado.

Poirot inclinou-se para a frente e falou com suavidade, mas bastante

persuasivo:

- *Mas você sabe, não sabe, que cometeu aqueles crimes?*

O Sr. Cust ergueu os olhos. Seu olhar era agora claro e direto. Toda a

resistência que mantivera até ali desaparecera. Seu olhar era estranhamente

sereno agora.

- Sim – murmurou. – Eu sei.

- Mas, tenho razão ou não em pensar que você *não sabe* por que *os cometeu?*

O Sr. Cust moveu sua cabeça, respondendo:

- Não, eu não sei.

#### CAPÍTULO 34 - POIROT ESCLARECE O CASO

Estávamos todos sentados, ansiosos para ouvir a explicação definitiva

de Poirot do caso ABC.

- Desde o princípio – começou Poirot – me preocupei com o *porque* desses crimes. Outro dia, Hastings me disse que o caso estava encerrado. E

178

eu repliquei que o caso era o homem! O mistério *não era o enigma desses*

*assassinatos*, mas sim o *mistério do ABC*. O motivo que o levara a cometer

esses crimes. Por que ele *me* escolheu como seu adversário?

Não constituía uma resposta válida dizer-se que esse homem era mentalmente desequilibrado. Declarar que um homem faz coisas insensatas

porque é louco denota falta de inteligência e idiotice. Um louco é tão lógico e

racional em suas ações como um homem mentalmente *são, isso de acordo*

*com seu ponto de vista peculiar e retorcido.* Por exemplo, se um homem insiste

em sair à rua ou ficar sentado numa espécie de cela, de cócoras, usando

apenas uma túnica branca, sua conduta parecerá a de um excêntrico. Mas se

soubermos *que tal indivíduo está firmemente convicto de ser o Mahatma*

*Gandhi*, aí então seu modo de proceder parecerá perfeitamente racional e

lógico.

O que se fazia necessário nesse caso era imaginar uma mente assim

constituída *que fosse lógica e racional para poder cometer quatro ou mais*

*crimes* e anuncia-los previamente através de cartas escritas a Hercule Poirot.

Meu amigo Hastings deve ter dito a vocês que a partir do momento em

que recebi a primeira carta, me senti inquieto e preocupado. Achei que havia

alguma coisa errada, fora de lugar naquela mensagem.

- Estava inteiramente certo – disse Franklin Clarke, secamente.

- Sim. Mas foi ali, naquele limiar do caso, que cometi um grave erro.

Permiti que meu sentimento de estranheza, aliás bem forte, a respeito da carta,

ficasse relegado a uma mera impressão momentânea. Eu a encarei como se

tivesse sido uma simples intuição. E numa mente bem equilibrada, racional,

não há lugar para coisas como uma intuição, um palpite inspirado!  
*Podemos*

supor, naturalmente, e uma suposição ou um palpite podem estar certos ou

não. Se der certo aí a chamaremos de intuição. Se não for correta então

ninguém tocará no assunto de novo. Mas o que se *denomina*  
*comumente*

*intuição é na realidade uma impressão baseada na dedução lógica*  
*ou*

*experiência.* Quando um perito sente que há algo errado em relação a um

quadro, uma peça de mobiliário antigo ou assinatura aposta a um cheque, ele

está apoiando realmente essa percepção numa série de pequenos indícios e

detalhes. Não tem nenhuma necessidade de se aprofundar em minúcias – sua

experiência lhe permite isso – pois resulta claro *a impressão bem definida de*

179

*que alguma coisa ali está errada.* Mas não se trata de uma *suposição*, mas sim

de uma impressão baseada na experiência.

*Eh bien*, reconheço que não encarei aquela primeira carta como

deveria fazê-lo. Sentia-me realmente desconcertado. A polícia a encarou como

uma mistificação. Quanto a mim, levei-a muito a sério. Estava convencido de

que o crime ocorreria em Andover como fora anunciado. Como sabem, um

crime *requer* um local.

Não havia meios então, como pude perceber, de saber quem era a

*pessoa* que cometera a proeza. O único caminho a meu dispor seria o de tentar

compreender que tipo de pessoa teria feito aquilo.

Disponha de algumas indicações. A carta, o estilo do crime, a pessoa

assassinada. O que eu tinha de descobrir era o motivo do crime, o motivo

daquela carta.

- Ânsia de publicidade – sugeriu Clarke.

- Certamente um complexo de inferioridade disfarçado – acrescentou

Thora Grey.

- Foi essa, naturalmente, a orientação que parecia mais óbvia. Mas, por

que fui *eu* o alvo? *Por que Hercule Poirot?* A promoção poderia ser bem maior

se ele tivesse enviado as cartas para a Scotland Yard. E mais ainda se as

endereçasse a um jornal. Este não iria publicar a primeira carta, mas com a

consumação do segundo crime, o ABC teria obtido toda a publicidade que a

imprensa pudesse empreender. Por que, então, escolher Hercule Poirot? Seria

por alguma razão *pessoal*? Na carta era possível notar-se um leve de

hostilidade contra os estrangeiros, mas não o suficiente para me satisfazer

como explicação do caso.

Então veio a segunda carta, a que se seguiu o assassinato de Betty Barnard, em Bexhill. Tornou-se claro, então – como eu já havia suspeitado –

que os crimes deviam consumir-se de acordo com o sistema alfabético, mas

tal fato, que pareceu decisivo para a maioria das pessoas, não alterou a

questão principal para mim. Por que o ABC *precisava* cometer esses crimes?

Megan Barnard moveu-se em sua cadeira, dizendo:

- Não seria por algo assim como... uma sede de sangue?

Poirot voltou-se para a moça, observando:

180

- Tem razão, *mademoiselle*. *Existe* tal coisa. Mas essa vontade

irresistível de matar não explica adequadamente os aspectos deste caso. Um

maníaco homicida que anseia matar, comumente deseja eliminar o *maior*

*número possível de vítimas*. É um desejo *mórbido* recorrente. A aspiração

maior de um criminoso desse tipo é *encobrir seus rastros*, e não *anuncia-los*.

Quando ponderamos acerca das quatro vítimas selecionadas – ou pelo menos

três, já que conheço muito pouco sobre os Srs. Downes e Earlsfield –

chegamos à conclusão de que se *as tinha escolhido*, o assassino podia ter

dado sumiço nelas sem incorrer em qualquer suspeita. Franz Ascher, Donald

Fraser ou Megan Barnard, e possivelmente o Sr. Clarke, seriam estas as

pessoas de quem a polícia deveria suspeitar, mesmo se não fosse possível

obter uma prova conclusiva. Não se teria pensado num maníaco homicida

desconhecido! Por que, então, o assassino achou necessário chamar a

atenção sobre sua pessoa? Havia necessidade de deixar junto a cada um dos

cadáveres um exemplar do guia de trens ABC? Era essa a compulsão?

Haveria algum complexo associado com *o guia ferroviário*?

Achei inteiramente inviável por esse prisma *penetrar na mente do*

*assassino*. O motivo não poderia ser de algum modo certa magnanimidade?

Talvez o desgosto por ver que a responsabilidade do crime recairia sobre uma

pessoa inocente?

Embora eu não conseguisse resposta para a indagação principal, achei

que estava aprendendo algumas coisas a respeito do criminoso.

- Tais como? – perguntou Fraser.

- Para começar, ele tinha uma mente de tabulador. Seus crimes foram

planejados segundo uma progressão alfabética, obviamente importante para

ele. Por outro lado, não seguia um gosto pessoal na escolha das vítimas; a Sra.

Ascher, Betty Barnard, Sir Carmichael Clarke, todos diferiam bastante uns dos

outros. Não havia nenhum sinal de complexo sexual, nem relativo à idade, o

que me pareceu um detalhe bem curioso. Se um homem mata de modo

indiscriminado isso pode ocorrer comumente por que ele busca eliminar

qualquer um que se põe em seu caminho ou o incomoda. *Mas a progressão*

*alfabética demonstrava não ser esse o caso.* O outro tipo de criminoso

normalmente escolhe *um tipo particular de vítima*, quase sempre do sexo

181

oposto. Havia alguma coisa fortuita no procedimento do ABC que me parecia

conflitar com a seleção alfabética.

E dei-me ao luxo então de fazer uma pequena suposição. A escolha feita pelo ABC me sugeriu o que chamaria de *um homem com fixação em*

*trens*. Isto é mais comum nos homens que nas mulheres. Meninos se amarram

mais em trens do que as meninas. Teríamos aí também um indício de uma

mentalidade não amadurecida. A sombra do "menino" ainda predominava.

A morte de Betty Barnard e a configuração do crime me forneceram algumas outras indicações. O estilo do assassinato foi particularmente

sugestivo. – Fez uma pausa muito breve antes e depois de dizer: Perdoe-me

Sr. Fraser. – Para começar, ela foi estrangulada com seu próprio cinto, portanto

era quase certo de que fora morta por alguém a quem conhecia ou era seu

namorado. Quando pude conhecer algo sobre seu caráter elaborei um retrato

da situação em minha mente.

Betty Barnard era namoradeira. Gostava de chamar a atenção dos rapazes sobre a sua pessoa. Portanto, para persuadi-la a sair com ele, o ABC

devia ter uma certa dose de atração... de *sex appeal!* Capaz, como dizem

vocês, de "fazer perder a cabeça".Ele tinha que ser bem sucedido! É assim que

imagino a cena na praia: o homem aprecia o cinto da moça. Ela o tira e aí, ele,

em tom de brincadeira, passa-o em volta do seu pescoço, dizendo, talvez: "Vou

enforcar você". Tudo com um toque brincalhão ainda. Mas então ela começa a

sufocar, e ele aperta mais...

Donald Fraser moveu-se. Estava lívido.

- Sr. Poirot... por favor.

Poirot fez um gesto rápido.

- Está terminado o que queria dizer sobre esse ponto. Não tocarei mais

nele. Passemos ao assassinato seguinte, ao de Sir Carmichael Clarke. Neste,

o criminoso retomou o seu método inicial: o golpe desferido na cabeça da

vítima. E o mesmo complexo alfabético, mas com um detalhe que me

desconcertou um pouco. Para ser conseqüente, o assassino devia ter

escolhido as cidades também numa seqüência definida.

- Se Andover é o nome que aparece após outros 154 na letra A, então

o crime B deveria ser o 155º também – ou então o de nº 156 e o C o 157. Aqui

182

novamente as cidades onde se deram os crimes parecem ter sido escolhidas

especialmente ao *acaso*.

- Não estaria vendo as coisas por esse prisma, por causa de seu modo

de ser, Poirot? Afinal, você é normalmente muito metódico e ordenado. Isso em

você é quase uma doença – insinuei.

- Não, *não* é uma doença! *Quelle idée!* Mas admito que tenha enfatizado demais esse detalhe. *Passons!*

- O crime de Chruston não me ofereceu indícios que ajudassem a

elucidar a questão. Não tivemos sorte também, já que a carta de aviso sofreu

um extravio, impedindo a tomada de providências imediatas.

Mas na ocasião em que o crime D foi anunciado, um amplo sistema de

defesa já fora acionado. Seria natural prever-se que o ABC não poderia

prosseguir adiante com seus crimes.

Além disso, foi então que obtive a pista das meias. Era perfeitamente

claro que a presença de um indivíduo vendendo meias no local do crime ou

imediações não podia ser uma coincidência. Assim, o vendedor de meias devia

ser o assassino. Devo dizer que a descrição desse indivíduo, como me foi feita

pela Srta. Grey, não correspondia absolutamente à idéia que eu fizera do

homem que estrangulara Betty Barnard.

Poirot fez uma breve pausa antes de prosseguir:

- Essa etapa iria ser logo superada porque um quarto crime fora

cometido então. A vítima chamava-se George Earlsfield, supostamente

assassinado por engano, já que o alvo do assassino seria um certo Sr.

Downes, praticamente da mesma constituição física e que se sentara perto de

George, no cinema.

*E aí, por fim, a maré da sorte mudou.* Os acontecimentos antes favoráveis ao ABC voltam-se contra ele. É identificado, caçado, e por fim preso.

Como diz Hastings, o caso é encerrado!

No que interessa à opinião pública isso é exato. O homem está na prisão agora e deverá, não há dúvida, ir para Broadmoor. Não haverá mais

outros assassinatos. Finis! – Ponto final!

*Mas não para mim!* Não sei nada, nada mesmo! Ignoro o *porque* e o

*para que?* E há ainda um detalhe bem incômodo. O Sr. Cust tem um álibi para

a noite do crime de Bexhill.

183

- É o que me tem intrigado o tempo todo – disse Franklin Clarke.

- Comigo também ocorreu o mesmo. Porque esse álibi tem toda a aparência de *autenticidade*. Mas não poderia ser genuíno a não ser... e aqui

chegamos a duas suposições bem interessantes.

Suponhamos, meus amigos, que embora Cust tivesse cometido *três* daqueles assassinatos – o A, o C e o D – *não houvesse cometido o crime B.*

- Sr. Poirot, isso não é...

Poirot fez Megan Barnard calar-se com um olhar.

- Calma, *mademoiselle.* Estou em busca da verdade, acredite! Tenho

lidado com mentiras e mentirosos e sei reconhecê-los. Bem, suponhamos, eu

dizia, *que o ABC não cometesse o segundo crime.* Este ocorreu, devem se

lembrar, nas primeiras horas do dia 25, data anunciada pelo próprio criminoso.

Mas suponhamos que alguém se antecipasse a ele? Em tais circunstâncias o

que o nosso homem faria? Cometer um *segundo assassinato*, ou aguardar

outra oportunidade e *aceitar o primeiro crime como uma espécie de presente*

*macabro?*

- Sr. Poirot! – exclamou Megan. – Essa é uma idéia fantástica! Todos

esses crimes *devem* ter sido cometidos pela mesma pessoa!

Poirot não tomou conhecimento do aparte e prosseguiu imediatamente.

- Tal hipótese teve o mérito de esclarecer um detalhe: *a discrepância*

*existente entre a personalidade de Alexander Bonaparte Cust, que nunca faria*

*nenhuma garota perder a cabeça por ele, e a personalidade do assassino de*

*Betty Barnard. E como já é sabido, esses aspirantes a assassinos têm tirado*

*vantagem dos crimes cometidos por outras pessoas. Nem todos os crimes*

*atribuídos a Jack, o Estripador foram por ele praticados. Até aí, tudo bem. Mas*

*então me defrontei com uma dificuldade específica.*

*Até a ocorrência do assassinato da Srta. Barnard, nenhum detalhe*

*sobre os crimes ABC viera a público. O crime de Andover despertara um*

*interesse mínimo. O detalhe do guia de trens encontrado aberto junto ao*

*cadáver nem sequer foi mencionado nos jornais. De onde se conclui que quem*

*quer que tivesse matado Betty Barnard devia ter acesso a fatos conhecidos*

*somente por certas pessoas:* eu, a polícia, e alguns parentes e vizinhos da Sra.

Ascher.

184

Essa linha de investigação parecia conduzir-me a um paredão branco e

sem brechas...

Os rostos voltados para Poirot estavam brancos também. Brancos e confusos.

Donald Fraser disse em tom sentencioso:

- Os membros da polícia, afinal de contas, são seres humanos. E são

homens de boa aparência... – interrompeu-se e olhou com ar interrogativo para

Poirot.

Meu amigo sacudiu a cabeça devagar:

- Não, é algo mais simples do que isso. Eu lhes disse que havia uma segunda hipótese. Pois bem, suponhamos que Cust *não* fosse responsável

pela morte de Betty Barnard? Suponhamos que *algum outro* a matou. Poderia

esse alguém mais ter sido responsável *pelos outros crimes também?*

- Mas isso não faz sentido! – exclamou Clarke.

- Não mesmo? – Fiz então o *que devia ter feito de início*. Examinei as

cartas que recebera de um ângulo totalmente diverso. Sentira desde o princípio

que havia algo de errado com aquelas cartas, exatamente como um *expert* em

pintura conhece que um determinado quadro é uma imitação...

- Eu tinha dado como certo, sem parar para refletir, que o erro existente

nas cartas residia no fato de terem sido escritas por um doente mental. Mas ao

reexamina-las, cheguei a uma conclusão totalmente diversa. *O que havia de*

*errado nelas era o fato de terem sido escritas por um homem normal!*

- O que? – eu exclamei.

- Sim, exatamente como eu disse! Elas soavam falso como uma tela falsa, justamente *porque elas eram uma fraude!* Eram pretensamente cartas

escritas por um louco, um lunático homicida, mas na realidade a coisa era bem

diferente.

- Isso não faz sentido – repetiu Franklin Clarke.

- *Mas si!* Deve raciocinar, refletir. Qual o objetivo do criminoso ao escrever tais cartas? Focalizar a atenção sobre o autor das mesmas, chamar a

atenção para os assassinatos! *Em verité*, à primeira vista isso não parecia fazer

sentido. Mas aí então discerni a verdade. Tratava-se de chamar a atenção

sobre vários crimes, um *grupo* deles... Não foi o vosso grande Shakespeare

quem disse: "Não se vê as árvores mas a floresta?"

185

Não quis corrigir a citação literária feita por Poirot. Estava muito preocupado em captar a linha de seu raciocínio. Tive então um vislumbre da

questão. Mas ele prosseguiu:

- Quando se presta atenção num insignificante alfinete? Quando está

numa alfineteira? Quando alguém se apercebe de um crime comum, isolado?

Só quando ele se torna parte de *uma série de crimes interligados*.

- Sim, eu estava às voltas com um criminoso extremamente astuto, cheio de inventiva, indiferente, ousado e um jogador consumado. *Não* alguém

como o Sr. Cust! Ele nunca cometeria aqueles assassinatos! Não, eu tinha de

pensar numa personalidade bem diferente, alguém com um temperamento de

garoto – como atestavam as cartas com um toque escolar e o guia de trens –

um homem atraente para as mulheres, com um cruel desrespeito pela vida

humana, enfim um homem que fora necessariamente uma figura proeminente

em *um* daqueles crimes!

Consideremos agora as indagações imediatas que a polícia costuma

fazer quando ocorre um assassinato. Oportunidades: Onde determinada

pessoa estava na ocasião do crime? Motivo: quem se beneficiaria com a morte

da vítima? Se o motivo e a oportunidade são muito óbvios, o que o suposto

assassino deve fazer? Forjar um álibi, isto é, manipular o *tempo* de algum

modo? Mas isso constitui sempre uma manobra fortuita. Nosso criminoso

pensou em uma cobertura mais fantasiosa; criou um criminoso *involuntário!*

- Eu teria de reexaminar apenas os crimes já cometidos e descobrir o

provável culpado. No crime de Andover, o suspeito parecia ser Franz Ascher,

mas não podia imaginá-lo inventando e levando a cabo um plano tão elaborado

e nem conseguia encará-lo como capaz de premeditar um assassinato. E no de

Bexhill? Bem, Donald Fraser era uma possibilidade. Tinha inteligência e

capacidade, e um espírito metódico. Mas seu motivo para matar sua namorada

só poderia ser ciúme, e tal sentimento não combina com premeditação.

Também soube que ele tirara suas férias *no início* de agosto, o que tornava

muito improvável sua participação no crime de Churston. E aqui chegamos ao

assassinato de Churston... e aí entramos num terreno muito promissor.

Sir Carmichael Clarke era um homem de muitas posses. Quem

herdaria sua fortuna? Sua esposa, que está desenganada, achava-se

desligada de tal interesse, portanto os bens iriam para as mãos de *seu irmão*

*Franklin.*

E Poirot voltou-se devagar até que seu olhar se encontrou com o de Franklin Clarke.

- Já me sentia na direção certa. O homem que eu passara a conhecer

desde algum tempo, de um modo subconsciente, *era o mesmo que eu*

*conhecera pessoalmente. O ABC e Franklin Clarke eram uma só e mesma*

*criatura!* O mesmo temperamento aventureiro, o eterno viajante, com uma

visão sempre parcial em relação à Inglaterra, demonstrada por ele vagamente

na sua ironia a respeito dos estrangeiros. Com seu modo de ser independente

e desinibido, nada mais fácil para ele do que deslumbrar uma garota numa

lanchonete. O espírito metódico, afeito a classificações – eu o vi fazer certo dia

uma lista, assinalando os principais itens do caso ABC – e finalmente o espírito

meio infantil – mencionado por Lady Clarke e demonstrado ainda pelas suas

preferências por certo tipo de novelas. Eu averigüei que na biblioteca da

mansão Cambeside há um livro intitulado *The Railway Children* de E. Nesbit.

Em minha mente não restava mais nenhuma dúvida: o ABC, o homem que

escrevera as cartas e cometera os crimes, era Franklin Clarke.

Clarke explodiu numa súbita risada.

- Muito engenhoso! E que me diz de nosso amigo Cust, apanhado com

a boca na botija? E quanto ao sangue no seu casaco? E a faca que ele

escondeu onde morava? Ele pode negar que cometeu os crimes, mas...

Poirot o interrompeu:

- Aí é que se engana. Ele admite a evidência.

- Como? – Clarke olhou-o realmente surpreso.

- Mas sim – disse Poirot suavemente. – Eu ainda não tinha dito que estou consciente de que Cust *se acredita culpado*.

- E nem isso satisfaz o ilustre Sr. Poirot? – retrucou Clarke.

- Não. Porque assim que o vi *logo soube que ele não podia ser o*

*culpado!* Cust não tem o sangue-frio nem a ousadia e nem, devo acrescentar,

*cérebro* para idear esquemas! Todo o tempo estive consciente da dupla

personalidade do criminoso. Agora vejo em que ela consistia. Duas pessoas se

envolveram no caso; o verdadeiro assassino, astuto, cheio de inventiva e

audacioso, e o pseudocriminoso, simplório, hesitante e sugestionável.

187

Sugestionável, eis aí a palavra, que elucida o mistério do Sr. Cust! Não

lhe bastou, Sr. Clarke, idear esse plano de uma *série* de crimes para distrair a

atenção de um *único*. Tinha de conseguir também um bode expiatório.

Acho que tal idéia nasceu em sua mente por ocasião de um encontro

casual num bar da cidade com aquela estranha pessoa de nome bombástico.

Naquela mesma ocasião o senhor estava pensando num plano para assassinar

seu irmão.

- É mesmo? E por que?

- Porque estava seriamente preocupado com seu futuro. Não sei se o

senhor percebeu que ao me mostrar aquela carta escrita pelo seu irmão estava

se colocando em minhas mãos... Na referida carta, Sir Carmichael evidenciava

claramente sua afeição e interesse pela Srta. Thora Grey. Seu interesse

poderia ser paternal, ou ele preferia encara-lo assim. No entanto, havia o

perigo, muito real, de que, com a morte de Lady Clarke, Sir Carmichael,

sentindo o peso da solidão, se voltasse para essa bela jovem, em busca de

afeto e consolo e tudo terminasse, como é freqüente com homens já idosos,

em casamento. Seu medo, Sr. Clarke, se acentuou por já conhecer a Srta.

Grey. O senhor é, segundo imagino, um excelente conhecedor do caráter das

pessoas, ainda que meio cínico. Considerou assim, acertadamente ou não, que

a Srta. Grey era o tipo de moça "interesseira". Não tinha dúvidas de que ela

deveria agarrar a oportunidade de se tornar a nova Lady Clarke. Seu irmão era

muito rico e ainda robusto. Poderiam ter filhos e assim, sua chance de herdar

os bens de seu irmão desapareceria.

No fundo, imagino que o senhor tenha sido até hoje um homem frustrado. Tem sido a personificação do ditado popular – “pedra que rola muito

não cria limo”. Você sentia uma rancorosa inveja da fortuna pessoal de seu

irmão.

Repito que seu encontro acidental com o Sr. Cust lhe propiciou uma boa idéia depois de ter pensado em vários planos. Os prenomes extravagantes

de Cust, sua confiança a respeito das crises epiléticas e dores de cabeça

intermitentes, sua figura acanhada e quase insignificante lhe pareceu logo a

ideal para instrumento de seus planos. O esquema alfabético brotou então em

sua mente – as iniciais de Cust – o fato de que o nome de seu irmão

começasse por C e que ele vivesse em Churston era o núcleo do esquema

188

montado para o crime. Chegou mesmo ao extremo de prever para Cust seu

provável destino final... embora dificilmente pudesse supor que tal sugestão

viesses a dar o belo fruto que deu!

Suas artimanhas foram excelentes. Em nome de Cust escreveu a uma

grande fábrica de artigos de malha, solicitando que remetessem aquelas meias

para o endereço do mesmo. Aí você enviou uma caixa semelhante às outras da

fábrica, mas dessa vez contendo exemplares do guia ABC. Escreveu então

uma carta a Cust, pretensamente datilografada na tal firma, oferecendo-lhe um

bom salário e comissão para vender meias. Seus planos foram tão bem

previstos que datilografou todas as cartas a serem enviadas subsequentemente,

*e então presenteou Cust com a mesma máquina em que elas tinham sido*

*datilografadas.*

Tinha agora de pensar em duas vítimas cujos nomes começassem com

A e B, respectivamente, e que vivessem em lugares também iniciados com as

mesmas letras.

Fixou-se em Andover como sendo um local adequado e um reconhecimento preliminar levou-o a escolher a loja da Sra. Ascher como cenário do primeiro crime. O nome da proprietária estava bem visível na tabuleta da porta, e você já sabia por verificação pessoal que ela costumava ficar sozinha na loja. Mata-la era questão de frieza, ousadia e uma dose de sorte apenas razoável.

Para a letra B houve necessidade de mudar de tática. Àquela altura, todas as donas de lojas que vivessem sozinhas já estariam alertas certamente.

Posso imagina-lo como um freqüentador de alguns bares e lanchonetes, rindo e dizendo frases interessantes para as garçonetes até descobrir uma cujo nome começasse com a letra certa, e que fosse a indicada para seus propósitos.

Em Betty Barnard você encontrou exatamente o tipo de garota que estava procurando. Levou-a para passear uma ou duas vezes, confidenciando-

lhe que era um homem casado, e que os encontros deviam, assim, ser

realizados de modo muito discreto.

Então, tendo completado a parte preliminar do plano, pôs mãos à obra!

Enviou a Cust uma lista de possíveis compradores residentes em Andover,

189

dizendo-lhe para ir lá num dia determinado, e remeteu-me então a primeira

carta com a sigla ABC.

No dia marcado você foi a Andover e matou a Sra. Ascher, sem que nada ocorresse em prejuízo de seu plano.

O assassinato nº 1 fora bem sucedido.

Quanto ao segundo crime, tomou a precaução de comete-lo, na realidade, *um dia antes*. Tenho plena certeza de que Betty Barnard foi

assassinada bem antes da meia-noite de 24 de julho.

Passemos agora ao assassinato nº 3, o que realmente importava para

o criminoso, o único *legítimo* de acordo com seu ponto de vista.

E aqui cabe um grande voto de louvor a Hastings, que fizera uma

observação simples e muito óbvia mas que não mereceu qualquer atenção.

*Ele insinuou que a terceira carta fora extraviada propositalmente! E tinha razão!...*

Neste simples detalhe está a resposta à indagação que vinha me intrigando tanto. Por que as cartas eram endereçadas a Hercule Poirot, um

detetive particular, e não diretamente à polícia?

Eu pensara, erroneamente, numa razão de ordem pessoal. Mas não era nada disso! As cartas me foram dirigidas porque seu plano consistia em

que uma delas *não trouxesse o endereço correto e se extrviasse*. Claro que

não poderia usar do mesmo artifício com uma carta endereçada ao DIC da

Scotland Yard visando um extravio proposital. Seria necessário contar com um

endereço *particular*. E assim o senhor me escolheu por ser uma pessoa bem

conhecida, e que seguramente levaria tais cartas ao conhecimento da polícia.

E também, devido à sua mentalidade insular, porque se divertiria zombando de

um estrangeiro.

Endereçou a carta de maneira muito esperta – a troca de Whitehaven

por Whitehorse –, dando a impressão de um equívoco comum. Somente

Hastings mostrou-se bastante perspicaz para ignorar sutilezas e ir direto ao

óbvio!

Naturalmente que o retardamento na entrega da carta fora planejado. A

polícia só entraria em ação *quando o assassino estivesse longe e em*

*segurança*. Os passeios noturnos de seu irmão lhe forneceram a oportunidade

para o crime. E de tal maneira a imagem aterradorizante do ABC se instalara na

190

mente popular que a possibilidade de ser o senhor o culpado nunca ocorreu a

ninguém.

Após a morte de seu irmão, naturalmente, o objetivo que você tinha em

vista fora cumprido. Não alimentava nenhum desejo de cometer outros

assassinatos. Mas, por outro lado, se a série de crimes fosse encerrada sem

razão alguma, a verdade poderia vir a ser suspeitada.

Seu bode expiatório, o Sr. Cust, vivera tão bem seu papel de homem

“invisível”, quase apagado, que ninguém notara que a mesma pessoa fora vista

nas vizinhanças dos locais onde haviam ocorrido os três assassinatos! Nem

mesmo sua visita à mansão Combeside fora mencionada, para maior

contrariedade do Sr. Franklin Clarke. Este detalhe fora praticamente esquecido

pela Srta. Grey.

Sempre ousado, o senhor decidiu que havia necessidade de consumir

mais um crime, mas dessa vez a pista deveria ser bem disfarçada. E então,

escolheu Doncaster para cenário de operações.

- Seu plano era muito simples. O senhor estaria na cena do crime

segundo a ordem natural das coisas. O Sr. Cust receberia instruções de seus

supostos empregadores para ir a Doncaster. Seu plano, Sr. Clarke, consistiria

em segui-lo e aguardar a oportunidade ideal. Tudo se encaminhava bem. O Sr.

Cust entrou num cinema. Seria simples demais. Então o senhor sentou-se

numa poltrona pouco afastada da do Sr. Cust. Quando ele se levantou para

sair, o senhor o imitou. Simulou a atitude de um indivíduo desajeitado e

vagaroso, aí inclinou-se sobre a poltrona da frente a pretexto de recolher seu

chapéu e esfaqueou o homem que ali cochilava, deixando aos pés do mesmo

um exemplar do guia ABC. Alcançou o Sr. Cust, esbarrando nele, na penumbra

do corredor e foi então que se desfez da faca, deixando-a deslizar dentro do

bolso do casacão de seu bode expiatório...

Nem sequer se preocupou em escolher dessa vez uma vítima cujo

nome começasse por D. Podia ser qualquer um! Tinha em conta – e com razão

– de que isso poderia ser encarado como um *engano*. Era de se esperar que

houvesse alguma pessoa no cinema cujo nome se iniciasse por um D. E a

polícia julgaria que essa era a vítima escolhida realmente.

Num clima de tensão e expectativa, Poirot prosseguiu:

191

- E agora, meus amigos, analisemos a questão do ponto de vista do falso ABC, isto é, o Sr. Cust.

O crime de Andover nada lhe dizia de particular. Ele estava e continua

chocado e surpreso é com o assassinato de Bexhill... por que ali estivera na

ocasião! Então aconteceu o crime de Churston e as manchetes nos jornais. Um

crime do ABC em Andover quando ele, Cust, ali também estivera de passagem, um outro crime com a marca ABC em Bexhill, e agora aquele outro

num local próximo de onde também estivera... Três crimes e *ele tinha estado*

*no cenário dos mesmos.* Pessoas que sofrem de epilepsia, comumente sofrem

de lapsos de memória e não conseguem se lembrar do que fizeram quando em

crise... Lembrem-se de que Cust é um individuo nervoso, confuso, e altamente

impressionável.

Então ele recebe a instrução para ir a Doncaster.

Doncaster! O próximo crime ABC seria ali. Ele deve ter encarado isso

como se fosse seu destino irremediável. Com os nervos à flor da pele,

imaginou que sua senhoria o olhava com desconfiança, e lhe disse então que

ia a Cheltenham.

Foi a Doncaster por ser esse seu dever. Ao fim da tarde foi ao cinema.

Possivelmente adormeceu por uns dois minutos.

Imaginem como se sentiu ao voltar para a pensão e descobrir *que*

*havia manchas de sangue na manga de seu casaco e uma faca*

*ensanguentada em seu bolso. Aí todas as suas vagas suspeitas se*

transformaram em certeza. Sim, ele... *ele era o assassino!* Recordou suas

dores de cabeça violentas, seus lapsos de memória... Estava certo de que, na

verdade, ele, *Alexander Bonaparte Cust, era um lunático homicida.*

Seu modo de proceder então torna-se o de um animal caçado. Deixa

para trás Doncaster e retorna à pensão londrina. Está a salvo ali, pensa então.

Todos ali julgam que fora a Cheltenham. Ainda mantém consigo a faca – uma

idiotice realmente tê-la conservado. Então a esconde atrás do armário de

roupas do vestíbulo.

Mas, certo dia é avisado por telefone que a polícia iria procura-lo na pensão. Era o fim! Eles já *sabiam!* E o animal caçado dá sua última escapada...

192

Não sei por que ele foi para Andover, talvez um desejo mórbido, penso

que para ver de perto o local onde o primeiro crime fora cometido, o que

*cometera* embora nada recordasse a respeito...

Estava sem dinheiro no bolso, exausto, faminto... e seus passos o levaram mecanicamente ao distrito policial.

Mas mesmo um animal acuado lutaria nessa situação. O Sr. Cust acredita piamente ter cometido aqueles crimes embora se aferre com

veemência à sua alegação de inocência. E se apega com desespero àquele

*álibi* referente ao segundo crime. Pelo menos esse não lhe deveria ser

atribuído.

Como já disse aqui, ao vê-lo logo percebi que *não era* o assassino e que meu nome *nada significava* para *ele*. Percebi, também, que ele *pensava*

ser o assassino! E depois que me confessou sua culpa, tive mais do que nunca

a certeza de que minha teoria era correta.

- Sua teoria – disse Franklin Clarke – é absurda!

- Não, Sr. Clarke – retrucou Poirot, movendo a cabeça. – *Só esteve a*

*salvo enquanto ninguém suspeitava do senhor. Uma vez que se tornou*

*suspeito* as provas surgiram com facilidade.

- Que provas?

- Eu encontrei a bengala que usou nos crimes de Andover e Churston.

Estava num armário na mansão Combeside. Uma bengala comum, com um

castão maciço. Uma parte da madeira fora removida para que ali se introduzisse chumbo derretido. Uma foto sua foi reconhecida entre uma dúzia

de outras por duas pessoas que o viram sair do cinema quando se supunha

que estivesse no hipódromo de Doncaster. No outro dia, em Bexhill, você foi

reconhecido por Milly Higley e uma empregada do motel onde esteve jantando

com Betty Barnard na noite do crime. E finalmente – o mais grave de tudo –

*você se esqueceu de tomar uma precaução elementar, ao deixar suas*

impressões digitais na máquina de escrever enviada a Cust; a mesma máquina

*que, se você fosse inocente daqueles crimes, jamais teria usado.*

Clarke permaneceu sentado ainda por instante, então ergueu-se e exclamou:

- *Rouge, impar, manque!* – a vitória é sua, Sr. Poirot! – Mas valeu a pena tentar!

193

Com um movimento incrivelmente rápido ele retirou uma pequena pistola automática do bolso do paletó e apontou para sua própria cabeça.

Dei um grito e recuei instintivamente, como se o disparo fosse iminente.

Mas não soou nenhum disparo. O percussor bateu no vazio.

Clarke olhou para a arma atônito e soltou um palavrão.

- Não, Sr. Clarke – disse Poirot – não adianta insistir. Devia ter notado

que contratei um novo criado hoje, um amigo meu, de mãos muito leves... Ele

conseguiu tirar-lhe a pistola do bolso, retirou as balas e recolocou em seu

bolso, sem que o senhor desse pela coisa.

- Estrangeiro almofadinha, miserável! – gritou Clarke, vermelho de raiva.

- Sim, sei como se sente e como encara os estrangeiros. Mas a morte

não lhe será fácil como pensava. Certa vez disse ao Sr. Cust que por duas

vezes escapara de morrer afogado. Sabe o que isso significa, não? Que você

nasceu para ter um outro destino.

- Seu...

As palavras lhe faltaram. Estava lívido. Brandia os punhos

ameaçadoramente. Mas aí dois agentes da Scotland Yard saíram do quarto ao

lado. Um deles era o Inspetor Crome. Acercou-se de Clarke e pronunciou a

frase de praxe: "Saiba que tudo que disser poderá servir de prova contra a sua

pessoa".

- Ele já disse o suficiente – declarou Poirot. E acrescentou para Clarke:

- Você faz alarde de uma superioridade insular, mas eu não considero seu

crime como um clássico crime inglês, franco, *esportivo*...

## CAPÍTULO 35 - FINALE

Sinto-me até constrangido em confessa-lo, mas assim que a porta se

fechou atrás de Franklin Clarke, desatei a rir.

Poirot me olhou meio surpreso.

- Estou rindo por você ter dito a Clarke que ele cometera um crime não-

esportivo – disse ofegante devido ao acesso de riso.

194

- E é uma verdade. Cometeu algo abominável, não tanto o assassinato

do irmão, mas o sadismo e a crueldade de condenar um pobre homem a viver

a morte em vida. *Caçar uma raposa, coloca-la numa caixa e nunca deixa-la*

*escapar! Isso não é le sport!*

Megan Barnard deu um suspiro profundo, murmurando:

- Custa a acreditar... não consigo. É verdade?

- Sim, *mademoiselle*. O pesadelo acabou.

Olhou-a significativamente e ela enrubesceu.

Voltando-se para Donald Fraser, Poirot disse:

- *Mademoiselle* se viu perseguida todo esse tempo pelo temor de que

tivesse sido o senhor o autor do segundo assassinato.

Donald Fraser retrucou em tom sereno:

- Cheguei até a me imaginar como o assassino certa vez.

- Por causa daquele seu sonho? – Poirot acercou-se mais do rapaz e

lhe confidenciou: - Seu sonho tinha uma explicação bem natural. No fundo já

intuía que a imagem de uma das duas irmãs se diluía em sua mente e era

substituída pela da outra.

*Mademoiselle* Megan veio ocupar o lugar da irmã em seu íntimo, mas

como o senhor não admitia a idéia de se mostrar infiel logo após a morte de

sua namorada, lutou para abafar a idéia de mata-la! Eis a explicação do seu

sonho.

O olhar de Fraser fixou-se em Megan.

- Não seja tão escrupuloso em se libertar de lembranças – disse Poirot.

– Ela não merecia ser relembrada assim. Em *Mademoiselle Barnard* você terá

uma companheira ideal, *un couer magnifique!*

Os olhos de Donald Fraser brilharam vivamente.

- Creio que tem toda razão.

Todos nós assediamos Poirot com perguntas, visando elucidar um ou

outro detalhe do caso.

- E aquelas perguntas, Poirot. As que você fez a todos. Havia algum objetivo naquele jogo de verdade?

- Algumas eram simplesmente *une blaque*. Mas apurei uma coisa que

desejava saber: *que Franklin Clarke estava em Londres quando a primeira*

*carta foi remetida*, e também queria ver sua reação quando formulei aquela

195

pergunta à *Mademoiselle* Thora. Ele abriu sua guarda. Notei malícia e rancor

em seus olhos.

- O senhor dificilmente adivinharia meus sentimentos – disse Thora

Grey.

- Não esperava que me respondesse a verdade, *mademoiselle* – disse

Poirot, secamente. – E agora, sua segunda oportunidade foi frustrada. Franklin

Clarke não herdará o dinheiro do irmão.

Thora Grey ergueu a cabeça com altivez.

- Tenho de ficar aqui e ser insultada?

- De maneira alguma – disse Poirot e abriu a porta para ela, com cortesia irônica.

- Aquele detalhe das impressões digitais liquidou a luta, Poirot – eu disse então. – Ele desabou quando você mencionou isso.

- Sim, as sempre úteis impressões digitais.

E eu o ouvi acrescentar serenamente:

- Adicionei tal detalhe só para agrada-lo, meu amigo.

- Mas, como, Poirot? – exclamei. – Então não era *verdade*?

- Nem um pouco, *mon ami* – respondeu Hercule Poirot.

Devo mencionar ainda a visita que o Sr. Alexander Bonaparte Cust nos

fez poucos dias depois. Após apertar a mão de Poirot com veemência e

articular frases meio confusas e desajeitadas de agradecimento, o Sr. Cust

empertigou-se e disse:

- Não sei se o senhor sabe, mas um jornal acaba de me oferecer cem

libras – *uma centena de libras* – por um resumo da minha vida e da história que

acabo de viver. Eu... realmente não sei o que fazer nesse caso.

- Eu não aceitaria cem – disse Poirot. – Faça pé firme e diga que seu

preço é de quinhentas libras. E não se limite a um jornal apenas.

- O senhor acha então... que eu devo...

- Você deve pensar – disse Poirot, sorrindo – que agora é um homem

famoso. Praticamente o mais conhecido na Inglaterra atualmente.

O Sr. Cust empertigou-se ainda mais. Sua expressão era de puro êxtase.

196

- Sabe, acho que o senhor está certo! Famoso! Minha história em todos

os jornais. Seguirei seu conselho, Sr. Poirot. O dinheiro será muito útil... muito

bom. Terei umas pequenas férias... E também desejo dar um belo presente de

casamento a Lily Marbury, uma boa moça, realmente, Sr. Poirot.

Poirot bateu-lhe no ombro, encorajando-o.

- Faz muito bem. Trate de se divertir. E...apenas uma sugestão: que me diz de uma visitinha ao oculista? Essas suas dores de cabeça talvez

aconteçam por que precisa de novas lentes.

- O senhor acha que a causa deve ter sido essa até aqui?

- Penso que sim.

O Sr. Cust trocou outro forte aperto de mão com meu amigo.

- É realmente um grande homem, Sr. Poirot.

Poirot como lhe era habitual, não deixou de apreciar o elogio. Nem mesmo cuidou de aparentar modéstia.

Quando o Sr. Cust retirou-se, empertigado em sua nova posição de homem importante, meu velho amigo sorriu e me disse:

- Então, Hastings, nós estivemos caçando juntos uma vez mais, hem?

*Vive le sport.*

# Document Outline

- [27](#)
- [36](#)
- [Untitled](#)
- [138](#)
- [177](#)

# Table of Contents

[27](#)

[36](#)

[Untitled](#)

[138](#)

[177](#)